

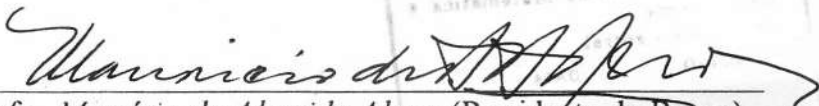
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

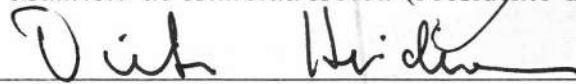
FRIEDRICH RATZEL ATRAVÉS DE UM PRISMA


*Luciana de Lima Martins*

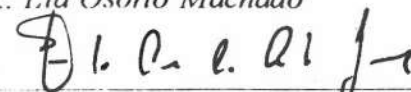
DISSERTAÇÃO SUBMETIDA AO CORPO DOCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM CIÊNCIAS (M. Sc.).

APROVADA:

  
Prof.: *Maurício de Almeida Abreu* (Presidente da Banca)

  
Prof.: *Heinz-Dieter Heidemann*

  
Prof.: *Lia Osório Machado*

  
Prof.: *Paulo Cesar da Costa Gomes*

Rio de Janeiro, RJ - Brasil  
setembro de 1993

T  
1106  
113864

UFPR

Centro de Ciências Matemática e  
de Física  
Biblioteca Central

N.º REGISTRO

DATA

043107-9

13/04/94

ORIGEM

doação IG/BIBL./PGG.

inv. jul. 197

inv. 2011

inv. 2014

## FICHA CATALOGRÁFICA

MARTINS, Luciana de Lima.

Friedrich Ratzel através de um prisma. -- Rio de Janeiro : UFRJ, 1993.

xii, 128p. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) -- Univ. Federal do Rio de Janeiro/PPPG, 1993.

Bibliografia: p.106-114. Apêndice I: p.115-126. Apêndice II: p.127-128.

1. Ratzel, Friedrich, 1844-1904. 2. Geografia - História 3. Geografia - Filosofia I. Universidade Federal do Rio de Janeiro II. Título.

*Para Luiz*



"O que a verdade objetivamente é permanece algo bastante difícil de determinar, mas não devemos nos deixar aterrorizar por isso no relacionamento com as pessoas. Para tanto há critérios, que de início são suficientes. Um dos mais confiáveis é objetar a alguém que uma certa afirmação é 'objetiva demais'. Se se faz valer isso, ainda mais com aquela indignação onde ecoa a harmonia enfurecida de todas as pessoas razoáveis, então tem-se motivo para ficar satisfeito consigo mesmo por alguns segundos. Os conceitos de subjetivo e objetivo foram completamente invertidos. O que se chama de 'objetivo' é o lado não controverso pelo qual aparecem as coisas, seu clichê aceito inquestionadamente, a fachada composta de dados classificados, em suma: o que é subjetivo; e o que as pessoas chamam de 'subjetivo' é o que rompe tudo isso, o que entra na experiência específica de uma coisa, dispensa os juízos convencionados sobre isso, colocando a relação com o objeto no lugar da resolução majoritária daqueles que sequer o contemplam, quanto menos o pensam, em suma: o que é objetivo."

Theodor Adorno, *Minima Moralia*

## APRESENTAÇÃO

Friedrich Ratzel. Um homem do final do século XIX. Mais precisamente, viveu de 1844 a 1904, na distante Alemanha que se unificava. Além de geógrafo, zoólogo, naturalista, etnógrafo, jornalista e historiador. Para muitos, um dos pais fundadores da geografia moderna, provedor dos fundamentos de um estudo sistemático comparativo da geografia humana. Para muitos, também, não há como dissociar seu nome do *determinismo ambiental*, bem como da estratégia imperial bismarckiana. Ratzel produziu, de 1878 até sua morte, cerca de 1240 trabalhos<sup>1</sup>, incluindo 16 livros. Surpreende que, com uma obra tão vasta, de quando em vez depara-se com referência a apenas dois de seus livros -*Anthropogeographie* ("Antropogeografia") e *Politische Geographie* (Geografia Política)<sup>2</sup>.

Esta dissertação visa abrir o leque. Não se trata de revelar o *verdadeiro* Ratzel, esta herança positivista que, de vez em vez, faz cócegas e quase se sucumbe a ela. Tampouco de ler a obra completa do geógrafo para dizer a todos o que ele disse<sup>3</sup>. Os objetivos são mais modestos. Inicialmente, na *Introdução*, identificam-se brevemente as origens dos clichês imputados ao mestre. Como, por quem e por quê foi lido nos diversos momentos e pelas diversas "escolas" constituem o horizonte em questão.

Logo em seguida, ousa-se buscar ferramentas que permitam profanar essas etiquetas do pensamento; a reflexão crítica sobre a possibilidade de se compreender o outro, juntamente com as balizas teóricas para se trilhar a história do pensamento geográfico compõem o *Capítulo 1*, que visa aprofundar as questões metodológicas. Problematiza-se a alteridade, cerne

---

<sup>1</sup> Helmolt, 1906; p.LIX.

<sup>2</sup> Respectivamente, 1882 e 1891 (2 V.), e 1897.

<sup>3</sup> O que seria ótimo mas, por mais que se cultive intimamente "um secreto compromisso com a onipotência", como diz a Prof<sup>a</sup> Margarida de Souza Neves, tal tarefa seria irrealizável.

do problema hermenêutico geral e, particularmente, a história do pensamento geográfico sob esse ângulo.

O *Capítulo 2* consiste numa visão panorâmica da vida e da obra de Ratzel; além de sua autobiografia<sup>4</sup>, contou-se com a ajuda de outros autores que se dedicaram ao tema<sup>5</sup>. Por ter tido acesso a textos alemães, multiplicaram-se as facetas do geógrafo. Além do já propalado Ratzel "antropogeógrafo" e Ratzel "geopolítico", emergiu o Ratzel religioso e romântico, que tem veleidades literárias -patente em sua autobiografia-, que discute os limites da ciência e da fé religiosa, que fala do sublime, que descreve as paisagens, que se aconchega na natureza.

O prazer dessa descoberta fermentou o interesse pelos textos ratzelianos que tratam da descrição de paisagens. Seu lado artístico propiciou a sintonia com seu pensamento. No *Capítulo 3* faz-se, dessa forma, uma imersão em três artigos precisos, publicados nos *Pequenos Escritos*<sup>6</sup> (*Kleine Schriften*), onde o geógrafo detém-se, respectivamente, no uso das palavras para a descrição da natureza, na pintura de paisagens e na descrição da paisagem toscana.

Pode parecer estranho o interesse num prisma que, se vislumbrado o conjunto da obra ratzeliana, é pouco expressivo. Se inserido na perspectiva da história do pensamento geográfico, então, não faria -à primeira vista- sentido algum. Como se verá adiante, foram pouquíssimos os geógrafos que se debruçaram sobre o tema. Mas tem-se a esperança de que essa escolha, no decorrer do trabalho, adquira inteligibilidade.

Apesar do deleite com as palavras do mestre, estas provocaram também um certo desconforto: o olhar que se pretende *fidel* à natureza que descreve parece *trair* essa mesma natureza. No *Capítulo 4* tomou-se a liberdade, a partir desse troço, de especular criticamente sobre as implicações do tipo de olhar identificado, de raiz positivista. Positivismo

---

<sup>4</sup> 1911.

<sup>5</sup> Destacam-se os trabalhos de Buttmann, 1977; Wanklyn, 1961 e; Bassin, 1987.

<sup>6</sup> Helmolt, *op. cit.*

e romantismo perfazem, assim, o núcleo da discussão, inserindo-os no ambiente científico da Alemanha do final do século XIX.

Retoma-se então, no *Capítulo Final*, o olhar panorâmico, tendo-se passado pela experiência das diversas fases da compreensão a que alude Todorov<sup>7</sup>. Esse capítulo não se pretende, de modo algum, conclusivo. Pelo contrário. O olhar prismático sobre os textos ratzelianos, na perspectiva de entendimento do "desvio" do saber que deixam entrever, busca, sobretudo, dispersar o espectro visível do raio branco que lhe serve de rótulo.

Uma advertência. As traduções das citações dos livros estrangeiros, salvo os que já foram traduzidos para o português, são de inteira responsabilidade e risco da autora. Apesar da perda estilística, espera-se que a leitura fique mais corrente. Cabe ao leitor julgar.

As páginas que se seguem devem-se a muitas pessoas: Luiz, pela abertura de tantas novas perspectivas; Rubens, que cedo insistiu na importância do aprendizado de outras línguas; Silvia e Homero por todo apoio logístico e "ilogístico"; Prof. Maurício Abreu, pelo incentivo e pela aposta confiante; Prof. Ferdinand Reis, a quem devo, dentre uma infinidade de outros ensinamentos, o da língua alemã. Agradeço ainda ao Prof. Heinz-Dieter Heidemann pela bibliografia indicada, ao Prof. Wolf-Dietrich Sahr pela presteza com que possibilitou o acesso aos *Pequenos Escritos*<sup>8</sup> (*Kleine Schriften*), à Dr<sup>a</sup> Regina Mahlke da *Staatsbibliothek zu Berlin*, pelo envio do artigo solicitado, aos demais professores do Departamento de Geografia da UFRJ pelo apoio recebido e ao auxílio do CNPq, que tornou possível a dedicação à dissertação.

---

<sup>7</sup> (1991) Estudadas no *Capítulo 1*.

<sup>8</sup> Helmolt, *op.cit.*

## RESUMO

O que se lê hoje sobre Friedrich Ratzel? Que é pai fundador da geografia moderna, provedor dos fundamentos de um estudo sistemático comparativo da geografia humana, arauto do *determinismo ambiental* e que alicerçou, com sua geografia política, a estratégia imperial bismarckiana. No entanto, sua obra é muito vasta, e seu lugar na história do pensamento geográfico deve ser reestudado.

Os clichês imputados ao geógrafo revelam, mas também velam. Velam, sobretudo, a complexidade do final do século XIX, desse momento de "virada" do saber, de deslumbramento, de medo, onde a *naturalização* da nova ordem que se impõe -da influência do homem sobre o homem- faz com que, cada vez mais, o pensamento apavorado busque refúgio na *natureza* idealizada.

Partindo de uma abordagem hermenêutica, esta dissertação aprofundou-se na vida e obra de Ratzel. Revelou-se um novo prisma do geógrafo: o Ratzel romântico. Muito pouco mencionado na história do pensamento geográfico, trata-se do Ratzel que descreve a paisagem, que *narra* a natureza. Ao trabalhar com os conceitos de "paisagem" e de "natureza" do geógrafo, discute-se o par romantismo-positivismo, inserindo-o no ambiente científico da Alemanha do final do século XIX. Busca-se, assim, contribuir com mais alguns elementos que propiciem o entendimento dessa fase histórica tão decisiva para o campo do saber em geral, e da geografia, em particular.

## ABSTRACT

What is it known nowadays about Friedrich Ratzel? That he is the putative father of the Human Geography, herald of the *environmental determinism* and also, that he has helped, with his Political Geography, to set up the imperial bismarckian strategy. Besides that, he has extensively written and his place in the history of geographical thought must be revised.

The clichés imputed to the geographer reveal but also veil. Veil, above all, the complexity of the nineteenth century, moment of knowledge's turned-around, of dazzle and fear, when the *naturalization* of the new order that imposes itself -of the influence of man over man- induces more and more the frightened thought to look for shelter in the idealized *nature*.

From an hermeneutic approach, this dissertation went deep in Ratzel's life and work. A new prism of the geographer was revealed: the romantic Ratzel. Scarcely mentioned in the history of the geographical thought, it deals with the Ratzel who depicts landscape, who *narrates* nature. Dealing with the geographer's concepts of "landscape" and "nature", the romanticism-positivism pair is discussed, inserting it in the Germany's scientific ambience of the nineteenth century's ending. We try, thus, to contribute with some more elements to the understanding of this so decisive historical phase for knowledge as a whole and Geography, in particular.

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	v
INTRODUÇÃO .....	1
DOS CLICHÊS .....	1
CAPÍTULO 1 .....	9
A PROFANAÇÃO DOS CLICHÊS .....	9
CAPÍTULO 2 .....	19
VIDA E OBRA .....	19
<i>Aprendendo a ver</i> .....	19
<i>Aprendendo a trabalhar</i> .....	22
<i>Um pouco de história</i> .....	24
<i>Estudando</i> .....	28
<i>Começando a viajar</i> .....	31
<i>Com o pé na estrada</i> .....	33
<i>"The turning point"</i> .....	35
<i>A geografia e a universidade</i> .....	40
<i>Em Munique</i> .....	43
<i>O professor em Leipzig</i> .....	48
<i>Outras atividades</i> .....	51
<i>Livros, artigos, filosofia, arte e ideologia</i> .....	54
CAPÍTULO 3 .....	59
DESCREVENDO A NATUREZA .....	59
<i>Das palavras</i> .....	60
<i>A visão da paisagem</i> .....	66
<i>Olhos ilustrados</i> .....	73
<i>"Tinha uma pedra no meio do caminho..."</i> .....	79
CAPÍTULO 4 .....	83
DAS PAISAGENS E DAS JANELAS .....	83
<i>A aproximação da realidade</i> .....	83
<i>Paisagem plural</i> .....	86
<i>As aporias do olhar</i> .....	92
<i>A Alemanha e a "Naturphilosophie"</i> .....	96

CAPÍTULO FINAL .....	102
<i>RATZELS RÄTSEL</i> .....	102
BIBLIOGRAFIA .....	106
APÊNDICE I .....	115
APÊNDICE II .....	127



# FIGURAS

FIG.1- PROCESSO DE UNIFICAÇÃO DA ALEMANHA .....	20
FIG.2- PRIMEIRA PÁGINA DO ARTIGO <i>Desenvolvimento e criação do mundo</i> .....	30
FIG.3- ROTEIRO DA VIAGEM DE RATZEL À AMÉRICA DO NORTE .....	36
FIG.4- JAN VAN EYCK: <i>Os juizes justos e os cavaleiros de Cristo</i> .....	67
FIG.5- ALTDORFER: <i>Paisagem</i> .....	68
FIG.6- JACOB VAN RUISDAEL: <i>Paisagem de bosque</i> .....	69
FIG.7- POUSSIN: <i>Et in Arcadia ego</i> .....	70
FIG.8- CAMILLE COROT: <i>Vista nas proximidades de Epemon</i> .....	73
FIG. - PAISAGEM PLURAL .....	86
FIG.9- COSIMO RIDOLFI: <i>"Delle colmate di Monte. Introduzione"</i> .....	90

# INTRODUÇÃO

## DOS CLICHÊS

Dada a dimensão da produção de Friedrich Ratzel, sua obra permanece ainda muito pouco explorada<sup>1</sup>. Na verdade, até recentemente, o geógrafo era uma figura enigmática, esquecida. Onde se encontrariam as razões desse silêncio? Segundo Sanguin<sup>2</sup>, há três atitudes perigosas recorrentes quando se trata de epistemologia e de história da geografia: aquela que se pode chamar de armadilha de "fora do contexto", ou sejam, as interpretações que se baseiam em fragmentos recolhidos a esmo da obra de um autor; a dos censores e inquisidores, que lêem -normalmente pouco- a obra somente para justificar seus julgamentos, e; a dos aduladores, atitude simétrica complementar à anterior. A obra de Ratzel prestou-se às três atitudes.

Miss Ellen Semple (1863-1932), por exemplo. Em Leipzig, a então estudante seguiu os cursos de Ratzel em 1891-2 e em 1895. Sentiu-se preparada para, a partir daí, introduzir as idéias do mestre nos Estados Unidos, através do livro *Influences of Geographic Environment*<sup>3</sup>. Nada prova que Miss Semple tenha compreendido bem o alcance da grande viagem efetuada por Ratzel aos Estados Unidos, nem que tenha apreendido devidamente o conteúdo dos três volumes da *Völkerkunde*<sup>4</sup> (As raças humanas) do geógrafo. Não se cobra, ao se afirmar isso, que a discípula devesse compreender tudo, mas que tivesse deixado transparecer, em sua obra, as dúvidas que porventura as palavras de Ratzel lhe suscitassem.

---

<sup>1</sup> Além da bibliografia, consultar Apêndice I, onde consta o sumário da coletânea póstuma de artigos que Ratzel escrevia para periódicos organizada por Helmolt, *Kleine Schriften (op. cit.)*.

<sup>2</sup> 1990; p.579.

<sup>3</sup> 1911.

<sup>4</sup> 1885-8.

Os geógrafos anglo-saxões, por contarem com o trabalho de Miss Semple -que também traduziu para o inglês o primeiro volume da *Anthropogeographie*<sup>5</sup> de Ratzel -não se dispuseram a folhear os originais alemães da obra ratzeliana. Ao homenagear o mestre, empolgada com o potencial pragmático de sua obra, Miss Semple foi uma das responsáveis, provavelmente sem o querer, das distorções dos conceitos ratzelianos na geografia americana.

A difusão da obra de Ratzel na escola francesa também teve uma característica bem precisa. No final do século passado -principalmente após a ocupação prussiana da Alsácia-Lorena- a geografia alemã servia de modelo para a escola francesa, como aponta Numa Broc<sup>6</sup>. Muito organizada, a geografia alemã impunha-se nas universidades e fora delas, através de instituições especializadas, congressos, periódicos, atlas, grandes coleções científicas e de divulgação, como se verá adiante. Desse modo, os jovens professores universitários franceses dirigiam-se à Alemanha em busca de idéias para a organização de suas aulas e de um eventual laboratório<sup>7</sup>. A geografia alemã contou, por isso, com grandes intermediários na França: E. de Margerie, Bertrand Auerbach, Louis Raveneau, Vidal de la Blache e Jean Brunhes. Os três últimos são de especial interesse, pois difundiram a obra ratzeliana.

Raveneau foi o introdutor do pensamento de Ratzel na França. Em 1891 publicou *L'élément humain dans la Géographie*, em que analisa e *afrancesa* o pensamento do mestre, tornando-o "claro, simplificado e decantado", como diz Broc<sup>8</sup>, com todos os prós e contras que tal operação acarreta.

Vidal de la Blache tem uma atitude diferente em relação à obra ratzeliana. No artigo consagrado à *Politische Geographie*<sup>9</sup>, de 1898, o geógrafo francês não se limita a uma simples

<sup>5</sup> *Op. cit.*

<sup>6</sup> 1977; p.72.

<sup>7</sup> *Ibid.*; p.79.

<sup>8</sup> *Ibid.*; p.88.

<sup>9</sup> *Idem.*

análise, como Raveneau, mas reflete criticamente sobre as palavras do mestre. Após elogiar o trabalho de sistematização da geografia política efetuado por Ratzel, Vidal<sup>10</sup> prossegue:

A riqueza da matéria explica a abundância de desenvolvimentos. Quando se lêem esses volumes, todos impregnados de forte substância, o espírito pode experimentar algumas hesitações na presença de proposições que parecem mostrar uma forma dogmática pouco relacionada com a relatividade dos fenômenos.

Contemporâneo de Ratzel e leitor de Humboldt, de Ritter, de Peschel, de Richthofen, de Darwin e de Haeckel, o geógrafo francês tem maturidade intelectual suficiente para fazer críticas pertinentes à obra ratzeliana<sup>11</sup>.

O mesmo não pode ser dito de Jean Brunhes. Mais jovem que Vidal, a leitura da *Anthropogeographie* teve a força de uma revelação. Fortemente influenciado por Ratzel, pode-se ver em sua *Géographie Humaine*, segundo Broc<sup>12</sup>, um aprofundamento e um prolongamento da obra do mestre alemão.

Mas foi com a obra de Lucien Febvre -*La Terre et l'Évolution Humaine*<sup>13</sup>- que se estigmatizou a pecha de determinista para Ratzel, em contraposição ao *possibilismo* de Vidal de la Blache, termo cunhado pelo próprio Febvre. Há quem interprete que fazia parte da estratégia epistemológica para a afirmação da geografia enquanto disciplina na França, marcar uma posição nitidamente oposta à da escola alemã<sup>14</sup>. Não interessa para o presente trabalho entrar nessa discussão.

As idéias dicotômicas continuam presentes em obras mais recentes sobre a história do pensamento geográfico. Na Espanha, por exemplo, como aponta Gómez<sup>15</sup>, o livro *El pensamiento geográfico* -publicado em 1982 por Josefina Gómez Mendoza, Julio Muñoz

---

<sup>10</sup> 1898; p.99.

<sup>11</sup> Broc, *op. cit.*; p.92.

<sup>12</sup> *Ibid.*; p.91.

<sup>13</sup> 1922.

<sup>14</sup> Escolar, 1990; p.18.

<sup>15</sup> 1983; p.15.

Jiménez e Nicolás Ortega Cantero- apresenta uma visão por demais esquemática da obra ratzeliana, deixando transparecer a intenção de enaltecer a figura de Réclus.

Infelizmente a geografia no Brasil também aderiu a esses lugares-comuns. Juízos não muito diferentes do supracitado são encontrados em livros tais como *O que é Geografia*, *Introdução à Geografia* e na *Introdução de Ratzel*<sup>16</sup>. Este último, que aprofunda a abordagem filosófica, coloca romantismo e positivismo como orientações filosóficas díspares, exatamente o que será discutido na parte final desse trabalho. Mas se entrará nessa questão no devido tempo. Assinala-se, entretanto, que data do início do século XX a penetração da obra do geógrafo nos meios intelectuais brasileiros. Em correspondência a João Lúcio de Azevedo, em 1917, Capistrano de Abreu<sup>17</sup> escrevia:

Aqui no Rio só fiz duas aquisições: saber do alemão o bastante para lê-lo na rede, sem estar me levantando a cada instante para recorrer ao dicionário; e através de Wappoeus [*sic*], Poschel [*sic*] e Ratzel compreender que a geografia é tão bela ciência como difícil.

O enfoque no Ratzel determinista pode talvez explicar apenas em parte o preconceito dos geógrafos das gerações posteriores. Um outro elemento parece ter contribuído fortemente para o desinteresse e até mesmo repulsa manifestados: a dimensão política da obra ratzeliana. Além de ser visto como fundador da moderna geografia humana, Ratzel estabeleceu conjuntamente a geografia política como disciplina.

Mas a geografia política não encontra eco na universidade alemã, pelo menos até o término da Primeira Guerra Mundial. O novo Estado burguês, tendo cristalizado o fundamento natural de seu poder e das relações que o regiam através da geografia política que lhe servia, não necessitava mais do questionamento sobre esse tema. A geografia universitária desenvolve-se, nesse contexto, como ciência do espaço terrestre enquanto entidade *natural*,

<sup>16</sup> Respectivamente, Moreira, 1989; p.32, Sodré, 1989; pp.49-50 e Moraes, 1990; p.13. Apesar deste último ser cauteloso na abordagem da obra de Ratzel, resvala nos mesmos clichês.

<sup>17</sup> Rodrigues, 1977; p.38. Agradece-se ao Prof. Guilherme Pereira das Neves pela indicação.

distinta do discurso político.

Nos meios governamentais, por sua vez, o pensamento ratzeliano -provavelmente devido a seu caráter conceitual e metodologicamente operativo- penetrou decisivamente, mas a título de ideologia. O conceito político de *Lebensraum* (espaço vital), desenvolvido pelo geógrafo, interessa principalmente à geografia militar e colonial, cujo empenho na pesquisa do espaço geográfico evidencia-se na política expansionista alemã na Europa Central, assim como na garantia das propriedades alemãs de além-mar. Nesse sentido, o engajamento de Ratzel nos movimentos colonialistas alemães respondeu a essa demanda.

As idéias políticas ratzelianas atraíram, dessa forma, a atenção de cientistas políticos, em especial a de Swede R. Kjéllen que, a partir delas, fundou uma nova disciplina, a geopolítica (*Geopolitik*). Após 1918, através principalmente dos trabalhos de Karl Haushofer, a geopolítica cresceu rapidamente na Alemanha como uma disciplina independente, baseada fundamentalmente na terminologia e nos conceitos ratzelianos. Foi mediado por Haushofer, por exemplo, que Adolf Hitler entrou em contato com a obra de Ratzel, proporcionando, assim, a transformação da teoria do espaço vital na obra de propaganda e de programa nazista *Mein Kampf*<sup>18</sup> (Minha luta). Durante a Segunda Guerra Mundial tornou-se corrente que a geopolítica tinha uma grande responsabilidade na propagação das metas nazistas da agressiva expansão colonial. Após 1945, a condenação da geopolítica abarcou também a condenação da geografia política de Ratzel, resultando, segundo Bassin<sup>19</sup>, no tabu que perdurou durante várias décadas.

Recentemente pesquisas vêm demonstrando que algumas dessas idéias estavam equivocadas. Enquanto se pode afirmar que a geopolítica foi, em certa medida, um desenvolvimento posterior da geografia política de Ratzel, atualmente fica claro que divergia

---

<sup>18</sup> Kost, 1988; p.236-7.

<sup>19</sup> 1987; p.129.

em significativos aspectos das intenções do geógrafo. Cabe lembrar, no entanto, o engajamento de Ratzel na política expansionista da potência alemã que informou, sem dúvida, a elaboração de sua geografia política. Mas tal fato relaciona-se ao período anterior a 1914, que diferia muito, tanto política quanto intelectualmente, dos anos de 1920 e 1930. Ler Ratzel inserindo-o na geopolítica alemã pós-1918 ou ainda, nos planos belicistas nazistas, seria incorrer em anacronismo e erro<sup>20</sup>.

Como homem de seu tempo, a produção ratzeliana deixa transparecer a integração de fatos da modernidade, do novo modo de produção já estabelecido -o capitalismo- e do rápido desenvolvimento da sociedade. Não haveria como negar seu pertencimento ao período que Hobsbawm<sup>21</sup> denomina de "as tradições inventadas", nos países ocidentais. Sua obra encontra-se profundamente marcada por essa exigência contingente, onde o que perpassa a diversidade dos temas abordados -Estado, história, raça, educação, paisagem, dentre outros- relaciona-se nitidamente com a necessidade de auferir uma identidade comum à nação que se unificava.

Os clichês imputados a Ratzel assim, revelam, mas também velam. Velam uma série de sutilezas, contradições, dúvidas que fazem parte da ação do pensar a que todos os que se dedicam a essa atividade (cada vez mais raros!) estão sujeitos. Velam, sobretudo, a complexidade do final do século XIX, desse momento de "virada" do saber -que vislumbra o futuro, que constrói o passado. Momento de deslumbramento, de medo, onde a *naturalização* dessa nova ordem que se impõe -da influência do homem sobre o homem- faz com que, cada vez mais, o pensamento apavorado busque refúgio na *natureza* idealizada. Natureza que é o rebatimento dessa mesma ordem sobre as coisas.

---

<sup>20</sup> *Idem.*

<sup>21</sup> 1984, p.311.



\*\*\*

Um século e meio depois de Descartes ver, na obediência à ordem cultural, a peculiaridade radical da espécie, ou seja, a existência de um espírito -esfera de autonomia de intenções e finalidades-, Goethe vê já, na mesma obediência, "um sinal tangível de inumanidade, de perda de autonomia, de regressão animista"<sup>22</sup>. A evidência empírica de transformações cada vez mais efetivas operadas pelo homem no ambiente aumentavam a urgência da distinção da espécie humana. Goethe<sup>23</sup> apontava, então, a submissão da espécie às leis da *segunda natureza*. A racionalidade dos movimentos de um cão, fruto exclusivo da educação, nada mais seria senão a forma de adaptação natural a essa segunda natureza, antrópica.

O projeto iluminista, de compreender o mundo para atuar sobre ele, foi "traído" pela ciência que lhe sucedeu. Ao criar seu próprio mundo -projeção sobre a natureza de convenções humanas-, acabou sucumbindo a ele. Os espíritos *disciplinados* pela cultura parecem ter renegado o projeto de fixar as finalidades humanas numa esfera -a do espírito- para além dos limites da própria cultura, dos meros meios para atingir finalidades humanas, enclausurando-se na metáfora da condição real de submissão às leis da segunda natureza goetheana.

Esses deslocamentos da relação entre natureza e cultura poderiam delinear uma

---

<sup>22</sup> Franco, 1991; p.1.

<sup>23</sup> Wagner diz a Fausto, sobre um cão que os rodeia (1987; p.71):

É um cão precioso:

Se paras, senta-se ele; se lhe falas,

Procura marinhar por ti acima;

Perde seja o que for, virá trazer-to,

Após do teu bastão saltará n'água.

Ao que Fausto retruca:

Tens de certo razão: rastos não vejo

De espírito, o que faz é tudo ensino.

(No decorrer da obra, o cão revelar-se-á Mefistófeles disfarçado).



genealogia das idéias atuais sobre o ambiente e sobre a paisagem. A herança dessa ciência é a persistente e, talvez, crescente dificuldade de

identificar no ambiente antrópico indícios inteligíveis de uma vontade coletiva consciente e acessíveis que não sejam aquelas da adaptação (devidas à educação), de que é também capaz o disfarce canino, isto é, *natural*, de Mefistófeles.<sup>24</sup>

Aí reside o interesse em, atualmente, estudar Ratzel e, em particular, seus textos sobre *paisagem*, onde emerge a concepção ratzeliana de *natureza*, caminho até hoje tão pouco trilhado pelos que se aventuraram nas searas do mestre. Agora, ao trabalho!

---

<sup>24</sup> Franco, *op. cit.*; p.1 (grifo da autora).

# CAPÍTULO 1

## A PROFANAÇÃO DOS CLICHÊS

"Traduzir é sempre trair o segredo de uma lembrança"

L. F. Franco, *O Castelo de Cartas*

Como ler Ratzel? Há como evitar as generalizações explicativas, esse vício do pensamento? Como lidar com idéias? Fala-se aqui da necessidade de uma reflexão crítica sobre a possibilidade de se compreender o outro, que se traduz em um problema hermenêutico geral, na medida em que esse outro distancia-se de quem fala no tempo, no espaço e, inclusive, no plano existencial. Outra questão associada a esta concerne ao modo de abordar a história do pensamento geográfico, que será desenvolvida posteriormente.

O que vem a ser o "problema hermenêutico geral"? Muito resumidamente, o cerne dessa questão encontra-se no fato de que as idéias foram -e, malgrado as tentativas no sentido contrário- ainda são produzidas por homens, no horizonte da finitude e da historicidade que a condição humana comporta. O problema hermenêutico encerra, assim, o processo de tornar algo de diferente, de estranho e de distante no tempo, no espaço ou na experiência em algo familiar, presente e compreensível. Dois mundos, o mundo do texto e o mundo do leitor. Há sempre a necessidade de "traduzir" de um para o outro<sup>1</sup>.

A palavra grega *hermeios* referia-se ao sacerdote do oráculo de Delfos. Derivou, aparentemente, do deus Hermes, o deus-mensageiro alado, a quem era atribuída a descoberta da escrita e da linguagem. Hermes associa-se a uma função de transmutação, de transformar

---

<sup>1</sup> Palmer, 1986; p.41.

tudo aquilo que ultrapassa a compreensão humana em algo que essa inteligência consiga compreender. Em síntese, a tarefa do deus alado consistia em portar e mediar uma mensagem. Nas três vertentes básicas patentes no significado do antigo uso da palavra grega *hermeneuiein* -dizer, explicar e traduzir- esse processo de "tornar compreensível" está implícito. Três significados que podem ser expressos, em português, pelo verbo "interpretar"<sup>2</sup>.

O significado mais antigo da palavra "hermenêutica" refere-se aos princípios da interpretação bíblica. Com o romantismo e o historicismo, nos trabalhos de Schleiermacher e de Dilthey, entretanto, a palavra adquire acepção mais ampla, com ênfase no pertencimento particularizante que submete a razão à sua lógica singularizante. Legado precioso mas que, como aponta Soares<sup>3</sup>, instaura o desafio de como resgatar a unidade sintética que suportaria a inteligibilidade universal, própria ao conhecimento verdadeiro, quando o objeto do conhecimento são seres, cuja natureza estaria exatamente na resistência à subsunção por categorias uniformizantes.

Para as ciências humanas, a reflexão hermenêutica pode, assim, ajudar a entender melhor o que está em jogo nos processos interpretativos, na perspectiva contemporânea de Hans-Georg Gadamer<sup>4</sup>, dentre outros. A vida das sociedades -poder-se-ia dizer interminável, se comparada com a existência individual- não se deixa apreender de um ponto terminal que possibilite a visão do conjunto, não há um "ponto de Arquimedes, exterior às linguagens e aos paradigmas, equidistante, neutro, plataforma sólida para um discernimento plenamente racional". A interpretação histórica está em jogo. Nela, decide-se sempre. E essa decisão comporta por definição "o ônus de um compromisso prévio com algum horizonte, a partir do qual questões e alternativas ganham inteligibilidade e se hierarquizam"<sup>5</sup>. A possibilidade de

---

<sup>2</sup> *Ibid.*; p.24.

<sup>3</sup> 1988; p.104.

<sup>4</sup> Segundo Soares (*Ibid.*; p.101).

<sup>5</sup> *Ibid.* ; p.106.

compreensão se dá, portanto, no espaço poroso, conflitante, polissêmico, ambivalente e precário da linguagem. Linguagem que é suporte, não apenas do ser, mas também da alteridade<sup>6</sup>. Mas como navegar nessa alteridade?

No que tange à alteridade temporal, colocam-se algumas interrogações que, de certa forma, perpassam a questão da alteridade de um modo geral. O primeiro ponto relevante diz respeito ao interesse que pode haver em se conhecer o passado. O segundo trata da impossibilidade de atingi-lo em sua plenitude, ponto intrinsecamente relacionado ao primeiro, uma vez poder ser questionada a relevância de uma reconstrução exata do que aconteceu (consciente de que, ainda que fosse importante, a tarefa seria irrealizável). O terceiro e último ponto aqui levantado é uma questão: Como não sufocar o documento histórico com a problemática de quem o interpreta, no caso específico do presente trabalho, como não negar a positividade dos escritos de Ratzel?

Faz-se necessário ir por partes. O interesse pelo passado, segundo Finley<sup>7</sup>, não pode ser interpretado de maneira absoluta. O próprio interesse deve ser definido e explicado. Deve ter um propósito, deve desempenhar uma atividade precisa. Pode-se estudar o passado didática e moralmente, para que sirva de exemplo de conduta do homem ou, então, para se direcionar uma ação política futura. No caso dos nacionalismos, a construção de um passado comum serviu -e serve ainda- para conferir coesão a uma determinada sociedade, adquirindo, assim, uma função sócio-psicológica. Não há, enfim, o interesse pelo passado, mas sim inúmeros e variados interesses que -admitindo-se o limite à liberdade de interpretação imposto pelo próprio objeto que está sendo interpretado- requerem diferentes abordagens e estudos, ou melhor, diferentes tipos de conhecimentos. Além disso vale lembrar a advertência de Hull<sup>8</sup> de

---

<sup>6</sup> Soares, 1992; p.3.

<sup>7</sup> 1989; p.16.

<sup>8</sup> 1990; p.19.

que, embora os dados sobre a ciência, por exemplo, sejam de certa forma maleáveis, não são totalmente plásticos.

Dessa forma, o primeiro passo para para que não haja maiores mal-entendidos na produção de quem se interessa pelo passado é explicitar esse interesse, situar-se. Trata-se de uma atitude de honestidade intelectual e, ao mesmo tempo, de humildade, ao reconhecer que o que faz com que alguém se debruce sobre um determinado tema possa não ser uma causa universal, mas contingente e bastante delimitada. Apesar disso, com a dedicação do bom artesão, poder-se-á produzir uma pequena peça a ser encaixada no infinito quebra-cabeça que constitui o universo de indagações que o homem se faz, desde os tempos mais remotos, ao buscar aliviar sua angústia existencial.

Uma vez explicitado o tipo de conhecimento que se busca através do passado, cabe trazer à superfície a distância intransponível entre passado e presente. A imagem cunhada por Lowenthal<sup>9</sup>, do passado como um país estrangeiro mas, diferentemente deste, geograficamente inatingível, é bastante eficaz. São múltiplas as inquietações daí advindas: "Não podemos chegar a um completo entendimento do passado porque o passado é algo fora de nossa experiência, algo que é outro... Os homens que então viveram eram diferentes de nós", conforme diz Vansina<sup>10</sup>, ou ainda, como questiona-se Pollard<sup>11</sup>

Podemos realmente ser imparciais com os homens do passado, sabendo o que eles não poderiam saber? Podemos, realmente, entendê-los em sua completude... com nossas mentes impressionadas pelo resultado?

A resposta que se advoga aqui é não. Não se pode ser imparcial com os homens do passado, nem com homem nenhum, muito menos atingir-se a completude. O que não impede que se possa compreendê-lo. Mas compreender como -perguntariam os mais céticos- já que

<sup>9</sup> 1986; p.187.

<sup>10</sup> Citado por Lowenthal, *ibid.*; p.187.

<sup>11</sup> Citado por Lowenthal, *idem.*

meu objeto é, por vezes, fluido, por vezes cheio de arestas, com áreas de sombra, áreas nebulosas, e eu não consigo me desvincular de minha própria historicidade, de meus preconceitos, de meus julgamentos?

Insiste-se, ainda assim, que a compreensão é possível. Como diz Palmer<sup>12</sup>, referindo-se ao trabalho de Gadamer:

Reconhecemos que não somos conhecedores à procura de um objeto e tomando posse dele -neste caso, chegando a saber "como é que era realmente" ou "o que realmente significava", tentando sacudir nossos preconceitos e ver com uma mente realmente "aberta". Pelo contrário. A disciplina metódica esboça-se para restringir a nossa vontade de dominar. Não somos tanto pessoas que conhecem como pessoas que experimentam; o encontro não é chegar conceptualmente a algo, antes é um evento em que um mundo se nos abre.

Para entender-se esse evento, contar-se-á com a ajuda de Tzvetan Todorov<sup>13</sup>, que desata alguns nós dessa problemática. O autor coloca as diversas soluções para o problema hermenêutico geral não como concorrentes, mas como fases sucessivas de um único e mesmo ato, mesmo que esse movimento implique idas e voltas, ou ainda, como aproximações progressivas em direção a um ideal imutável.

Seguindo esse raciocínio, a primeira fase da compreensão consiste na assimilação do outro em si. Se sou historiador, por exemplo, no passado não encontro outra coisa senão a configuração do presente. Apesar da percepção da alteridade, essa não traz senão uma mesma reprodução do mesmo em vários exemplos. O conhecimento, destarte, enriquece-se quantitativamente, e não qualitativamente, por haver uma única identidade, que é a minha.

A segunda fase da compreensão consiste em um retraimento do "eu" frente ao outro.

Sábio apaixonado pela fidelidade e pela exatidão -diz Todorov- torno-me mais persa que os persas: aprendo sua história e seu presente, habito-me a perceber o mundo através de seus olhos, reprimo toda manifestação de minha identidade original; ao descartar minha subjetividade, creio estar na objetividade.

---

<sup>12</sup> *Op. cit.*; p.211.

<sup>13</sup> *Op. cit.*; pp.38-40.

Desta vez, novamente, não há senão uma identidade, mas é a do outro.

Na terceira fase da compreensão reassumo minha identidade, mas agora tendo passado pelo esforço de entender o outro em sua plenitude. O novo conhecimento vem através da aceitação da minha exterioridade temporal, espacial e cultural -*exotopia*, no vocabulário de Todorov- enriquecido, assim, por atributos qualitativos. Afirmar que toda interpretação é histórica, no sentido de que é determinada por minha localização espaço-temporal, não entra em contradição com a tentativa de se conhecer as coisas nelas mesmas -aspiração que, na perspectiva de Karl-Otto Apel<sup>14</sup>, deve ser abandonada, uma vez que "as coisas nela mesmas" em princípio, não podem ser objeto de experiência possível-, mas é complementar. Distingo-me, portanto, do outro. A unidade é substituída pela multiplicidade.

Na quarta fase da compreensão deparo-me com o fato de que o conhecimento do outro depende de minha própria identidade. Mas esse conhecimento do outro determina, por sua vez, meu conhecimento de mim mesmo. Convém frisar que não se trata de mera tautologia. Há, realmente, um movimento infinito -novo conhecimento do outro, novo conhecimento de si, e assim por diante-, mas que não é indescritível. Se o movimento é infinito, tem uma direção precisa que visa um ideal. Através da interação com o outro, minhas categorias, meus preconceitos, transformam-se, de modo a se tornar falantes pelos dois e, por que não, por terceiros também, um ouvinte, um leitor. "A universalidade que acreditava ter perdido, lembra Todorov, reencontro-a em outro lugar: não no objeto, mas no projeto".

O movimento constitutivo da alteridade incorpora, como aponta Soares<sup>15</sup>, um processo de alteração, assim como o reconhecimento da alteridade subsume a emergência da autoconsciência do sujeito.

Somos outros e, por isso, os outros compartilham conosco o (co-pertencem ao)

---

<sup>14</sup> Citado por Soares, 1992, *op. cit.*; p.3.

<sup>15</sup> 1990; p.23.



mesmo, compreendendo-nos e sendo compreendidos por nós, submetendo-se conosco à compreensibilidade do mesmo: da linguagem, da tradição, do *common ground*, do diálogo que somos.

Ao contrário do que parece, esta possibilidade (da re-ligação) não deve ser apaziguadora, pois o que compreende e o que é compreendido dão-se no espaço da linguagem. Ao mesmo tempo, não há como fugir deste espaço, sem que se incorra na irracionalidade da qual, supostamente, estar-se-ia escapando ao abandoná-lo. A existência de sentimentos intraduzíveis, de especificidades incomunicáveis não devem ser empecilhos para a comunicação, o entendimento, a compreensão. "Ser radical na precariedade autoconsciente, eis o desafio para quem deseja recuperar a paralisia da dúvida, sem cessar de duvidar com toda a intensidade".

Como então apreender a história do pensamento geográfico nesse cenário aporético, se se está consciente de que, mais do que entender a "história do pensamento geográfico", se trata da história de homens pensando? Nesse ponto vale recorrer ao antropólogo francês Claude Lévi-Strauss<sup>16</sup> que, em recente entrevista, faz uma eloqüente analogia do homem com os moluscos:

[...] Pense no mundo de certos moluscos, uma esfera muito diferente da humana. São animais muito interessantes para um fisiologista por não terem uma forma específica. Porém criam conchinhas estupendas, nas quais pode-se [*sic*] encontrar verdades matemáticas. É injusto interessar-se por animais, enquanto é legítimo interessar-se por conchinhas. Aquilo que me interessa nos homens é o equivalente às conchinhas, isto é, as obras que eles "expelem". Têm uma beleza e um sentido totalmente independente dos organismos que as fabricam.

Se ater às obras. O pensamento geográfico existe apenas através do discurso que o exprime. Mas, como visto anteriormente, o espaço da linguagem não é solo firme. Transitar por esses caminhos requer bons mapas e, sobretudo, atenção constante, pois é cheio de armadilhas. Muitos foram os que propuseram rotas plausíveis. Livingstone, na introdução do

<sup>16</sup> Em entrevista a Munzi (1993).



livro *The Geographical Tradition*<sup>17</sup>, faz um conciso apanhado das principais vertentes de abordagem da história e da sociologia da ciência - "internalistas" e "externalistas" - que, apesar do grande interesse que suscita, não cabe aprofundar aqui. No momento, interessa apenas lançar algumas balizas conceituais para orientar a forma de se situar nesse âmbito discursivo.

O primeiro ponto relevante para a pesquisa diz respeito ao fato de que, assim como só se pode falar de uma racionalidade *situada*, só se pode falar de uma geografia *situada*. A tarefa do historiador da geografia, pelo menos em parte, é conseguir discernir como e por quê determinadas práticas e procedimentos foram geograficamente legitimados e, assim, tornadas normativas em diferentes momentos no tempo e no espaço<sup>18</sup>. Os interesses de Ratzel, os conceitos que cunha, foram fomentados no ambiente científico da Alemanha do final do século XIX; não há como se aproximar da obra ratzeliana ignorando essa pertinência, como se verá adiante.

Um segundo ponto refere-se às idéias. Estas não seguem um único curso, não obedecem a um encadeamento linear, como diz Berdoulay<sup>19</sup>. É pouco fértil limitar-se a ver em Ritter o precursor de Ratzel, em Ratzel o precursor de Haushofer e assim por diante. Pode-se obter, destarte, uma bela "árvore genealógica". Se, no entanto, o objetivo de se dedicar ao estudo de um pensamento visa a compreensão de por que este e não aquele pensamento se desenvolveu (ou sucumbiu) em determinada época, em determinado lugar, então devem-se considerar continuidades e rupturas no decurso das idéias, e não períodos estanques, homogêneos, que pensam em correspondência a esses períodos. Existe, sim, um domínio que o pensamento se esforça por explorar, onde procura instaurar uma ordem, "onde tenta construir um mundo de relações abstractas de acordo não só com as observações e as técnicas em vigor

---

<sup>17</sup> 1993; pp.1-31.

<sup>18</sup> *Ibid.*; pp.28-9.

<sup>19</sup> 1981; pp.13-5 e 1988; pp.7-11.

mas também com as práticas, os valores, as interpretações em vigor"<sup>20</sup>.

Não é porque uma idéia obteve sucesso numa determinada "comunidade científica" que ela seja melhor ou pior que outras, mais verdadeira ou mais falsa e, portanto, deva servir de modelo ou ser execrada. Importa assinalar as etapas do saber, "de lhe precisar as transformações, de descobrir as condições que permitem aos objetos e às interpretações entrar no campo do possível"<sup>21</sup>. Tornando possível, inclusive, caminhos para a inserção de conceitos deixados de lado em novos e atuais campos. Nesse sentido, David Hull<sup>22</sup> faz uma interessante observação. O filósofo lembra que a grande maioria das espécies que existiram na história da Terra está agora extinta, e apenas muito poucas prevaleceram. Do mesmo modo, a grande maioria dos grupos de pesquisa surgiu, publicou algumas coisas, e então foram extintos, sem deixar vestígio na superfície da ciência. Ignorar esses grupos é ignorar grande parte da ciência. "O sucesso -afirma Hull- pode ser mais interessante que o fracasso, mas o fracasso não faz menos parte da ciência do que o sucesso. Qualquer teoria sobre ciência que não considera as atividades da grande maioria dos cientistas tem de ser inadequada". É tão legítimo, assim, estudar o Ratzel romântico que narra a natureza, quanto o muito mais famoso Ratzel "antropo geógrafo" ou ainda o geopolítico.

No que tange ao discurso geográfico propriamente dito, restam ainda algumas advertências. A distinção nítida entre texto e contexto existe apenas nas convenções. Na verdade, texto e contexto constituem-se reciprocamente. Ao definir o que constitui o domínio geográfico "intramuros" -o texto- determina-se, em parte, o que compõe o domínio extramuros -o contexto<sup>23</sup>. A decisão de se trabalhar exaustivamente com apenas três textos de Ratzel se insere nessa perspectiva. Quando Hayden White se propõe a estudar a imaginação

---

<sup>20</sup> Jacob, 1985; pp.21-2.

<sup>21</sup> *Idem.*

<sup>22</sup> *Op. cit.*; p.24.

<sup>23</sup> Livingstone, *op. cit.*; p.29.

histórica do século XIX, alerta para o fato de que, embora seja frequente ouvir que a história seja uma mescla de ciência e arte, recentes filósofos analíticos conseguiram aclarar até que ponto é possível considerar a história como uma modalidade de ciência, mas pouquíssima atenção tem sido dada a seus componentes artísticos<sup>24</sup>. Sem a pretensão de chegar, na "imaginação geográfica", a resultados semelhantes ao do historiador, fica o aceno de que há outros caminhos para se trilhar obras de autores consagrados.

Consciente de que esse trabalho não está isento de preconceitos, procurou-se deixar patente, durante o percurso, o que levou à escolha dos caminhos a percorrer. Profanar alguns clichês não garante que outros não serão criados. O jogo está aberto. Espera-se o juízo do olhar forasteiro para apontar as divergências, lacunas ou falhas aqui presentes.

---

<sup>24</sup> 1992; p.13.

## CAPÍTULO 2

### VIDA E OBRA

#### *Aprendendo a ver*

Karlsruhe (Fig.1), 30 de agosto de 1844. Nasce então Friedrich Ratzel, quarto filho de um casal da pequena burguesia local. Até os 15 anos de idade, cresce na segurança e no aconchego de uma pequena casa situada em meio ao parque do palácio do Grão-Duque de Baden, de quem seu pai era mordomo.

Frequentei inicialmente a escola primária -conta Ratzel<sup>1</sup>- e, em seguida, o Instituto de Educação de Lafontaine, muito popular na época. Apesar disso, ao invés de estar com as pessoas, preferia ficar com o jardineiro do parque ou ler os livros da rica biblioteca particular que havia no palácio. Nesse parque existiam lagos, rochedos, estátuas, viveiros de plantas, e, além de oito cavalos, criavam-se muitos cães, cegonhas e gaivotas domesticadas. De vez em quando apareciam raposas e texugos, de modo que não faltavam nem distrações nem atrativos nesse pequeno mundo. Desenvolveu-se então em mim *a alegria pela natureza* que determinou, posteriormente, o curso da minha vida.

Na coletânea de artigos em parte fictícios, em parte autobiográficos, publicados no periódico *Die Grenzboten*<sup>2</sup> -*Glückinseln und Träume* (Ilhas de felicidade e sonhos)-, e que veio à luz postumamente, Ratzel regozija-se com as descrições desse pequeno mundo, onde cedo aprende a arte de observar. Cedo também, nos anos de 1857 e 1858, inicia-se na vida de solitário peregrino. Estimulado por seu "esmerado professor Lafontaine" a colecionar plantas, parte em busca de diferentes exemplares, ultrapassando os arredores de Karlsruhe. Seu herbário chegará a contar com cerca de 700 plantas fanerogâmicas.

---

<sup>1</sup> 1906; pp.XXI-II (grifo da autora).

<sup>2</sup> Semanário político-conservador, fundado em 1841.





BARRACLOUGH, Geoffrey (ed.). *The Times Atlas of World History*. London: Guild Publishing, p. 216.

Fig.1. Ratzel vive durante o processo de unificação política da Alemanha, que envolve guerras contra a Dinamarca, em 1864, contra a Áustria, em 1866 e contra a França, em 1870. Notar a proximidade de sua cidade natal com o motivo da disputa com a França.

Assim, Ratzel vive sua infância quase imune às mudanças ocorridas na metade do século XIX. Apesar da simpatia pelos liberais republicanos, o Ducado de Baden era, no fundo, muito conservador, e poucos foram os ecos do revolucionário ano de 1848. Isolado, vivendo o dia-a-dia com sua família, frequentando a Igreja Luterana e a escola (cuja distância entre

o que era ensinado e o que se vivia é criticada pelo próprio Ratzel<sup>3</sup>, em meio as suas coleções e observações da natureza, o pequeno Friedrich cresce num mundo que se poderia chamar de idílico.

Na Europa dessa época as decisões sobre a carreira de um filho eram tomadas, com frequência, durante a adolescência, e a família de Ratzel não foge às normas. Seu irmão mais velho, a quem foi permitido estudar, torna-se arquiteto e professor na Escola de Artes e Ofícios de Karlsruhe. O segundo entra para o mundo dos negócios. De sua irmã Emma pouco se sabe. Ao que tudo indica, permanece sua vida inteira em Karlsruhe.

A primavera de 1859 vai ser, portanto, um marco na vida de Ratzel. Logo que termina seus estudos o jovem Friedrich é enviado a Eichtersheim, em Kraichgau, para se tornar farmacêutico, na tentativa de conciliar o desejo de seus pais -que queriam vê-lo seguir uma carreira prática- com suas próprias inclinações. Afastado de sua família, de seu pequeno e seguro mundo, finaliza-se uma infância de sonhos e felicidade. Os próximos quatro anos Ratzel vai viver sob a proteção de um velho farmacêutico amigo de seus pais, numa casa antiga, com abóbadas escuras, cercado de frascos e cântaros por todos os lados. Período difícil para o jovem, cuja dor culmina até com uma tentativa de suicídio<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Sobre suas aulas, Ratzel (1911, *op.cit.*; pp.23-4) comenta:

Nossas conferências políticas poderiam ser tão abrangentes e variadas mas, no entanto, enquanto cada um de nós tinha um parente que, em 1849, batera em retirada para a França ou para a América como "revolucionário", [...] vivíamos na história da guerra do Peloponeso [...]. A aula de história era tão arrastada que nunca passou da queda de Constantinopla, que era o final de um capítulo de nosso livro didático!

<sup>4</sup> *Ibid.*; pp.45-7.

## *Aprendendo a trabalhar*

No século XIX, as farmácias assemelhavam-se mais com as oficinas dos alquimistas medievais do que com os modernos laboratórios de hoje em dia. O ofício de farmacêutico compreendia, geralmente, a preparação dos remédios segundo indicações médicas ou receitas próprias. Raízes, flores, folhas e diversas ervas eram submetidas a cocções, destilações, espremeduras e pulverizações. Portador de uma mescla de saber empírico e mágico, a autoridade do farmacêutico equiparava-se, quanto ao prestígio numa cidade, à do médico e à do clérigo.

Aprendia-se o ofício estudando, praticando e, finalmente, fazia-se um exame para comprovar a proficiência, lembrando a tradição das corporações medievais. Foi assim que Ratzel pôde dar continuidade a seus estudos em ciências naturais. Em Eichtersheim, devido à variedade geológica da região, o jovem descobre ainda seu gosto pela geologia e pela paleontologia. Com o intuito de expandir seus conhecimentos, ingressa no aprendizado do latim e do grego.

A paixão pela leitura faz com que Ratzel passe horas a fio num pequeno canto do depósito da farmácia devorando livros, das aventuras infantis aos clássicos e românticos alemães. Nessas imersões o jovem encontra-se com o poeta Adalbert Stifter, cujas concepções de mundo e de vida, bem como o próprio estilo, conforme assinala Buttman<sup>5</sup>, irão influenciá-lo durante toda sua vida. Trata-se de um ponto importante para o entendimento da produção ratzeliana, como será visto adiante. Além disso, a pena solta, característica dos inúmeros artigos em sua futura carreira jornalística, e mesmo de vários de seus trabalhos científicos, deve-se muito, sem dúvida, a esse período bibliofágico de sua vida.

---

<sup>5</sup> *Op. cit.*, pp.22-3.

Em suma, os quatro anos que permaneceu em Eichersheim foram de crescimento, desenvolvimento e, principalmente, deixaram para Ratzel a certeza de que o caminho a ser seguido, contrariamente ao desejo de seus pais, era o de acadêmico. A consciência de que há muito para se saber e de quão inesgotável é essa busca o jovem adquire nesse período:

Já que nesse esforço -referindo-se às leituras- não havia nenhum plano e nem sequer restasse tempo para ordenar o que estava sendo consumido, o espírito, é verdade, encheu-se, mas não se tornou mais claro; prevaleceu o sentimento de sobrecarga e minguou o de enlevo. Restou o belo sentimento de ter voado sempre mais alto e o ensinamento valioso do que é capaz um forte impulso; mas quando volto a olhar esse modo de se formar (*Bildungsarbeit*), vejo um homem pleno de audácia remando mar adentro, cujas remadas logo devem esmorecer; não atingirá seu alvo. Tomara que o mar não o trague!<sup>6</sup>

É fundamental que esse sentimento fique assinalado, pois tem-se nele mais um ponto que ajuda a aproximação com a obra ratzeliana. Como aponta Meder<sup>7</sup>, trata-se de uma característica da personalidade do geógrafo que o vai impedir de desenvolver paradigmas, pois permanecerá indagador até a sua morte. Impedirá também que forme uma "escola", na medida em que seus conceitos, sempre questionadores, não serão reconfortantes para algumas gerações de geógrafos, o que oferece pistas para percorrer o labirinto "Ratzel".

Na primavera de 1862, com 18 anos, Ratzel presta os devidos exames e torna-se assistente de farmacêutico. Permanece ainda um ano em Eichersheim bastante aplicado em sua profissão e nos estudos da natureza e línguas. Em 1863 consegue um lugar de assistente em Rapperswyl, próximo a Zurique, onde mantém o ritmo de estudos anterior. Após a estadia de um ano e meio na Suíça, parte para Mörs, na região do Ruhr, para ocupar o mesmo cargo. Embora continue respondendo aos anseios familiares, no seu íntimo já está quase decidido a largar a profissão. Com a ajuda do estimado professor Breuker, prossegue os estudos de grego e de latim.

---

<sup>6</sup> Ratzel, 1911, *op. cit.*; p.106.

<sup>7</sup> 1985; p.299.



Finalmente, na Páscoa de 1866, Ratzel obtém de seus pais a implorada permissão para dar adeus ao ofício de farmacêutico e matricula-se na Escola Politécnica de Karlsruhe. Assiste às aulas de geologia e de paleontologia com Carl Alfred von Zittel, um jovem professor que, mais tarde, tornar-se-á seu amigo. Segundo Buttman<sup>8</sup>, é mérito de Zittel ter transformado a paleontologia, definitivamente, de mero trabalho de registro e descrição de fósseis, em uma ciência sólida que fundamentaria a biologia e o evolucionismo.

No outono desse mesmo ano Ratzel ingressa na Universidade de Heidelberg. Uma pequena pausa no relato do curso de sua vida se faz necessária. As características da personalidade de Ratzel, seus interesses, sua curiosidade, não podem ser vistos dissociados do fato de ser Ratzel um alemão, pequeno burguês, que vive no século XIX. Muitas de suas peculiaridades são também as da própria formação da nação alemã. Cumpre que esse tema seja desenvolvido, para que se esclareça o porquê da interrupção.

### *Um pouco de história<sup>9</sup>*

A preferência pela palavra escrita, os conceitos de "cultura" (*Kultur*) e de "formação intelectual" (*Bildung*), a importância da universidade. Pontos de interseção do indivíduo Ratzel com seu ambiente intelectual, sua história, seu lugar. As aspirações do jovem são informadas por algo que não é palpável; o ar que respira está impregnado de memória. Memória projetiva, do que ainda se quer vir a ser.

Os pontos assinalados acima gravitam em torno da questão "Qual é, realmente, nossa

---

<sup>8</sup> *Op. cit.*; p.25.

<sup>9</sup> A base para o desenvolvimento deste item é o capítulo um - "Da sociogênese dos conceitos de 'Civilização' e 'Cultura'" - do instigante livro de Norbert Elias *O Processo Civilizador* (1990; pp.21-56).

identidade?", que os alemães, diferentemente dos franceses e dos ingleses, se colocaram durante séculos. Questão de uma nação que teve de buscar e constituir incessante e novamente suas fronteiras, tanto no sentido político como espiritual<sup>10</sup>.

Falar sobre a Alemanha em termos gerais parece um pouco absurdo, na medida em que seus muitos Estados diferiam entre si. Ainda assim, alguns fenômenos comuns podem ser identificados mais ou menos claramente por toda parte. Após a Guerra dos Trinta Anos há o despovoamento e a pavorosa devastação econômica do país. No século XVII, e ainda mesmo no século XVIII resta, nas pequenas cidades, uma burguesia de horizontes estreitos, que vive basicamente do atendimento de necessidades locais.

Nas cortes imita-se precariamente a conduta da corte de Luís XIV e fala-se francês. A língua alemã restringe-se às classes baixa e média. Na verdade, a situação era bem dicotômica. Por quase toda a Alemanha situavam-se, no topo, indivíduos ou grupos que falavam francês e decidiam a política. No outro lado, havia uma *intelligentsia* de fala alemã que quase nenhuma influência exercia sobre os fatos políticos. No entanto, foram esses poetas e pensadores que cunharam e deram substância especificamente alemã a conceitos como "*Bildung*" e "*Kultur*".

Essa divisão social muito nítida entre nobreza e classe média na Alemanha tem causas certamente muito complexas, que não cabem ser exploradas aqui. Importa assinalar apenas que as lutas dentro do país entre os vários grupos sociais -que competiam por oportunidades limitadas e pela sobrevivência- foram mais acirradas que nos demais países em expansão devido, provavelmente, ao confinamento dos territórios alemães e à forte pressão em quase todas suas fronteiras externas.

Os poetas e pensadores alemães -Goethe, Schiller, Schubart, Bürger, Winkelmann,

---

<sup>10</sup> *Ibid.*; p.25.

Herder, Kant, Friedrich August Wolff, Fichte, e muitos outros- pertenciam a uma classe ascendente, desejosa de abrir as portas que estavam fechadas acima, mas zelosa para que as debaixo permanecessem fechadas. Como é sensível no desabafo de Goethe, no *Werther*<sup>11</sup>:

O que mais me irrita é nossa odiosa situação burguesa. Para ser franco, sei tão bem como qualquer outra pessoa como são necessárias as diferenças de classe, quantas vantagens eu mesmo lhes devo. Apenas não deviam se levantar diretamente como obstáculos no meu caminho.

O centro social mais importante na modelação e disseminação da ideologia da classe média alemã vai ser, sem dúvida alguma, a universidade. Faz-se, assim, um contrapeso da classe média à corte. Por um lado, cortesia, submissão, boas maneiras; por outro, educação sólida e preferência pela virtude antes da honra. O conceito de *Kultur* emerge, portanto, dessa antítese, verdadeira auto-imagem do estrato intelectual da classe média. Mente e livros são refúgio e domínio dos escritores e intelectuais alemães, as realizações na erudição e na arte seu motivo de orgulho.

A dispersão da *intelligentsia* por todo o país tem suas consequências. Sem uma capital que reúna a intelectualidade para que floresçam debates e surja um ambiente propício à efervescência das idéias, como acontece na França, por exemplo, é numa língua escrita unificada, e não numa falada, que a classe intelectual alemã se desenvolve. Solidão e isolamento são, dessa forma, as condições que o jovem membro da classe média alemã tem que enfrentar para dar um passo em direção ao esclarecimento.

Uma descrição elucidativa dessa situação encontra-se novamente em Goethe quando, por ocasião da visita a Weimar do jovem Monsieur Ampère -na casa dos 20 anos-, escreve em resposta à surpresa de Eckermann<sup>12</sup>:

Não tem sido fácil para você em sua terra nativa, e nós no centro da Alemanha

<sup>11</sup> Anotação de 24 de dezembro de 1771, citado por Elias (*Ibid.*; p.37).

<sup>12</sup> 23 de maio de 1827, citado por Elias (*Ibid.*; pp.44-5).

tivemos que pagar muito caro pela pouca sabedoria que possuímos. Isto porque, no fundo, levamos uma vida isolada, paupérrima! Pouquíssima cultura nos chega do próprio povo e todos nossos homens de talento estão dispersos pelo país. [...] Sinto o que isto significa quando homens como Alexander von Humboldt passam por aqui e fazem com que meus estudos progridam mais num único dia do que se eu tivesse viajado um ano inteiro em meu caminho solitário.

Mas agora imagine uma cidade como Paris, onde as mentes mais notáveis de todo o reino estão reunidas num único lugar, e em seu intercâmbio, competição e rivalidade diárias eles se ensinam e se estimulam a prosseguir, onde o melhor de todas as esferas da natureza e da arte de toda a superfície da terra pode ser visto em todas as ocasiões. Imagine essa metrópole [...] e compreenderá que uma boa mente como a de Ampère, tendo se desenvolvido em meio a tal abundância, pode muito bem chegar a ser alguma coisa no seu 24º ano de vida.

E o poeta prossegue, referindo-se a Merimée:

Na Alemanha não podemos ter esperança de produzir obra tão madura em idade tão jovem. Isto não é culpa do indivíduo, mas do estado cultural da nação e da grande dificuldade que todos experimentamos em, sozinhos, abrir caminho.

A economia alemã -relativamente subdesenvolvida, ainda dependente da proteção e da promoção mediante uma política mercantilista, e não da libertação de suas restrições-, juntamente com a falta de oportunidade de ação política fazem com que a classe intelectual alemã do século XVIII volte-se para o puramente espiritual (*das rein Geistige*): livros, trabalhos de erudição, religião, arte, filosofia, enriquecimento interno. Em síntese, trata-se da formação intelectual (*Bildung*) do indivíduo, principalmente através de livros.

Esse é o clima intelectual e social que está na gênese da sociedade a que Ratzel pertence. Não é por acaso que muitos dos temas aqui citados serão bastante recorrentes em sua obra. Apenas a título de ilustração, na já mencionada coletânea póstuma *Glückinseln und Träume*, Ratzel dedica um subcapítulo ao conceito de "*Bildung*". No entanto, como se verá nos próximos capítulos, o geógrafo, por ser de uma outra geração, membro atuante da nova "Alemanha", não herda o iluminismo subjacente a esse ideário. Mas isso será desenvolvido mais adiante. Por ora, importa assinalar que a preocupação do jovem em seguir uma carreira universitária, inserida nesse contexto, ganha sentido mais amplo, para além de um simples

desejo de contrariar a vontade dos pais e das meras inclinações pessoais. De volta a Heidelberg, portanto!

### ***Estudando***

Ratzel vai dedicar-se com especial empenho à zoologia. Em 1859 Darwin publicara *On the origin of species by means of natural selection*, trabalho que reverbera por toda a Europa, sendo lançado em 1860 na Alemanha, onde é especialmente admirado. As idéias de *evolução através da seleção natural e da luta pela vida* encerravam as leis que permitiriam entender e explicar o mundo dos organismos vivos, do qual o homem fazia parte. A perspectiva aberta por Darwin convergia com os interesses do curioso Ratzel, que busca aprofundar seu estudo.

Em 1866 havia várias universidades nos Estados alemães. As razões de Ratzel ter escolhido a de Heidelberg são obscuras. Entretanto, Hunter<sup>13</sup> arrisca algumas sugestões: primeiramente, a proximidade do lar; em segundo lugar, em Heidelberg ensinava-se a teologia protestante, enquanto em Freiburg exigia-se a teologia católica romana. Para um luterano recém-impressionado com o evolucionismo sua escolha torna-se compreensível; em terceiro lugar, o quadro docente da universidade de Heidelberg era tecnicamente superior ao de Freiburg; finalmente, embora o Grão-Duque não exercesse influência direta sobre nenhuma das duas universidades de Baden, seus interesses pessoais ligavam-no a Heidelberg, além do fato de Freiburg ser totalmente dominada pela Igreja Católica, o que o afastava ainda mais desta cidade.

Em Heidelberg, portanto, Ratzel assiste a aulas de zoologia e de paleontologia

---

<sup>13</sup> 1983; p.21.

ministradas pelo professor Pagenstecher, de mineralogia com o professor Blum e de geologia com o professor Benecke. Após dois anos, doutora-se *summa cum laude* com a dissertação *Beiträge zur anatomischen und systematischen Kenntnis der Oligochaeten* (Contribuições para o conhecimento anatômico e sistemático dos oligoquetas<sup>14</sup>).

Seu primeiro livro -*Sein und Werden der organischen Welt. Eine populäre Schöpfungsgeschichte* (O ser e o tornar-se do mundo orgânico. Uma história popular da criação)<sup>15</sup>- é publicado nessa época. O entusiasmo de Ratzel pelas idéias darwinianas e haeckelianas encontra nesse livro sua expressão mais eloquente, como salienta Buttman<sup>16</sup>. Saindo concomitantemente com o muito mais notável *Natürliche Schöpfungsgeschichte*, de Haeckel, seu livro merece pouca atenção; não encontra público, vai ser um fracasso, salvo o aprendizado zoológico, que lhe vai ser útil durante toda sua vida.

Trata-se ainda, entretanto, de uma fase imatura da vida de Ratzel. O interesse que esse seu primeiro livro hoje suscita não é científico, na medida em que as ciências biológicas se modificaram muito, mas sim biográfico. Ao compará-lo com sua obra posterior -*Die Erde und das Leben* (A Terra e a Vida)<sup>17</sup>-pode-se acompanhar o desdobramento intelectual das idéias ratzelianas de seu início biológico até a penetração mais profunda na questão da vida sobre a Terra. O próprio Ratzel, em seus escritos mais maduros, como no artigo publicado em 1902, *Weltentwicklung und Welterschöpfung*<sup>18</sup> (Desenvolvimento e criação do mundo), interrogar-se-á sobre essas idéias (Fig.2). Cumpre salientar que nada há de geográfico (*stricto sensu*) em seu trabalho inicial, detalhe que muitos de seus críticos parecem esquecer, ao considerarem a admiração ratzeliana pelas descobertas de Darwin como um traço marcante que perpassaria

---

<sup>14</sup> Oligoquetas são animais anelídeos vulgarmente chamados de minhocas.

<sup>15</sup> 1869.

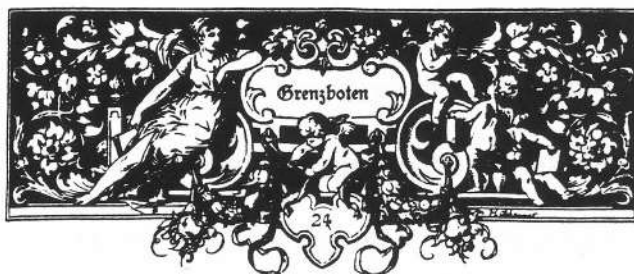
<sup>16</sup> *Op. cit.*; p.26.

<sup>17</sup> 1901-02.

<sup>18</sup> 1902.



sua obra geográfica. Como afirma recentemente Livingstone<sup>19</sup>, o Ratzel geógrafo parece seguir preferencialmente a teoria de Lamarck.



## Weltentwicklung und Welt schöpfung

Mit einem Anhang über Knyells und Darwins Gottesideen



Der Sechzigjährige erinnert sich an die Materialisten, die in den fünfziger Jahren in Deutschland rumorteten, wo sie von dem Überdruß an philosophischen Träumen Gewinn zogen. Er sieht vor sich die zerlesenen Hefte und Bogen von Ludwig Büchner und Karl Vogt, die er als Scholar unter der Tischkante studierte: „Kraft und Stoff“, „Köhlerglaube und Wissenschaft“; aber mit Ekel denkt er heute an die Seichtigkeit ihres Inhalts zurück, die schon von dem ungeschulten Geiste empfunden oder vielmehr nur geahnt wurde, wenn er am Schluß weder etwas Greifbares noch etwas Erhebendes daraus gewonnen hatte. Greifbares hatte freilich auch das Studium Hegels nicht hinterlassen, aber wer einmal die Weltidee in lichter Gedankenferne wie Abendgold sich zur Welt hatte entfalten sehen, dem blieb wenigstens der Gewinn eines unendlich erweiterten Gesichtskreises; und unter allen Umständen hatte er mit einem der fruchtbarsten Geister des Jahrhunderts Umgang gepflogen. Von jenen blieb dagegen nur der Eindruck philosophischer Stümper. Ein Glück für den jungen Leser, daß er in seinem Hunger nach naturwissenschaftlicher Lektüre mit Müllers und Ues „Natur“ und mit Rohmählers „Aus der Heimat“ in Berührung kam, populären Zeitschriften, die zwar ebenfalls materialistische Ideen vertraten, aber doch viel mehr bestrebt waren, suchende Geister in die Schönheit und Größe der Natur einzuweißen. Besonders Karl Müller und Otto Ue waren begeisternde Freunde und Kenner der Natur. Ihnen verdanken viele die Einführung in die Naturbeobachtung, die bald alles Fragen um Stoff und Kraft zum Verstummen brachte, den Reichtum und die Tiefe der Schöpfung uns unmittelbar fühlbar machte. Dann kam Darwin, dessen erstes und größtes Werk „Die Entstehung der Arten“ 1860 in Deutschland bekannt wurde, wo es von den echten Naturforschern mit Dank und Aufmerksamkeit aufgenommen wurde; sein Übersetzer G. H. Bronn in Heidelberg hatte selbst zu den bedeutendsten Vorläufern der Entwicklungslehre gehört. Natürlich strubelte aber neben dem mächtigen Strom wissenschaftlicher Anregung, der von ihm ausging, auch wieder ein trüber Gegen- und Nebenstrom sogenannter Populär-

Grenzboten 11 1902

72

Fig. 2. Primeira página do artigo *Desenvolvimento e criação do mundo*, publicado em 1902, no periódico *Grenzboten*.

<sup>19</sup> *Op. cit.*; pp.196-202.



### *Começando a viajar*

Um contratempo na vida de Ratzel acaba sendo de grande validade para a sua carreira. Em 1868, enquanto realizava pesquisas de campo para sua dissertação sobre os oligoquetas no Mediterrâneo, teve seu microscópio roubado. Instrumento fundamental para seus estudos, cuja obtenção já havia sido fruto de meses de economia, a perspectiva de interrupção do trabalho desanimava o jovem cientista. Além disso, o dinheiro para prosseguir a viagem estava acabando. A saída que encontrou foi enviar alguns ensaios que vinha produzindo em suas caminhadas pela região costeira, sobre a terra e o povo mediterrâneos, para o *Kölnische Zeitung*, periódico de tradição liberal, fundado em 1762, de ótimo nível, que era lido em toda a Alemanha.

Seus artigos não só foram aceitos, como bem remunerados. Segundo Hunter<sup>20</sup>, não eram geográficos, nem tampouco demonstravam uma virada drástica dos interesses de Ratzel. Gradualmente, o jovem afastava-se de sua educação formal, das classificações dos objetos, e tomava consciência da *totalidade orgânica da paisagem*. "Espaço" vinha ocupando o lugar das "espécies" em sua organização conceitual.

O redator-chefe do *Kölnische Zeitung*, Wilhelm Schulze, muito satisfeito com os artigos de Ratzel, sugere que sua viagem se estenda até a Itália. Assim, o jovem jornalista prossegue de Marselha e Nice para Gênova, Florença, Roma -onde encontra seu irmão que estudava arquitetura e trava contato com Karl Andree, editor da revista *Globus*-, Nápoles, Messina, Palermo e Catânia, retornando em maio de 1869 para Heidelberg com um inestimável acervo de observações científicas e um volumoso diário de viagem. Quando volta, novos caminhos se abrem para Ratzel.

---

<sup>20</sup> *Op. cit.*; p.24.

Encontrei-me numa encruzilhada -relata o geógrafo<sup>21</sup>. Um posto de assistente no Museu [de História Natural] de Stuttgart, com bom salário e ótimas perspectivas, me foi oferecido e, ao mesmo tempo, contava com um lugar ainda melhor remunerado como repórter de viagens e de ciências naturais. -E prossegue: Contra o conselho de todos os amigos escolhi a última opção, pois antevia que me seria dada a oportunidade de conhecer um pouco do mundo.

Como, em princípio, não havia nenhuma viagem à vista, Ratzel muda-se no outono de 1869 para Dresden. Nessa cidade intensifica suas relações com o geógrafo Karl Andree - com quem já havia estado em Roma-, que muito o estimula. No inverno do mesmo ano parte para Jena, a fim de conhecer Ernst Haeckel e, em seguida, vai a Berlim, onde, recomendado por Andree, encontra-se com Adolf Bastian, etnólogo e diretor do Museu de Etnografia. O interesse de Ratzel pela geografia começa a se aprofundar nessa época, principalmente quando relacionada à etnografia. Planeja então, com o apoio de Schulze, realizar uma viagem geográfico-etnográfica para a Ásia ocidental, e inicia os estudos de malaio e da geografia desta região.

Exatamente nessa data estoura a guerra franco-prussiana. Ratzel, proveniente de uma família muito fiel a seus governantes, afinada com a política de Bismarck, assaz patriota, não via outro caminho a seguir senão engajar-se na luta. O amor pela pátria, idealizado e glorificado, a ponto de se lutar em nome dele, soa hoje extremamente reacionário. Mas Ratzel, animado por esse sentimento, apenas representava a mentalidade da juventude universitária de sua época. No mês de julho alista-se *voluntariamente* no 5º Regimento de Infantaria de Baden. Interrompem-se, destarte, os planos de vôos mais longínquos.

Após seis semanas de treinamento, em agosto de 1870, chega ao *front* próximo a Estrasburgo. Sente, pela primeira vez, a seriedade de uma guerra. Em Neudorf, é ferido levemente na perna. Em novembro, num assalto de surpresa nas redondezas de Auxonne, afasta-se definitivamente do campo de batalha, por sofrer graves ferimentos no ouvido e na

---

<sup>21</sup> 1906, *op. cit.*; p.XXV.

nuca. As impressões dessa forte experiência estão relatadas no já citado *Glückinseln und Träume*.

Apesar das cicatrizes, Ratzel nunca arrependeu-se do engajamento na guerra. Ao contrário, sentia-se orgulhoso de ter servido como voluntário e de suas condecorações: recebera a Cruz de Prata e a medalha Karl Friedrich do serviço militar. No entanto, algumas marcas ficaram para sempre<sup>22</sup>. A perda da audição em um de seus ouvidos, fonte de grande angústia quando começou a lecionar, obrigou-lhe a disciplinados exercícios e à seleção dos termos para que pudesse ser devidamente compreendido pelos alunos. Outra marca importante advinda da miséria da guerra foi a redescoberta de Deus, que o fez retornar à fé luterana.

### *Com o pé na estrada*

Voltando a trabalhar para o *Kölnische Zeitung*, Ratzel viaja agora para o leste: Bukovina, Hungria e Transilvânia. Reanima-se nele a alma de peregrino. Como salienta Buttman<sup>23</sup>, nos excitantes relatos enviados para o periódico, que, mais tarde, juntamente com os artigos sobre o sul da França e a Itália, serão transformados em livro -*Wandertage eines Naturforschers*<sup>24</sup> (Caminhadas de um cientista natural)-, o jornalista descreve suas impressões sobre natureza e paisagem, homens e nacionalidade. Hassert, autor de artigos biográficos de Ratzel<sup>25</sup>, assinala que nesse livro percebe-se a mudança do cientista natural para o geógrafo.

No inverno de 1871-2 Ratzel passa alguns meses em Munique, durante os quais conhece e estabelece uma grande amizade com o etnógrafo e explorador Moritz Wagner, que

<sup>22</sup> Hunter, *op. cit.*; p.25.

<sup>23</sup> *Op. cit.*; p.37.

<sup>24</sup> 1873-4.

<sup>25</sup> Mencionado por Buttman (*op. cit.*; p.142).

desenvolvera, após pesquisa de campo na América Central, a tese de que a evolução era consequência da migração para novos habitats, e que as pessoas e suas idéias mudavam quando se dispersavam. Essa tese será, mais tarde, explorada por Ratzel, resultando no conceito de difusão e diferenciação de culturas e de traços culturais particulares. Como adverte Sauer<sup>26</sup>, esse conceito teve grande impacto entre os antropólogos, mas ressoou muito pouco entre os geógrafos.

A estadia em Munique é interrompida por uma nova viagem como correspondente de *Kölnische Zeitung*. Na primavera de 1872, parte para o noroeste da Itália, Sicília e ilhas Eólias. Na volta, aproveita para fazer um giro pelos Alpes, que termina em Zurique. Nessa cidade, dedica-se aos estudos de geologia alpina com o geólogo suíço Albert Heim. Recebe, neste ínterim, o convite de Schultze para realizar uma grande viagem à América, cujas principais etapas seriam os Estados Unidos, México e Cuba. Proposta tentadora, na medida em que, sem despesas, estaria livre para escrever sobre o que lhe interessasse na América, devendo apenas garantir o envio regular de artigos para o periódico. Aceita, com muita alegria, a generosa oferta.

Como a viagem só se realizaria no verão de 1873, Ratzel aproveita o tempo que ainda lhe resta e prepara-se para uma caminhada de inverno no São Gotardo. Essa peregrinação dura até a primavera, e suas impressões resultaram no artigo "*Gotthardreise im Winter*" (Viagem a São Gotardo no inverno), que faz parte do mesmo livro supracitado.

---

<sup>26</sup> 1971; pp.245-6. Trata-se de um tema muito discutido pelos antropólogos na época. Como explicava Boas (citado por Stocking, 1982; p.30), num artigo sobre a história da antropologia: Por um lado, há investigadores que gostariam de excluir de todo a consideração da transmissão [de traços culturais], que acreditam que não se passa assim, e consideram as provas alegadas irrelevantes, além de atribuírem a semelhança de traços culturais integralmente à unidade física da humanidade e à reação uniforme da mente humana sob os mesmos estímulos. Um extremista nessa direção foi o antigo Daniel G. Briton. Por outro lado, Friedrich Ratzel, cuja recente perda lamentamos, inclinado decididamente à opinião de que toda a semelhança de traços culturais deve ser advinda por transmissão, não importando quão distantes são as regiões em que são encontrados. Em comparação com essas duas visões, a terceira, [...] representada por Gerland, de que tais traços culturais sejam vestígios ou resquícios dos estágios primevos de uma cultura humana generalizada, encontrou poucos adeptos.

No final de junho de 1873 viaja para Londres, a fim de ambientar-se com uma metrópole e encontrar amigos e conhecidos de seu pai, que pudessem lhe fornecer cartas de recomendação para a América. Em julho embarca, em Southampton, no navio a vapor "Weser", chegando, em doze dias, a Nova York.

### *"The turning point"*

Os Estados Unidos eram de particular interesse para os leitores do periódico de Colônia, como esclarece Sauer<sup>27</sup>: por mais de 40 anos fluxos de emigrantes saíram das terras ao longo do Reno para se estabelecer além-mar. Um grande contingente havia participado da Guerra Civil nos Estados do sul, que ainda se encontravam em reconstrução, instaurando uma nova ordem social. No norte, era impressionante o desenvolvimento industrial. Ferrovias haviam se tornado o meio de transporte dominante. O leste do rio Missouri estava sendo ocupado por colonos. Era, na verdade, uma época ótima para ser feita uma reportagem sobre o pujante crescimento da jovem nação.

A viagem de Ratzel dura dois anos, durante os quais percorre grandes extensões na América do Norte (Fig.3). Inicia sua viagem em Nova York, onde permanece várias semanas e conhece, através das cartas de recomendação, americanos e teuto-americanos. Em outubro vai a Boston, onde é apresentado a famosos acadêmicos, como o naturalista Louis Agassiz, e aproveita para estudar e conhecer o sistema educacional de Harvard. Visita Richmond, Charleston, Savannah, e partes da Flórida. Viaja pelo sul, ora por trem, ora por barco, permanece alguns dias em Nova Orleães, navega o Mississipi acima e prossegue para as cidades do centro-oeste, Cincinnati, St. Louis e Chicago, esta última impressionando-o

---

<sup>27</sup> 1971; p.246.

particularmente, devido à rapidez com que fora reconstruída e expandira-se após o incêndio de 1871. Vai, de trem, a Denver, e atravessa as Montanhas Rochosas na direção de São Francisco, onde chega no final de julho de 1874. Percorre toda a Califórnia e passeia pela Sierra Nevada. No início de outubro embarca em São Francisco e parte para o México.

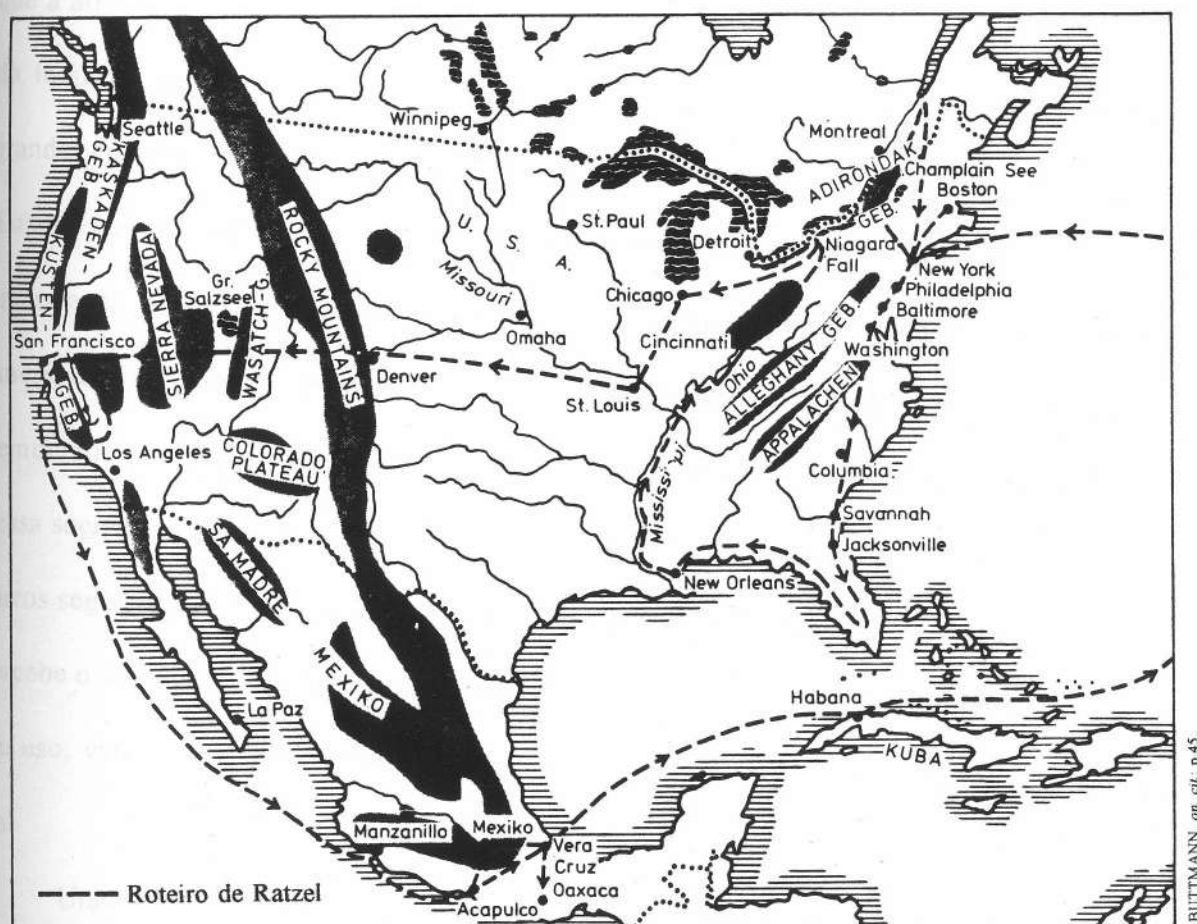


Fig. 3. Roteiro da viagem de Ratzel à América do Norte.

Ao longo da costa conhece Manzanillo e Acapulco, de onde realiza várias excursões ao interior do México, até atingir a capital. Escala o Pico de Orizaba e visita Córdoba e Vera Cruz. As províncias de Tehuantepec, Minatitlan e Oaxaca consistem em sucessivas etapas de



sua viagem. Navega, então, à Havana e, em junho de 1875, após uma estadia de quatro semanas em Cuba, o repórter retorna à Alemanha.

Germinava, naquele vasto território, uma experiência de sociedade inédita, séria e decisiva na história da humanidade. Ratzel, com acurada sensibilidade, detecta os sinais da novidade. Diferentemente dos demais comentaristas do século XIX, que descreviam os Estados Unidos como uma nação ainda basicamente rural -com exceção de Marx<sup>28</sup>, que já vislumbrara que a atividade agrária nesse país encerrava a mesma transformação capitalista da produção da indústria urbana- a atenção de Ratzel volta-se para a vida urbana, especialmente das grandes cidades. Enquanto Tocqueville, como lembra Stehlin<sup>29</sup>, em seu famoso livro sobre os Estados Unidos publicado entre 1835 e 1840, privilegia a análise das instituições políticas americanas, Ratzel, que conhece o trabalho de Tocqueville, é o analista da vida urbana americana; enquanto o primeiro discute o efeito nivelador e equalizador das instituições democráticas na sociedade, o segundo preocupa-se com o efeito prático de tais tendências nessa sociedade, como é o caso na sua discussão sobre os trolés nova-iorquinos, que não têm carros segregados por classe e são usados tanto pela população rica como pela pobre. Ratzel percebe o surgimento de uma nova sociedade através da mudança do ambiente antrópico e de seu uso; vaticina um futuro essencialmente urbano para a sociedade moderna, no bem e no mal.

Uma seleção de seus artigos para o *Kölnische Zeitung* foi publicada em 1876, com o

---

<sup>28</sup> Marx (1965; p.998) alertara, inclusive, para o problema "ecológico" que isto comporta:

[...] Na agricultura moderna, do mesmo modo que na indústria das cidades, o crescimento da produtividade e o rendimento superior do trabalho são adquiridos ao preço da destruição e do esgotamento da força de trabalho. Além disso, cada progresso da agricultura capitalista é um progresso não somente na arte de explorar o trabalhador, mas ainda na arte de despojar o solo; cada progresso na arte de aumentar sua fertilidade por uns tempos, um progresso na ruína de suas fontes duráveis de fertilidade. Quanto mais um país, os Estados Unidos do norte da América, por exemplo, se desenvolve sob a base da grande indústria, mais esse processo de destruição se realiza rapidamente.

<sup>29</sup> in: Ratzel, 1988; pp.XXII-III.



título *Städte und Kulturbilder aus Nordamerika*<sup>30</sup> (Quadros urbanos e culturais na América do Norte). Na introdução, Ratzel salienta a importância das cidades, dizendo que "revelam os maiores, melhores e mais numerosos aspectos de um povo"<sup>31</sup>. O jornalista se compraz com o espírito americano, que construiu 14 cidades com mais de cem mil habitantes naquele século e vinha, paulatinamente, com o desenvolvimento técnico de novos meios de comunicação, diminuindo o contraste entre campo e cidade. Para Ratzel, o progresso no mundo definia-se a partir do crescimento de grandes civilizações urbanas e, nesse sentido, eram os Estados Unidos, e não a Europa, os precursores do mundo moderno. Embora vise apenas informar, o jornalista não deixa de analisar o que foi feito na América, especular o que poderia ser realizado na Europa e, até mesmo, sugerir como deveria proceder qualquer sociedade moderna em urbanização<sup>32</sup>.

Apesar do fascínio suscitado pelas cidades americanas, Ratzel mantém-se crítico<sup>33</sup>. Desagradam-lhe a sujeira das vias públicas e o mau gosto arquitetônico que, segundo o jornalista, não é compensado nem pela magnificência nem pela riqueza das edificações. Alerta, além disso, para o perigo de uma sociedade com espírito prático exacerbado, que tende a cuidar pouco dos valores estéticos, ou que, inteiramente ocupada com a aquisição de bens materiais, relega a disseminação da filosofia e das artes para a população. Ratzel fica a par também das correntes sociais contemporâneas e dos problemas internos à sociedade americana, inclusive do lugar das mulheres na sociedade e da atitude frente aos negros.

O jornalista aproveita a oportunidade para apontar problemas que não haviam sido ainda tratados pelos americanos, e que só serão resolvidos muitos anos depois, como a

---

<sup>30</sup> 1876. Em 1988 foi publicada uma tradução nos Estados Unidos (*Op. cit.*).

<sup>31</sup> *Ibid.*; p.3.

<sup>32</sup> *Ibid.*; p.XX.

<sup>33</sup> Característica que, curiosamente, esvanece nos textos maduros do geógrafo, como se verá nos próximos capítulos.

renovação e reconstrução do centro de Boston, a inadequação do posicionamento peninsular de São Francisco para o influxo do tráfego em larga escala e a necessidade de dar educação aos negros, especialmente no sul. No último capítulo do livro, intitulado "Ruínas", Ratzel detém-se no envelhecimento precoce dos Estados Unidos. Adota um tom schopenhaueriano quando diz, a respeito das ruínas americanas comparadas às européias<sup>34</sup>:

Essas não nos confortam por não serem grandiosas o bastante nem se manterem suficientemente distantes no passado, pois, no conjunto, estão claramente destinadas a um declínio que ocorrerá tão rápido quanto o estilo de vida que as criou.

Se não forem tomadas as devidas providências, alerta o jornalista, a natureza retornará, transformando os lugares em que outrora viveram e trabalharam homens apressados em paisagens onde não se encontrará mais ninguém, onde reinará a calma absoluta.

Outro resultado da viagem ratzeliana à América é o livro *Aus Mexico* (Do México), onde relata suas três excursões nessa terra situada entre dois oceanos, cujo interesse histórico equipara-se ao geográfico.

O retorno de Ratzel a Munique encerra o período itinerante de sua vida, que lhe mostrou com clareza seu talento para a geografia. Indicado, com a ajuda de seu grande amigo Moritz Wagner, para uma vaga de *Privatdozent* no departamento de geografia da Politécnica de Munique, Ratzel não perde tempo para completar sua qualificação acadêmica, e defende sua tese de *Habilitation* no ano seguinte. O assunto dessa tese é a migração chinesa, cujo interesse, como aponta Wanklyn<sup>35</sup>, fora suscitado na sua viagem à América. Nesse ponto a autora faz uma ressalva perspicaz, pois lembra que, para escrever o trabalho, Ratzel utiliza amplamente a literatura e as práticas dos métodos coloniais britânicos no Sudeste Asiático, e enfatiza os dizeres de Mackinder de que se "a escola geográfica alemã naquela época era a

---

<sup>34</sup> *Ibid.*; p.286.

<sup>35</sup> 1961; p.13.

mais abundante e articulada no mundo, deve-se muito aos dados providos pelas viagens e explorações britânicas e aos inventos práticos do colonialismo"<sup>36</sup>.

Com 32 anos de idade, um ano após lecionar como *Privatdozent*, Ratzel recebe o título de "Professor", prenúncio de uma carreira acadêmica notável. Deve-se fazer, aqui, uma segunda pausa. A disciplina "geografia", na época, estava sendo definida. Inteirar-se de sua gênese, portanto, torna-se relevante, para melhor situar o geógrafo Ratzel na história da disciplina.

### ***A geografia e a universidade***

Ratzel entra para a vida acadêmica exatamente na época em que uma série de cátedras universitárias de geografia vêm sendo abertas na Alemanha: Leipzig, em 1871; Halle e a Politécnica de Munique, em 1873; Bonn e Estrasburgo, em 1875; Königsberg e Marburg, em 1876; Kiel, em 1878; Greifswald, em 1881. Em 1890, como informa Capel<sup>37</sup>, praticamente todas as universidades alemãs contam com ensino especializado em geografia.

Essa profusão de cátedras universitárias de geografia na Alemanha tem um marco preciso. Bem-sucedido nos combates de 1870-1 na Alsácia-Lorena, devido -dentre outros fatores- à utilização do material cartográfico<sup>38</sup> e ao conhecimento geográfico de seus membros,

<sup>36</sup> *Ibid.*; p.14.

<sup>37</sup> 1983; p.97.

<sup>38</sup> Nos comentários franceses da Exposição Universal de Paris de 1868, por exemplo, há a constatação da inferioridade da geografia francesa em relação às demais nações desenvolvidas da época: A geografia -e sobretudo a geografia física- não é a parte brilhante da exposição francesa. Parece que tomamos como regra de conduta o provérbio italiano: *Tutto il mondo è fatto come la nostra famiglia*; assim, pouco é o gosto que temos pelas viagens e pelas cartas. Enquanto sobre cada pico do globo acha-se apoiado um inglês ou um americano, o francês viaja pacificamente de Dunquerque a Bayonne ou de Brest a Estrasburgo. Destarte advém que tenhamos pouquíssimas boas cartas. [...] Os prussianos e os austríacos são muito superiores para a geografia física, mas suas cartas são coloridas grosseiramente. É, porém, um defeito leve, comparado com a grande exatidão (*L'Esposizione...*, 1867; p.726).

o Reich intensifica a formação de geógrafos. Na realidade, as relações da Alemanha e da Prússia com a geografia explicitam-se já no século XVIII, através de três canais precisos: a universidade, onde emerge juntamente com o poder real; a Academia Militar de Berlim, fundada em 1810 para educar os oficiais, em particular aqueles do estado-maior; e as editoras, sendo a pertencente ao Instituto Justus Perthes, em Gotha, a mais conhecida, fundada em 1785<sup>39</sup>.

De 1755 a 1761 não se pode dizer que havia uma "disciplina" sendo ensinada, mas alguns professores ministravam aulas de geografia na Universidade de Göttingen: Tobias Mayer, Georg Moritz Lowitz, Michael Franz e Anton Büsching. Durante 40 anos, de 1756 a 1796, o filósofo Kant ensina geografia física em Königsberg<sup>40</sup>. No período seguinte à Guerra da Silésia (1756-1763) são astrônomos, matemáticos e historiadores, como Johann Christoph Gatterer que se ocupam dessa cadeira nos Estados alemães. Mas é da era das grandes viagens científicas, que tem nos alemães Reinhold e Georg Forster e, principalmente, em Alexander von Humboldt, seus maiores representantes, que eclodirá a primeira grande geografia universitária do continente europeu, com Karl Ritter<sup>41</sup>.

Em 1807, Ritter é nomeado professor de geografia e de história do ginásio local em Frankfurt. No ano de 1820, a convite de Wilhelm von Humboldt, torna-se professor da Escola Militar de Berlim e, logo em seguida, da universidade desta cidade prussiana, onde será o primeiro professor da recém-criada cátedra de geografia<sup>42</sup>.

Pensadores contemporâneos ao estabelecimento do poder político da burguesia européia, tanto Humboldt quanto Ritter procuram fundar uma ciência capaz de reportar a princípios comuns as razões de ordem política e aquela de ordem natural -ou histórico-natural-

<sup>39</sup> Korinman, 1990; pp.10-2.

<sup>40</sup> Ver o interessante trabalho de May (1970), sobre os conceitos geográficos kantianos.

<sup>41</sup> Korinman, *op.cit.*; p.11.

<sup>42</sup> Moraes, 1989; p.142.

da Terra<sup>43</sup>. Uma nova política se estabelecia; um novo mundo para ser descoberto, uma nova geografia.

A tarefa, no entanto, é árdua. Humboldt, autor de uma obra magnífica, busca entender o cosmos: um quadro da natureza composto pelo "conjunto de fenômenos do Universo desde as nebulosas planetárias até a geografia das plantas e animais, finalizando com as raças dos homens"<sup>44</sup>. Nitidamente iluminista, o projeto do naturalista lida com as noções capitais da origem dos povos, do parentesco lingüístico e da imutabilidade de uma direção primordial tanto da alma quanto do espírito<sup>45</sup>.

Já Ritter desenvolve notável trabalho como sistematizador da geografia, com influência claramente hegeliana, onde a natureza impõe limites e detona todo um processo de reação por parte da humanidade, que se afirma ao subjugar-la. Como na obra humboldtiana, a realidade é harmônica, mas Ritter atribui a Deus a responsabilidade por esse fenômeno: "*Erdkunde* tentará abarcar o mais completo e mais cósmico aspecto da Terra, juntando e organizando em bela unidade tudo quanto sabemos em relação ao globo", e mostrando "a relação desse todo unificado, com o homem e seu criador"<sup>46</sup>. Ambos enfrentam, portanto, a questão fundamental a ser respondida na época, de como tratar o homem de maneira positiva, mas não conseguem superar o impasse epistemológico.

Aliada ao rompimento com a teologia natural, a incipiente balcanização do conhecimento, fragmentado nas especializações científicas, fazia com que disciplinas integrativas como a geografia não atendessem ao rigor científico necessário para provê-las de uma identidade. Assim, para os geógrafos que se formavam, novos fundamentos conceituais deviam ser encontrados a fim de tornar a geografia uma disciplina científica. A teoria

---

<sup>43</sup> Dematteis, 1991; p.71.

<sup>44</sup> Humboldt, 1850; p.XXV.

<sup>45</sup> *Ibid.*; p.301.

<sup>46</sup> Dickinson e Howarth, citado por Tatham, 1959; p.210.

evolucionista respondia a esses propósitos, e veio desalojar a teologia natural, em um movimento que Livingstone<sup>47</sup> chama de "experimento geográfico" -o experimento de colocar sob um mesmo teto conceitual natureza e cultura. Como esclarece Gómez Mendoza<sup>48</sup>,

se teoricamente as pretensões fundamentais estavam relativamente claras em autores como Humboldt e Ritter, a via para pôr em prática essas pretensões se encontrava obstaculizada por alguns problemas conceituais e metodológicos substanciais: e particularmente pelos problemas subjacentes à pretensão de relacionar a investigação natural e a investigação humana [...] em coordenadas de positividade similares e com tratamentos análogos.

Quando Ratzel assume sua cátedra, portanto, não há consenso na academia alemã a respeito de dois lugares precisos: o da geografia na fragmentação disciplinar do conhecimento, e o do homem nessa geografia. Julius Fröbel, Oskar F. Peschel e Georg Gerland, por exemplo, defendem a geografia como ciência sistemática e empírica, e não consideram convincentes as colocações teóricas e metodológicas que tendem a pôr o homem no centro de interesse científico da geografia<sup>49</sup>. O caminho encontrado por Ratzel para trabalhar com a disciplina "geografia", diferente do de seus colegas, será seguido adiante.

### *Em Munique*

O ingresso de Ratzel no mundo acadêmico demarca uma clara transição da incessante agitação da sua juventude para um modo de vida mais sedentário e concentrado intelectualmente. Em abril de 1877 casa-se com Marie Wingens, filha de um negociante de Frankfurt que conhecera na Inglaterra, em 1873. Hedwig, sua primeira filha, nasce em 1879 e a segunda, Lila, em 1881.

Três aspectos interessantes do período de Ratzel em Munique são apontados por

---

<sup>47</sup> *Op. cit.*; p.177.

<sup>48</sup> 1982; pp.24-5.

<sup>49</sup> *Ibid.*; p.34.



Wanklyn<sup>50</sup>: as aulas que ministrou, os livros que escreveu e os amigos que fez. Max Eckert, posteriormente um renomado cartógrafo, fala com grande afeto e respeito das limitações didáticas do mestre perante grandes platéias<sup>51</sup>. Apenas em seus últimos dias em Leipzig, então seguro de sua posição consolidada entre os geógrafos alemães, Ratzel começaria a falar fluentemente e com verve para seus alunos. Eckert menciona, no entanto, que a voz monótona fora sempre compensada pela escolha precisa dos termos, pelo sólido conteúdo das aulas e pelo fato de o mestre detestar repetições, tendo cuidado de evitá-las.

Na Politécnica de Munique Ratzel ministra aulas sobre os mais variados temas<sup>52</sup>. Apesar de não ter tido formação de geógrafo, conhecia muito bem a literatura da disciplina e contava com a riqueza dos dados e informações obtidos em suas viagens e pesquisas de campo. Geografia física, geografia regional dos continentes, geografia humana e política, descoberta da Antártida, explorações alemãs e viajantes dos séculos XVI e XVII foram todos temas dos cursos mais substanciais, e virão integrar o repertório geográfico ao qual o mestre dedicar-se-á na primeira etapa de trabalho em Leipzig.

Ratzel permanece, na memória da disciplina, como o arauto da geografia humana, mas é preciso salientar o interesse -explicitado nos temas de suas aulas- pela geografia física, que considera fundamental para a pesquisa geográfica. Em Munique, o aspecto físico de seu trabalho desenvolve-se muito, principalmente por sua crescente paixão pela paisagem alpina da Bavária. Os estudos glaciais nos Alpes fascinam o mestre, que vai escrever vários artigos sobre o tema<sup>53</sup>. Seu longo trabalho de geografia comparada -*Die Erde und das Leben*<sup>54</sup>-, escrito no final de sua vida, já citado anteriormente, reiterará sua crença na importância básica da

---

<sup>50</sup> *Op. cit.*; p.21.

<sup>51</sup> *Idem.*

<sup>52</sup> Ver a lista das aulas ministradas por Ratzel na Politécnica de Munique no Apêndice II.

<sup>53</sup> Ver Apêndice I.

<sup>54</sup> 1901-2, *op.cit.*



geografia física para toda a pesquisa geográfica.

Durante os onze anos de permanência em Munique, Ratzel publica cinco livros, e escreve grande parte do enorme *Völkerkunde*<sup>55</sup> (As raças humanas), cujas traduções para o inglês e o espanhol tem a oportunidade de conhecer. Nesse trabalho, como enfatiza Hunter<sup>56</sup>, a influência de Moritz Wagner é marcante; para a geografia, serve como ótima amostra da mudança que estava ocorrendo no pensamento ratzeliano, apesar de não poder ser classificado como estritamente geográfico; etnólogos ainda hoje encontram méritos nele<sup>57</sup>.

Uma outra ressalva deve ser feita. Em recente artigo sobre as fotografias utilizadas como fonte de informação etnográfica sobre o Oriente, Turner<sup>58</sup> aponta erros de Ratzel nas ilustrações do *Völkerkunde*, como, por exemplo, apresentar um típico árabe egípcio como um miscigenado negróide-árabe. Trata-se de uma constatação interessante e, por que não, reveladora. Tudo leva a crer que a falta de rigor, antes que prova de desleixo, advém da dificuldade de perceber o erro, de enxergar o outro, o diferente. Acostumado a olhar seus pares, em plena realização do mercado mundial, o que não faz parte de seu mundo, de sua *Kultur*, é estudado como bloco amorfo: o exótico. Aos olhos do pesquisador europeu dessa época, na verdade, poucas deveriam ser as distinções entre um árabe egípcio e um negróide-árabe.

Digressões à parte, o livro mais importante que Ratzel escreve nesse período é o primeiro volume da *Anthropogeographie. Grundzüge der Anwendung der Erdkunde auf die Geschichte*<sup>59</sup> (Antropogeografia. Introdução à aplicação da geografia na história). O segundo

---

<sup>55</sup> 1885-8. Foi traduzido também para o italiano e, recentemente, cinco capítulos -1, 2, 3, 4 e 13- foram traduzidos para o português (Moraes, *op. cit.*; pp.108-50).

<sup>56</sup> *Op. cit.*; p.26.

<sup>57</sup> Sobre a discussão do pensamento de Ratzel na etnologia e na geografia ver Quaini (1983; pp.40-2).

<sup>58</sup> 1990; p.454.

<sup>59</sup> 1882. Excertos dos capítulos 1 ,2 ,3 ,4 e 5 deste livro estão publicados em português (Moraes, *op. cit.*; pp.32-107).

volume será publicado nove anos depois, já em Leipzig<sup>60</sup>. Nesse trabalho Ratzel procura especializar a temática antropológica global numa perspectiva teórica geográfica, ou melhor, busca estabelecer um arcabouço teórico "antropogeográfico".

Mas o que vem a ser "antropogeografia"? Em linhas bastante gerais -já que não é o núcleo desta dissertação-, o nome, cunhado pelo próprio Ratzel, abarca o estudo dos efeitos recíprocos entre o homem e seu ambiente, constituído pela superfície da Terra, incluindo a atmosfera e a hidrosfera, com todos seus fatores estimulantes e inibidores. O homem, assim, teria um duplo posicionamento: ativo, na medida que transforma, através de seu trabalho, a superfície terrestre, e passivo, na sua dependência das condições naturais, que seu espaço vital (*Lebensraum*) lhe impõe. Significativamente, Ratzel não faz referência alguma à influência do homem sobre o homem.

No sentido da teoria social clássica do pensamento ratzeliano, a influência da natureza sobre o homem é analisada como influência sobre sua capacidade intelectual para o trabalho; a *Kultur* pode ser deduzida, indiretamente, da natureza, mediante a modificação, via trabalho, dos recursos naturais, com respeito a tecnologias e sistemas sociais, em seus respectivos estágios correspondentes, do mitológico ao científico. Como a geografia teria como objeto a Terra toda, todas as culturas incluiriam-se no estudo<sup>61</sup>.

Ratzel vai buscar no conceito de "*Wandern*" (deslocamento), no sentido de ocupação da Terra, o objeto empírico para analisar tanto os povos primitivos como os civilizados. Como assinala Eisel<sup>62</sup>, para Ratzel, o conceito de "*Wandern*" deve ser descrito como típica ação do homem em sua relação com a natureza, o que significa escrever uma história geográfica. Devido ao modo como a humanidade se movimenta, o geógrafo compara-a aos fluidos. Tal

---

<sup>60</sup> Ratzel, 1891.

<sup>61</sup> Eisel, 1980; pp.99-100.

<sup>62</sup> *Ibid.*; p.102.

analogia busca conferir à concepção geográfica das ações históricas um conteúdo para ancorá-la na objetividade das ciências naturais. Dessa maneira, a história geográfica realiza-se, ao pé da letra, sob os princípios da história natural da parte que se movimenta da Terra, dos fluidos. Essa objetividade é um pressuposto de que a história pode vir a ser descrita como evolução natural, não no sentido de que produza a idéia de evolução, mas por estabelecer um esquema normativo empírico da formação teórica racional científica, e, assim, assegurar, antes de tudo, como possibilidade do pensamento científico, as interligações teóricas de conteúdo através de perspectivas geográficas operacionalmente formuladas<sup>63</sup>.

O fato é que, nessa tentativa operacional, o trabalho de Ratzel ficou muito aberto a críticas, mais de fundo filosófico do que propriamente de conteúdo, com é o caso das observações de Hettner, que muitas vezes acusa o mestre de desorganizado, sem método, sem rigor classificatório<sup>64</sup>. Mas não interessa, por ora, entrar no âmbito dessa discussão. Registra-se apenas o encontro de Ratzel com todo um ambiente propício em Munique, afeito à troca de idéias, que provavelmente muito o estimulou a desenvolver os conceitos acima mencionados: a grande amizade com Moritz Wagner, com o geógrafo matemático S. Günther, com W. Götz, geógrafo da Academia Militar em Munique e com K. von Hiegel, especialista em história local da Bavária<sup>65</sup>.

Paralelamente às atividades acadêmicas, é em Munique que Ratzel inicia seu engajamento nas questões políticas contemporâneas. Nos anos de 1870 o geógrafo pertencera a um pequeno, mas crescente grupo convencido de que a recente criação do império alemão unificado na Europa não era suficiente para garantir a sobrevivência da nação como uma potência mundial competitiva. Para tanto, defendia-se a aquisição de colônias além-mar por

---

<sup>63</sup> *Ibid.*; pp.122-3.

<sup>64</sup> Hunter, *op. cit.*; p.32.

<sup>65</sup> Wanklyn, *op. cit.*; p.26.

parte da Alemanha. A fim de popularizar essa questão e convencer o governo, inicialmente relutante em aceitar essas idéias, formavam-se ligas defensoras da política colonial expansionista. Uma delas, a "Associação de Munique para a Defesa dos Interesses Alemães no Exterior", é fundada por Ratzel em 1878. Como esse movimento vai adquirindo vulto, em 1882 o geógrafo participa da fundação da Sociedade Colonial, que será a principal liga em defesa da política colonial. Finalmente, em 1884, o governo de Bismarck adquire quatro colônias na África, revertendo a situação<sup>66</sup>. O engajamento de Ratzel na política colonialista é sintomático do desvio do saber operado no final do século XIX, tema a que se retornará posteriormente.

Muito feliz e confortável em Munique, em 1880 Ratzel torna-se professor adjunto, e recusa uma oferta de trabalho na Universidade de Leipzig, onde vagara uma cadeira, devido à morte de Oskar Peschel. Mas, em 1886, frente a uma segunda solicitação, Ratzel decide aceitar o convite, e muda-se para Leipzig, onde vai ocupar o lugar deixado por Ferdinand von Richthofen, que se transferira para Berlim. Embora oferecesse resistência para se desvincular de Munique, a experiência do geógrafo em Leipzig será muito produtiva, como se verá a seguir.

### *O professor em Leipzig*

A cidade de Leipzig era uma das mais cosmopolitas da Europa no final do século XIX. Maior centro de publicação e venda de livros do mundo, Leipzig pouco se identificava com as demais *Kleinstaaterei* da Alemanha. Apesar de a universidade contar com um corpo docente restrito e com poucos alunos, sua boa reputação ficava atrás apenas da de Berlim; Peschel e

---

<sup>66</sup> Bassin, *op. cit.*; p.125.

Richthofen foram responsáveis pelo ótimo nível de ensino.

Ratzel inaugura sua atividade acadêmica no semestre de inverno de 1886-7, com a palestra "Sobre as neves, neves geladas e geleiras" e com um Colóquio geográfico. Ao passar os olhos pela lista dos cursos que ministrou durante os 18 anos que lecionou em Leipzig<sup>67</sup>, nota-se, como em Munique, a abrangência e a desordem de seus temas. Com raras repetições, versavam desde geografia geral, bio- e antropogeografia, geografia econômica e dos transportes, geografia regional e etnografia, história e métodos, até a descrição da natureza e da paisagem. Este último tema, que será central nos capítulos seguintes desse trabalho, aparece pela primeira vez em 1896, e vai ser ministrado ainda durante outros três anos (1897, 1899 e 1902). O professor não tocou apenas em um único tema: geografia matemática. Parece não tê-lo interessado, além de nunca ter sido muito desenvolvido com os números. Como enfatiza Buttmann<sup>68</sup>, nem nas suas publicações há menção sobre esse tema.

O período letivo de Ratzel em Leipzig, de 1886 até sua morte repentina, em 1904, pode ser bipartido. A maior parte do tempo dedica-se à geografia universitária e ministra aulas cujo público varia de 40 a 70 alunos. Nessa fase, o professor tem oportunidade de especializar-se um pouco, particularmente no ensino sobre a Alemanha, França e Mediterrâneo. Em 1900 seus seminários estendem-se para um público de cerca de 300 a 500 alunos, agora na *Handelshochschule*. Essa tarefa exige de Ratzel um esforço muito grande, pois sempre fora avesso a platéias numerosas. Além disso, obriga-o a voltar a tratar de temas mais gerais, como soía acontecer em Munique.

Ensinar através de seminários é uma prática que Ratzel valoriza, e faz questão de disseminá-la em Leipzig. De Munique o professor traz também o ensino da leitura de mapas mas, devido à sua falta de interesse e à autoconsciência das próprias limitações para o trabalho

<sup>67</sup> Ver no Apêndice II.

<sup>68</sup> *Op. cit.*; p.78.

cartográfico, deixa esses seminários iniciais para seus assistentes, Fischer, Eckert, Friedrich e, por um breve período, Hettner. O que faz realmente com prazer é ministrar seminários avançados e acompanhar, pessoalmente, o trabalho desses alunos<sup>69</sup>.

Além da timidez, que impede o professor de organizar excursões com seus alunos e frequentar congressos internacionais, outra limitação com que Ratzel se depara é a falta de talento para desenhar. As fotografias apenas começavam a fazer parte do material geográfico, e o desenho à mão livre ainda era necessário para ilustrar as aulas de geografia física. Eckert<sup>70</sup> menciona as tentativas vãs do professor para ser bem-sucedido nessa tarefa.

Até o final de sua vida, Ratzel orienta cerca de 100 dissertações. Os mais ilustres estudantes e orientandos desses anos em Leipzig foram Jean Brunhes, Ellen Semple (que assiste às aulas apenas como ouvinte, pois mulheres não podiam se matricular na Universidade de Leipzig), Hans Helmolt, e Alfred Hettner. Fica difícil de afirmar que Ratzel tenha fundado uma escola em Leipzig. Sua incessante curiosidade, sua inquietude intelectual, como já mencionado anteriormente, impedem-no de se fixar em um objeto preciso, de estabelecer um método. Na verdade, nunca esforçou-se conscientemente para tal. Como transparece na carta para seu aluno Chr. Gruber:

Não tenho, como sabeis, a ambição de adestrar um aluno. Mas como o número de meus alunos aqui é bastante grande e, por vezes, cabe-me o lugar de dar a seus trabalhos uma determinada direção, pode causar essa impressão. Importa-me precisamente, porém, como em Munique, provocar nos estudiosos a paixão pelo trabalho científico, e deixá-los, de resto, desenvolverem-se tão livres quanto possível<sup>71</sup>.

Por outro lado, Ratzel não deixa de preocupar-se com a escola, mas na outra acepção da palavra. Trabalha incessantemente na formação de professores para as escolas públicas e no fomento de aulas de geografia nessas escolas. Nesse sentido, publica o livro *Deutschland*

<sup>69</sup> Wanklyn, *op. cit.*; pp.28-9.

<sup>70</sup> Citado por Wanklyn (*Idem*).

<sup>71</sup> Citado por Buttmann, *op. cit.*; pp.82-3.



(Alemanha)<sup>72</sup>, escrito com intuito pedagógico, onde apresenta as relações entre espaço e solo, formas paisagísticas, clima, mundo animal e vegetal, os homens desse país, sua origem, cultura, economia e modo de vida. Busca, assim, combater a aspereza das aulas de geografia, e "despertar a vontade de obtenção de um conhecimento e de uma concepção da terra natal (*Heimat*) não envolvidos apenas com o intelecto"<sup>73</sup>. Novamente vê-se Ratzel engajado na consolidação da nação alemã, desta vez preocupado em inculcar às novas gerações o *nacionalismo patriótico*. Lembra-se apenas que a necessidade de formar professores para o ensino primário e secundário foi a mola mestra da institucionalização do ensino universitário não apenas na Alemanha, mas também na França, Rússia, Romênia, Argentina e Brasil, dentre outros países<sup>74</sup>.

### ***Outras atividades***

Friedrich Ratzel frequenta pequenos grupos, diferentemente das grandes platéias, com muito apreço. Em Leipzig, reúne-se assiduamente com colegas e amigos para realizar passeios, que quase sempre acabam numa aconchegante taberna diante da porta da cidade. Mas o grupo que realmente vai ser importante para a produção ratzeliana é o chamado "Círculo de Leipzig", com quem se encontra toda sexta-feira à noite. Além do próprio Ratzel, o grupo tem como núcleo Wilhelm Roscher, economista, Wilhelm Ostwald, químico, Richard Wülker, lingüista, Wilhelm Wundt, psicólogo, Rudolf Kittel, teólogo e Karl Lamprecht, historiador. Outros orbitam, como A. Schäffle, sociólogo, e Gustav Theodor Fechner, físico e fundador da

<sup>72</sup> 1898.

<sup>73</sup> Citado por Buttmann, *op. cit.*; p.83.

<sup>74</sup> Para um aprofundamento no tema ver a segunda parte do livro de Capel (*op. cit.*; pp.77-241) - *La institucionalización de la geografía en el siglo XIX*.



psicofísica<sup>75</sup>.

O que agrega indivíduos com formações tão distintas, além da amizade e da busca de conhecimento? Hunter<sup>76</sup> sugere que o elo dessa ligação seja o interesse pela filosofia, precisamente pelo pensamento de Leibniz, o pansiquismo, desenvolvido por Fechner. Como resultado dos encontros, Ostwald funda, inclusive, os *Annalen der Naturphilosophie*, um jornal dedicado à filosofia da ciência, cujo primeiro número é publicado em 1902, e conta, periodicamente, com a contribuição de cada membro do Círculo. Essa corrente filosófica, relevante para a compreensão da produção ratzeliana e, ao mesmo tempo, quase ignorada por seus críticos, será retomada posteriormente. No presente momento, registra-se como o geógrafo entra em contato e encontra espaço para desenvolver suas idéias nesse ambiente.

Em 1893, juntamente com amigos e companheiros, Ratzel funda a "Tarde Geográfica de Leipzig" (*Leipziger geographischen Abend*), uma continuação do "Chá Geográfico" (*Geographischen Kränzchens*), que ocorria em Munique. A "Tarde Geográfica" pretende complementar a grande "Associação Geográfica", e oferecer a grupos de estudantes e jovens geógrafos a oportunidade de apresentação de suas pesquisas, o que não era tão fácil nem tão simples nos eventos da Associação. Embora nunca tenha sido oficialmente o diretor desse grupo, Ratzel era, sem dúvida, seu mentor intelectual e sua alma. Paralelamente, o geógrafo edita a "Biblioteca de Manuais Geográficos", que publica, entre outras obras famosas, a *Climatologia* de Hann e a *Morfologia* de Penck<sup>77</sup>.

Ratzel preside, por duas vezes, a Associação Geográfica, e participa de suas reuniões durante nove anos, no apogeu de seu desenvolvimento; época em que a Alemanha, em plena

---

<sup>75</sup> Durante a estadia de Ratzel em Leipzig Fechner recuperava-se de uma cegueira temporária devido a uma experiência; sua saúde não era boa, e morre logo no primeiro ano de Ratzel em Leipzig (Hunter, *op. cit.*; p.43).

<sup>76</sup> *Idem.*

<sup>77</sup> Moraes, 1990, *op. cit.*; p.18.

expansão colonial, envia para a África e o Pacífico pesquisadores e comerciantes, e há, por parte das classes cultas, um interesse crescente pela geografia. O próprio Ratzel, como já referido anteriormente, é um caloroso defensor da causa colonial, pertencendo à direção da seção de Leipzig da Sociedade Colonial Alemã (*Deutschen Kolonialgesellschaft*), além de tratar repetidas vezes do assunto em suas palestras. No início dos anos 90 ajuda a fundar a Liga Pangermânica, mas logo rompe com seus membros devido ao chauvinismo declarado do grupo, e torna-se um opositor de seus ideais<sup>78</sup>.

Ainda em relação à participação de Ratzel em sociedades e associações geográficas, assinala-se o cargo de conselheiro na Associação Alpina (*Alpenverein*) alemã e austríaca, de 1896 a 1901. O geógrafo é membro da Sociedade Científica Real da Saxônia (*Kgl. Sächsischen Gesellschaft der Wissenschaften*) e da Comissão para a História da Saxônia (*Kommission für Sächsische Geschichte*), além de sócio honorário das sociedades geográficas em Munique, Leipzig, Halle, Frankfurt sobre o Meno, Hamburgo, Berna, Londres, Roma e Bucareste. Outras homenagens são prestadas a Ratzel: na primavera de 1898 é designado Conselheiro Secreto Real da Saxônia e, a 8 de dezembro de 1901, por ocasião do jubileu de seus 25 anos de ensino, cria-se a Instituição Ratzel para o Fomento de Estudos e Viagens Geográficas (*Ratzel-Stiftung zur Förderung geographischer Studien und Reisen*). O nome de Ratzel encontra-se perpetuado também nas montanhas africanas: Hans Meyer, o primeiro alpinista da montanha Kibo, a mais alta do maciço Kilimandjaro, batiza a geleira desse cone vulcânico de "*Ratzel-Gletscher*" (Geleira Ratzel)<sup>79</sup>.

---

<sup>78</sup> Bassin, *op. cit.*; p.125.

<sup>79</sup> Buttmann, *op. cit.*; pp.80-2.

### *Livros, artigos, filosofia, arte e ideologia*

Autodisciplina é uma qualidade que deve ser, sem dúvida alguma, associada a Ratzel. Aliás, é a única explicação para a enorme produção ratzeliana, considerando-se sua vida ativa, tanto fora quanto dentro da universidade. Podem-se enumerar, cronologicamente, as maiores obras que o geógrafo escreve em Leipzig<sup>80</sup>: Os dois volumes complementares de *Völkerkunde* (As raças humanas), editados em 1886 e 1888; o segundo volume de *Anthropogeographie* (Antropogeografia), em 1891; *Politische Geographie* (Geografia política), em 1897; *Die Erde und das Leben* (A Terra e a vida), em 1901-2, e; *Über Naturschilderung* (Sobre a descrição da natureza), em 1904.

Os livros são acompanhados pela produção de inúmeros artigos em diversos periódicos que, de modo geral, especificam, aprofundam, complementam, discutem os temas neles desenvolvidos. Exemplo disso é a afirmação de Overbeck<sup>81</sup> de que, para se obter a dimensão real da geografia política ratzeliana é preciso ir além da *Politische Geographie*, consultar seus outros artigos, pois esta expressa apenas parcialmente a concepção do mestre.

Enquanto em Munique Ratzel está ainda muito envolvido com as descobertas dos cientistas naturais, em Leipzig procura elaborar os conceitos de geografia humana em geral, e da geografia política em particular, a partir da correlação do pensamento filosófico com o geográfico. Dirigindo-se paulatinamente para o lado *espiritual* da pesquisa científica, a abordagem geográfica de Ratzel, principalmente em seus últimos trabalhos, aproxima-se da obra de Ritter<sup>82</sup>. Artigos como "*Freunde, im Raum wohnt das Erhabene nicht!*"<sup>83</sup> (Amigos, o

<sup>80</sup> Ver bibliografia.

<sup>81</sup> 1957; p.169.

<sup>82</sup> Wanklyn, *op. cit.*; pp.35-6.

<sup>83</sup> Publicado em 1903 no periódico *Glauben und Wissen*, faz parte da coletânea *Kleine Schriften* (Helmolt, *op. cit.*; pp.293-7).

sublime não mora no espaço!) e "*Weltentwicklung und Welterschöpfung*"<sup>84</sup> (Desenvolvimento e criação do mundo) mostram o geógrafo na busca de explorar as contradições da visão de mundo entre conhecimento das ciências naturais e fé religiosa.

Sob esse aspecto, a influência do Círculo de Leipzig é evidente. Hunter<sup>85</sup> mostra, por exemplo, a insistência de Wundt no cuidado com o emprego das palavras; não só deveriam ser procurados nomes apropriados para idéias novas, como dever-se-ia atentar para o fato de que uma palavra não refere-se, necessariamente, a uma idéia geral, pois cada indivíduo tende a utilizá-la, na maioria dos casos, relacionando-a a objetos que fazem parte da sua experiência privada.

Nesse sentido, o uso que Ratzel faz da palavra "organismo" é paradigmático. Hoje, organismo é associado, de um modo geral, à vida biótica. Mas, no passado, organismo referia-se a qualquer forma de estrutura organizada. Partindo-se, portanto, desse segundo conceito, e adaptando-o à particularidade da vida do geógrafo, abre-se uma perspectiva totalmente diversa da leitura tradicional de Ratzel. Primeiramente, a palavra "organismo" não foi sua invenção. Como muitas outras, aliás. Goethe, por exemplo, empregara o termo "*Der Lebensraum*" (espaço vital), tão associado ao nome de Ratzel, muito antes que este viesse ao mundo<sup>86</sup>. Em segundo lugar, "organismo" era empregado tanto na filosofia quanto na zoologia, cada qual com seu significado próprio; Ratzel, por conhecer ambos, estava livre para escolher. Além disso, o geógrafo esclarece suas premissas: "A conexão espiritual combina o que está separado fisicamente e, portanto, não é mais aplicável, certamente, à comparação biológica"<sup>87</sup>. Logo, tratar Ratzel como um biólogo que pensa em organismos corpóreos e que, portanto, estaria *naturalmente* pensando em ciclos de vida -interpretação corrente de sua obra-, soa

<sup>84</sup> *Op. cit.*

<sup>85</sup> *Op. cit.*; pp.45-6.

<sup>86</sup> Wanklyn, *op. cit.*; p.41.

<sup>87</sup> Citado por Hunter, *op. cit.*; p.47.

simples demais.

O conceito ratzeliano de "organismo" subentende o tema da unidade, ou *Ganzheit*<sup>88</sup>, de matriz romântica. Expressa a unidade orgânica do homem e da Terra, incluindo todos os objetos perceptíveis, materiais e imateriais. Ratzel adota, destarte, a estrutura orgânica da realidade segundo a escola filosófica do pansiquismo. O todo interrelaciona-se e interconecta-se, através de extensões multiformes de suas partes orgânicas, com um ilimitado número de totalidades orgânicas iguais, maiores ou menores que ele. Fundamentalmente, todas as totalidades orgânicas na filosofia pansíquica e no pensamento ratzeliano ocupam o mesmo espaço básico: o espaço do mundo.

Seguindo esses princípios, a filosofia pansíquica diverge brutalmente do evolucionismo darwiniano, como o próprio Ratzel reconhece:

Desde que o organismo político seja formado através da integração de elementos de grande independência, ainda que imperfeitos como organismos, a diferenciação está na difusão e na unificação dos elementos, e não na transformação e na fusão, como no caso das plantas e dos animais"<sup>89</sup>

Como acadêmico formado em zoologia, Ratzel domina o conhecimento necessário para diferenciar as estruturas dos dois conceitos organicistas. Além disso, o geógrafo conhece as tentativas de Spencer e de outros em relacionar, improdutivamente, o estado social com a estrutura rudimentar do organismo corpóreo; manifesta-se contra sua lógica quando escreve sobre sua rejeição ao trabalho de Spencer e de Comte.

Onde aflora com mais nitidez o lado romântico do geógrafo é nos ensaios sobre a descrição da paisagem. Embora essa vertente do pensamento ratzeliano não tenha despertado maior interesse no decurso do pensamento geográfico<sup>90</sup>, é significativa a produção do geógrafo

<sup>88</sup> *Ibid.*; pp.12-6.

<sup>89</sup> Citado por Hunter, *Ibid.*; p.13.

<sup>90</sup> Mesmo na literatura alemã pesquisada encontrou-se apenas um autor autor que se detém no tema, Schultz (1980). Overbeck (1951), num artigo em que relaciona Ritter, Riehl e Ratzel, estuda o conceito de paisagem cultural e histórica apenas na *Anthropogeographie*.

sobre o tema. Com exceção dos textos biográficos, o primeiro volume dos *Kleine Schriften*<sup>91</sup> (Pequenos Escritos) é composto quase inteiramente por esses textos. Em artigos como "Zur Kunst der Naturschilderung" (Sobre a arte de descrever a natureza), "Der Geist, der über den Wassern schwebt" (O espírito que paira sobre as águas), "Das Wasser in der Landschaft" (A água na paisagem), dentre outros, percebe-se claramente uma preocupação estética, onde emerge o lado artístico de Ratzel.

Conhecedor de boa literatura, o geógrafo lera não apenas os trabalhos significativos da poesia alemã, como também a literatura européia em geral, inclusive os jovens americanos. A música e a pintura também o agradavam. Conhecia as grandes galerias da Europa, como se verá adiante. Pode-se dizer que o livro *Über Naturschilderung*<sup>92</sup> (Sobre a descrição da natureza) seja uma síntese desse conhecimento, da representação literária e científica da natureza. Segundo Buttman<sup>93</sup>, trata-se da tentativa de desenvolvimento de um método, ou melhor, de sugerir um modo de descrição artística da natureza e da paisagem que preencha tanto as necessidades científicas como as estéticas. Visa, sobretudo, obter entendimento profundo da natureza através do modo de observação artística, com preocupação pedagógica, para afastar a aridez das descrições geográficas<sup>94</sup>. Como o interesse do mestre no assunto é crescente nos últimos anos de sua vida, pode-se inferir que esse tema viesse a ocupar maior vulto no conjunto de sua obra, não fosse sua morte repentina.

Em relação ao posicionamento ideológico declarado de Ratzel, cumpre que sejam feitas ainda algumas considerações. Primeiramente, é importante mencionar o artigo *Nationalitäten und Rassen*, publicado no *Türmer-Jahrbuch*, em 1904, onde o geógrafo alerta para as teorias raciais de Gobineau e de seu aluno Houston Chamberlain. Ratzel antevê, nítida e claramente,

---

<sup>91</sup> Ver sumário no Apêndice I.

<sup>92</sup> 1904.

<sup>93</sup> *Op. cit.*; p.107.

<sup>94</sup> Ratzel, *op. cit.*, 1911; p.IV.



o perigo do emprego de argumentos não-científicos e com elementos ideológicos desembocar na mais alta expressão da doutrina racista do nacional-socialismo<sup>95</sup>.

Outro ponto que o afasta das doutrinas nacional-socialistas é em relação à necessidade de reunir o povo alemão. Em artigo que escreve para *Nord und Süd*, em 1878, em que discute o caráter dos assentamentos minoritários de alemães fora das fronteiras da nação, Ratzel afirma que

esses povos, separados politicamente, mas que mantiveram nossa mente em tantas outras circunstâncias, pensam e sentem, de algum modo, um pouco diferente de nós mesmos. Enquanto há dúvidas se sua reunião conosco nos faria mais fortes, é certo que esses mesmos grupos não enriqueceriam (ao retornarem) nossa existência cultural alemã; apenas a tornaria mais uniforme<sup>96</sup>.

Sente-se nas palavras do mestre novamente, entretanto, o tom de preocupação com o que seria ou não importante para a formação da nação alemã.

Como já mencionado anteriormente, Ratzel vive uma fase intimista em Leipzig. A frequentar os eventos internacionais, prefere permanecer com sua família, seus amigos e alunos mais chegados. Nos últimos anos habituara-se a passar o verão numa casa de campo, em Ammerland, no lago Starnberg, a sudoeste de Munique. É nesta casa que, a 9 de agosto de 1904, sofre um ataque cardíaco fulminante. Ironia do destino. A três semanas de completar 60 anos, sua morte era inesperada; o livro comemorativo que seus amigos e alunos preparavam para a ocasião de seu aniversário acaba se transformando num memorial<sup>97</sup>.

<sup>95</sup> Buttman, *op. cit.*; p.88.

<sup>96</sup> Citado por Wanklyn, *op. cit.*; p.37.

<sup>97</sup> *Zu Friedrich Ratzels Gedächtnis*, 1904.



## CAPÍTULO 3

### DESCREVENDO A NATUREZA

"Os nossos pequenos gestos inconscientes revelam o nosso caráter mais do que qualquer atitude formal, cuidadosamente preparada por nós."

E. Wind, *Arte e anarquia*

Muitos poderiam ser os caminhos para se trilhar a obra de Ratzel. No entanto, um teve de ser escolhido. A descrição da natureza foi eleita, por ser, talvez, onde o geógrafo se encontre menos comprometido com a produção formal de uma obra acadêmica, ou de um manifesto político.

Os textos que se seguem baseiam-se em três artigos, publicados nos *Pequenos Escritos* (*Kleine Schriften*<sup>1</sup>): "*Zur Kunst der Naturschilderung*" (Sobre a arte de descrever a natureza), de 1888, "*Über ein Gesetz landschaftlicher Bildung und Nachbildung*" (Sobre uma lei de formação e de reprodução da paisagem), de 1900, e "*Kunst in Natur*" (Arte na natureza), de 1904. Além de ampliar o conhecimento da obra de Ratzel espera-se, acima de tudo, fornecer mais elementos para se realizar um estudo crítico, que permita focalizar aspectos ainda não explorados o bastante dessa fase histórica tão decisiva para o campo do saber em geral, e da geografia, em particular.

---

<sup>1</sup> Em Helmolt, *op. cit.*; pp.111-26, 228-36, 361-70.

## *Das palavras*

"Em qualquer campo de estudo ainda não reduzido (ou elevado) ao estatuto de verdadeira ciência, o pensamento permanece cativo do modo lingüístico no qual procura apreender o contorno dos objetos que povoam seu campo de percepção."

Hayden White, *Meta-História*

Para que não haja dúvidas e mal-entendidos, Ratzel adverte, logo no início de seu trabalho *Sobre a arte de descrever a natureza*<sup>2</sup>, sobre o emprego que faz da palavra "Kunst" (Arte). Deixa claro que não pretende tratar do lado puramente artístico, ou mesmo do estético-filosófico da descrição da natureza. Segundo o geógrafo, "arte" refere-se ao talento que se depreende das obras poéticas e científicas para descrever a natureza em geral. Talento esse cujos critérios da justa medida Ratzel procura estabelecer no decorrer do texto, para que a natureza possa ser conhecida "nos pormenores de seu ser".

Para que não haja dúvidas e mal-entendidos, novamente, faz-se uma ressalva. Em alemão, há duas palavras que designam "descrição": "*Schilderung*" e "*Beschreibung*". A primeira, proveniente de "*Schild*", escudo em alemão, é empregada no sentido de narrativa: faz lembrar o escudo de Aquiles, gravado com as façanhas do guerreiro. A segunda tem uma acepção mais técnica. Ratzel, sensível a essa diferença, atém-se à "*Naturschilderung*". No livro *Über Naturschilderung*<sup>3</sup> (Sobre a descrição da natureza), que é resultado do aprofundamento do mestre nesse tema, como visto anteriormente, há um subcapítulo dedicado a reflexões sobre as sutilezas do emprego de um ou outro termo.

O escritor deveria, portanto, ao "narrar" a paisagem, ter a intenção, segundo Ratzel, de deslocar o leitor para essa paisagem. Para tanto, seria necessário fornecer-lhe, através das

<sup>2</sup> *Ibid.*; pp.111-26.

<sup>3</sup> *Op. cit.*

palavras, elementos tais como formas e cores, e não apenas o reflexo daquelas impressões que o quadro da natureza despertara em sua alma. "Que pena, lamenta Ratzel, que o autor não compreenda quão bom seria se nos deixasse saber como era o trecho pelo qual passou". Para o geógrafo, descrever a natureza, narrá-la, seria, sem dúvida alguma, obra de arte, já que

pulsa, através de suas palavras, a cálida corrente sanguínea do coração de um homem, por ponderadas e medidas que as mesmas sejam, por mais que o fogo do pensamento tenha verificado a legitimidade de todas elas e liquidado, abrasando, cada mínimo brilho ainda não totalmente justificado.<sup>4</sup>

Diferentemente da verdade científica para a qual -cria Ratzel- haveria apenas um modo adequado de ser manifestada, para a representação de um objeto ou de um acontecimento haveria tantos modos quantas almas que reflitam essas imagens, e a multiplicidade de expressões possíveis seria por fim delimitada apenas através das balizas concernentes ao domínio da linguagem. Mas esses limites, adverte o geógrafo, são muito extensos. Nessa margem se identifica a qualidade das descrições. É o que se depreende dos exemplos apresentados por Ratzel, ao citar, respectivamente, anotações de Goethe, Chateaubriand e Quinet:

Há um longo caminho da descrição simples, apropriadamente delineada da vista do desfiladeiro de São Gotardo por Goethe: "Queda-se aqui sobre um plano, cingido por cumes, onde caneluras e recifes pelados, na sua maioria cobertos com neve, limitam o panorama por todos os lados", até a comparação requintada da vista do maciço de Montblanc num dia claro com "esplêndidas singularidades da natureza, formosas árvores corais, maciços de estalagmites, sob a guarda de um hemisfério do mais puro cristal", ou ao palavrório retórico de Quinet, que denomina o Montblanc um herói "que, para lutar, lança o sobretudo diante dos pés".<sup>5</sup>

Ambas as descrições, em diferentes graus, são justificáveis, segundo Ratzel. No entanto, a que mais se aproxima da natureza mesma do que está sendo descrito é a de Goethe; as demais poderiam referir-se muito bem a tantos outros fenômenos da natureza que não

<sup>4</sup> Em Helmolt, *op. cit.*; p.113.

<sup>5</sup> *Ibid.*; pp.113-4.

apenas ao Montblanc. Qual seria, então, o procedimento adequado para se obter uma descrição o mais fiel possível ao que se está descrevendo?

Para Ratzel, tanto aquele que descreve a natureza como o poeta não devem restringir a escolha dos meios para a obtenção de uma finalidade artística, poética; sua inteligência não deve podar as asas da imaginação -apenas deve ser evitado o estilo em que o *élan* é empregado em cada momento tão abundantemente, que se tenha a impressão de um "ver além" poético, o que prejudicaria, com o tempo, a fidelidade da representação. A melhor maneira de evitar o excesso, recomenda o geógrafo, estaria sempre naquela limitação da escolha dos meios de representação que a natureza da própria matéria oferece. Ao poeta agrada dar à sua imagem da natureza um efeito concludente, momentâneo, através de um tropo; o descritor da natureza fornece a impressão geral em sua aparência local que, mesmo quando é pouco vistosa, deve ser levada em conta. Seu tecido deve ser estudado fio por fio.

Conhecer o que se está descrevendo é, portanto, condição essencial para que o descritor da natureza seja bem-sucedido. É nos museus e herbários que se devem buscar os elementos para uma boa descrição<sup>6</sup>, afirma Ratzel, e não na memória. Esta não é "um espelho puro, mas sim um diminuto, distorcido, misturado". Apenas a espíritos poderosos como os de Goethe e de Lenau é dado o direito de idealizar paisagens, em que a preocupação com a verdade desvia-se para o âmbito das possibilidades.

Após evidenciar a importância do estudo da natureza para que seja descrita *fielmente*, Ratzel detém-se na especificidade do uso das palavras. Já que não têm o poder descritivo de

---

<sup>6</sup> Foucault aponta que esses "espaços claros" -herbários, coleções, jardins-, constituídos no século XVIII, originaram todo um ambiente de história "onde o século XIX reencontrará, após esse puro quadro das coisas, a possibilidade renovada de falar sobre palavras. E de falar sobre elas não mais no estilo do comentário, mas segundo um modo que se considerará tão positivo, tão objetivo quanto o da história natural" (1987; p.145).

linhas e cores, as palavras podem fazer surtir efeitos diferentes, e talvez mais elevados do que estas. Cumpre prosseguir o raciocínio do mestre para que se entenda onde quer chegar.

Na palavra "*Naturschilderung*" há mais do que na palavra "*Landschaftsmalerei*" (pintura da paisagem). Natureza diz mais do que paisagem. A descrição da natureza tem uma intenção intelectual, já que seu meio, a palavra, pode alcançar mais longe do que são capazes as linhas de um desenho da paisagem ou as tonalidades da luminosidade e das cores de uma pintura<sup>7</sup>.

Mas o que significa "alcançar mais longe"? A representação desenhada e a pintada fala aos sentidos, enquanto a descrição com palavras, ao intelecto e à alma, diz Ratzel. Além disso, com palavras pode-se passar por diversas fases de um movimento, enquanto com linhas e cores representa-se apenas um momento. Para ser mais claro, o geógrafo cita o exemplo do botânico americano Lesquereux que, ao lançar um olhar sobre fósseis vegetais do terciário das Montanhas Rochosas, faz a ligação de quão impregnadas as formas das duas plantas originárias de tais fósseis -videira e amoreira- encontram-se na paisagem norte-americana:

São vistas por toda a parte, e cada qual é benquista; uma alegra nossos fazendeiros com sua sombra, e as pequenas, com seus frutos; a outra enfeita nossas moradias ou encobre com sua massa de folhas as árvores mortas, as rochas peladas, sobre as quais verte guirlandas multicoloridas. Parece-me valioso lembrar que a procedência da videira e da amoreira remonta ao período terciário da América do Norte.<sup>8</sup>

Somente através da reflexão é possível envolver a descrição da imagem de duas plantas tão corriqueiras com tal encanto intelectual, observa Ratzel, e prossegue:

Não pode-se afirmar que, na abertura de uma perspectiva tão ampla, possível, na verdade, apenas a partir de fundamentos científicos, não se encontre algo também perceptivelmente encantador? Criaturas efêmeras do reino vegetal despem-se de sua efemeridade; vemos suas espécies cambiantes reproduzirem-se de geração a geração; sua aparência momentânea adquire um valor superior, aprofundando-se.<sup>9</sup>

<sup>7</sup> Em Helmolt, *op. cit.*; p.118.

<sup>8</sup> *Ibid.*; p.119.

<sup>9</sup> *Idem.*

Saber dosar a reflexão é o desafio para o descritor da natureza. Caso haja um exagero de seu emprego, corre-se o risco de danificar o nexos entre imagem e pensamento, caindo-se no vazio da pura abstração. Ratzel cita então o exemplo de Friedrich v. Raumer que, encantado com as cataratas do Niagara, compara-as a um poço de rejuvenescimento, o que não fornece elemento nenhum para que o leitor possa imaginar como sejam realmente as cataratas.

Além de conferir ao mundo natural perenidade e profundidade cronológica, Ratzel atribui ao uso do conhecimento científico a capacidade de evitar que se imerja na generalidade. O desenvolvimento sincrônico da ciência natural e do sentimento pelo belo na natureza não se deu em vão, lembra o geógrafo. Entretanto, o descritor da natureza deve estar bem consciente da fronteira entre arte e ciência. À descrição não favorecem nem o lastro das expressões técnicas nem a pompa dos nomes latinos. Que Alexander von Humboldt empregasse, em tempos passados, nomes científicos para plantas cujas formas e cores não eram correntes nem para os botânicos é compreensível, diz o mestre. Daí a fazer desse uso norma, já implica um amaneiramento do texto desnecessário.

O olhar apurado de Jean Paul e de Adalbert Stifter, por exemplo, torna estimulante e instrutiva a descrição da natureza. Ambos procuram, na própria natureza, os elementos para descrevê-la, estudando-os, comparando-os. A esses poetas deve-se o enriquecimento dos sentimentos de grandeza e de beleza na natureza. É preciso, com eles, aprender a ver, aconselha Ratzel:

Assim como Rousseau e Bernardin de St. Pierre, para Georg Forster e Alexander von Humboldt, Jean Paul e Stifter tornaram-se professores estimulantes da percepção e da descrição da natureza para uma geração posterior, por ora, de alemães. É mesmo difícil separar dos sofisticados tecidos de afinidades intelectuais os fios transversais entrelaçados; mas na mais alta e casta arte da descrição da natureza de um Poeppig, Junghuhn, Kohl, Moritz Wagner, pode-se reconhecer antes o modelo destes do que daqueles.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> *Ibid.*; pp.122-3.

Interessa assinalar que Ratzel não está escrevendo um texto puramente retórico. As pontuações temáticas do geógrafo são realmente seguidas por ele. Como é o caso da admiração por Adalbert Stifter. Nos textos em que o próprio Ratzel está descrevendo a natureza, como será visto posteriormente, a influência do poeta é flagrante. No momento, cumpre seguir o curso textual do mestre, que compara Stifter a Jean Paul:

Em seu modo fino, porém matizado e, sobretudo, seguro, de manusear o pincel, reconhece-se a escola de Jean Paul. Mas Stifter desenvolveu a técnica da descrição da natureza mais amplamente, e suas imagens são o resultado de um estudo da natureza, cuja profunda fidelidade se compreende, tendo em vista que esse tranquilo homem ocupou-se com igual seriedade das ciências naturais e da pintura, e em nenhuma delas permaneceu diletante.<sup>11</sup>

Outro problema que Ratzel levanta em relação às descrições da natureza de contemporâneos seus e da geração precedente é a falta de cores. Trata-se de um "daltonismo estilístico", comum tanto aos literatos quanto aos pintores. O mal, segundo o geógrafo, advém de uma indolência de fundo para ver e descrever. "Como seria possível fazer uma descrição leal das paisagens tropicais, ardentemente coloridas, sem uma forte disposição para as cores?"<sup>12</sup> pergunta-se Ratzel. Além das cores, o geógrafo alerta para a falta de representações panorâmicas:

Em cada efeito que uma paisagem exerce sobre nós, encontramos o detalhe do olhar próximo, unido, em proporções variadas, com as feições grandiosas e gerais da visão panorâmica. Ambos elementos não devem suplantar-se mutuamente na descrição. Alguns viajantes narram apenas aquilo que está no caminho, o que se lhes impõe.<sup>13</sup>

A descrição panorâmica da natureza acrescentaria não apenas a perspectiva do conjunto da imagem, como também poderia conter indícios da estação do ano, da hora do dia e das condições meteorológicas, o que a tornaria mais informativa e, portanto, menos monótona.

---

<sup>11</sup> *Ibid.*; p.123.

<sup>12</sup> *Ibid.*; p.124.

<sup>13</sup> *Idem.*



A grande vantagem que Ratzel faz questão de destacar da descrição literária da natureza em relação à gráfica é, pelo que foi exposto, a possibilidade de expressar o mutável e, especialmente, o desenvolvimento na imagem da paisagem. É ser capaz de incorporar, na visão do espaço, a profundidade do tempo, tema tão caro a toda uma geração que vive, com surpresa, a emergência da compressão espaço-temporal. E o geógrafo, mestre que acredita no saber, conclui:

Tememos, no entanto, ter falado quase por demais de uma arte que, como tantas outras, não se aprende da teoria; muito menos ainda, porém, sem o devido preparo, quer dizer, sem a competência da observação da natureza exata e ininterrupta, e sem o treinamento do potencial artístico (*künstlerischen Vermögen*) e do saber (*Können*), que podem ser praticados com êxito.<sup>14</sup>

### *A visão da paisagem*

"...o mundo nunca se pode parecer exatamente com um quadro, mas um quadro pode se parecer com o mundo. Não é o 'olho inocente', porém, que consegue essa igualdade mas só a mente curiosa, que sabe como sondar as ambigüidades da visão."

E. H. Gombrich, *Arte e ilusão*

Friedrich Ratzel não se detém apenas no uso das palavras para a descrição da natureza, embora, como visto anteriormente, reconheça nelas méritos próprios que as colocam em uma posição privilegiada em relação aos demais modos de expressão, do ponto de vista da observação científica. A pintura de paisagens é também digna de atenção. No texto *Sobre uma lei de formação e de reprodução da paisagem*<sup>15</sup> o geógrafo busca, através do estudo da pintura de paisagens, o porquê de motivos tão freqüentes.

<sup>14</sup> *Ibid.*; p.126.

<sup>15</sup> *Ibid.*; pp.228-36.

Ratzel intriga-se com essa constância de motivos na arte pictórica. O encanto, a rigidez e a inquietude da paisagem do vale do Mosa são retratados tanto por Van Eyck (Fig.4), como por Joachim Paterniers e Henriks mies de Bles, naturais dessa região. As encostas escarpadas encobertas pelas florestas de coníferas e as várzeas ricamente cultivadas estão presentes nas obras dos artistas neerlandeses. Também são encontradas nos trabalhos que representam as paisagens naturais das fendas do Jura na Suíça francesa, nos vales do Reignitz e do Danúbio Superior, igualando-se, nos seus pormenores, aos modelos dos predecessores. O geógrafo, então, questiona:

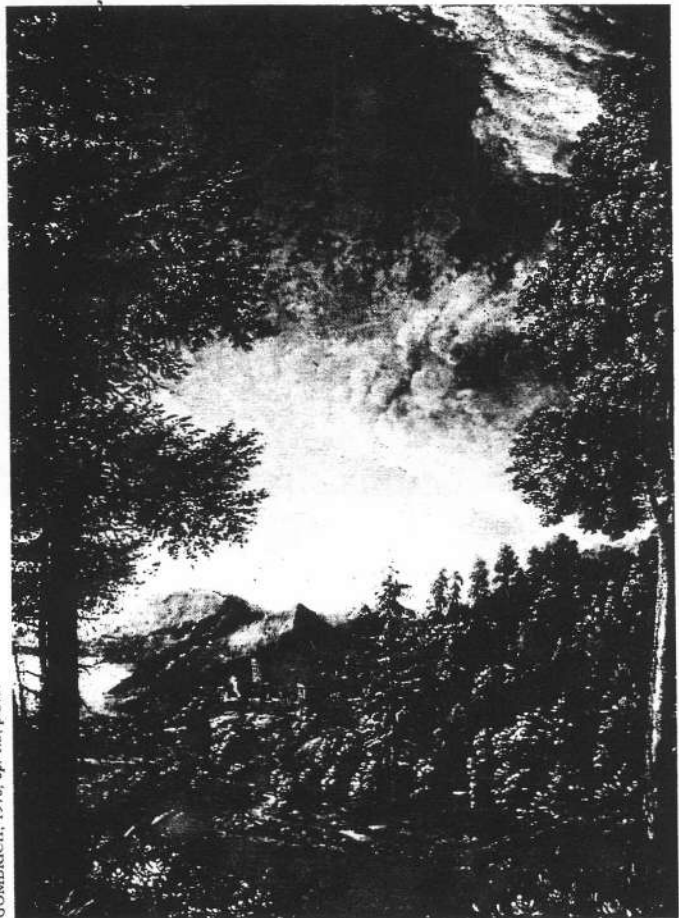


GOMBRICH, E.H. *The story of art*. London: Phaidon Press, 1978, p.177.

Fig.4. Jan Van Eyck: *Os juizes justos e os cavaleiros de Cristo*. Completo em 1432. Ghent, St. Bavo.

Essa paisagem, em pequenas medidas íngreme e rica em contrastes, foi escolhida porque Eyck a pintara, ou por satisfazer um sentimento pela natureza que ainda não se estendera para a pintura das planícies e dos mares? Acreditamos nessa última hipótese, pois a paisagem de um vale vai ao encontro, simultaneamente, da necessidade de uma composição simétrica, que domina todos os panos de fundo paisagísticos, tanto mais decisivamente quanto mais longe retrocedermos.<sup>16</sup>

Rochedos cinzas ou marrons em primeiro plano, por entre os quais avista-se a lonjura azulada, são constantes em quadros dos primeiros séculos da moderna pintura de paisagem. Ratzel assinala a freqüência em exemplos expostos na *Alte Pinakothek*, em Munique<sup>17</sup>: artistas como Dirck Bouts, Mostaert, Altdorfer (Fig.5), J. Bruegel, e até mesmo Rafael, em seus primeiros trabalhos, utilizaram-se desse modelo.



GOMBRICH, 1978, op. cit., p. 273.

Fig.5. Altdorfer: *Paisagem*. Cerca de 1535. Munique, *Alte Pinakothek*.

<sup>16</sup> *Ibid.*; p.228.

<sup>17</sup> Convém lembrar que o acervo da *Alte Pinakothek*, em Munique, foi muito afetado durante a Segunda Guerra Mundial, o que compromete uma averiguação *in loco* das observações de Ratzel.

No século XVII, no entanto, houve uma emancipação em relação ao colorido, mas manteve-se a simetria. Ruisdael (Fig.6), por exemplo, tornou-se mestre em pintar nuvens escuras e sombrias, bem como acinzentados espelhos d'água, rochedos, troncos de árvore, em harmonia com os bosques sombrios que retratava<sup>18</sup>. A composição simétrica, porém, não fora abandonada; o pano de fundo azulado saíra de moda -ênfatiza Ratzel- o olhar que se aprofunda na imagem permanecera.

Fig.6. Jacob Van Ruisdael:  
*Paisagem de bosque.* Cerca de 1655,  
*Worcester College.*



GOMBRICH, 1978, *op. cit.*, p. 338

Também na paisagem heróica de Poussin (Fig.7) e de seus inúmeros seguidores há essa constante simetria. As ruínas, como bastidores, compõem o primeiro plano, enquanto o perfil

<sup>18</sup> Gombrich atribui a Ruisdael a descoberta da poesia da paisagem do norte, do mesmo modo que, a Claude Lorrain, a descoberta da poesia do cenário italiano: "Talvez nenhum artista antes dele [Ruisdael] tenha conseguido expressar tanto de seus próprios sentimentos e estados de espírito através de sua reflexão na natureza" (1978; p.338).



clássico das colinas Albani perfazem o pano de fundo. Os motivos podem variar, mas mantém-se a composição tripartida, observa Ratzel.

O geógrafo aponta que não apenas na pintura, mas nas "mais recentes produções da mais moderna arte paisagística, nas fotografias de paisagens", encontra-se novamente essa mesma simetria. Nas mais admiráveis, estimadas, e muitas vezes reproduzidas fotografias dos Alpes" vêem-se, em ambos os lados, florestas e prados, e avistam-se, no centro, neves eternas e geleiras. Retornam, assim, os elementos da paisagens quinhentistas. Ratzel, novamente, questiona:

Não seria apenas uma preferência, fadada a passar logo, a determinar a tendência para os panos de fundo alpestres cercados por montanhas? Não seria uma moda superior, algo como a paisagem heróica dos cenários mitológicos sombreados por incríveis exemplares arbóreos? Contra isso fala, pois, o retorno desse tipo de paisagem em séculos muito distantes, dos primeiros quadros de paisagem que se conhece às mais modernas fotografias, às imagens de todas as zonas e de todos os continentes. Para o geógrafo, que observa a paisagem a partir de sua formação e das similitudes familiares nela fundadas, a pergunta se uma forma terrestre de determinada incidência muito freqüente seja fundamentada por razões naturais profundas aproxima-se mais do que para o artista.<sup>19</sup>



Fig. 7. Poussin:  
*Et in Arcadia ego*. Cerca de  
1655. Paris,  
Louvre.

GOMBRICH, 1978, *op. cit.*, p. 308.

<sup>19</sup> *Ibid.*; p.231

Ratzel defende a idéia de que na própria natureza encontra-se a imagem da paisagem tripartida, que não se trata apenas de uma ordenação segundo gostos esquematizados. Os elementos dos vales proporcionam esse tipo de paisagem: margens, encostas, diques, rochas e cadeias montanhosas emolduram a calha em solo terrestre. Na verdade, o vale é, enquanto efeito das águas, um dos maiores acontecimentos da superfície da Terra, afirma o geógrafo. Pode-se dizer que a paisagem tripartida, em sua moldura natural, seja o resultado do efeito de forças que existem em todos os lugares e que agem sobre a Terra, de dentro para fora, e, pelo ar, através da água, de fora para dentro. Pinta-se, desenha-se, fotografa-se essa vista, portanto, por ser tão freqüente, conclui Ratzel.

Mas o geógrafo não pára por aí. Fechner formulou, lembra Ratzel, pela primeira vez, a lei fundamental da estética -de que, para cada grande totalidade, com a qual se deva ocupar por um certo período, são exigidas muitas desigualdades que, entretanto, precisam estar homoganeamente associadas, para que possam prender a atenção. Ratzel desenvolve o raciocínio:

Quanto maior a variedade ou a desigualdade, tanto mais difícil a interligação para a unidade, tanto maior, porém, nosso gozo estético, quando essa ligação é bem-sucedida. Entre as figuras simples, nesse sentido, o círculo está acima da linha reta, a elipse acima do círculo; a repetição de uma reta em paralelo está acima da linha simples, o agrupamento vetorial de várias linhas, acima da seqüência de paralelas. A repetição de uma forma aumenta muitas vezes nosso beneplácito por ela; há, porém, um grau superior de prazer quando, nessa repetição, há relacionamento uniforme, que liga ambas as formas uma à outra. [...] Isso é de grande importância direta para as imagens da paisagem.<sup>20</sup>

A simples repetição não é esteticamente vantajosa. Duas árvores lado a lado, por exemplo, são uma imagem pouco atraente. Se, no entanto, cada qual ocupar uma extremidade da imagem, emoldurando, por exemplo, um vale ou um penhasco, amplia-se o gozo estético. A repetição simétrica agrada por dotar de regularidade a irregularidade predominante dos

---

<sup>20</sup> *Ibid.*; p.232.

contornos e das formas do solo. O "emolduramento" de uma terceira imagem que se avista à distância é aprazível ao sentido estético.

Outra característica advinda com a repetição dos elementos da natureza que Ratzel aponta é o ritmo. Para tanto, contribuem as amplas gradações de formas e cores nela encontradas. "A linguagem da natureza nos soa melhor, quando se difunde com muitas repetições e ritmos vastos"<sup>21</sup>, afirma o geógrafo. Como acontece na paisagem das *Mittelgebirge*, por exemplo:

O olho corpóreo vai ao encontro logo, entretanto, nessa perspectiva, apenas com árvores e com a escuridão da floresta, que sempre se repetem. Mas a alma precipita-se para além do olhar e aninha-se, com deleite arrepiante, em recantos frescos e musgosos da floresta, onde fica, nas tranqüilas nascentes, a célebre flor azul<sup>22</sup> e, das sombras, sai um corço que olha timidamente curioso, indagando, o invasor<sup>23</sup>.

Mas o deleite não ocorre apenas nas florestas das montanhas, lembra o geógrafo. Nos caminhos simples retratados por Camille Corot (Fig.8), o princípio da interpolação e do olhar penetrante também está expresso, posto que serve de fundo para a outrora tão fortemente pronunciada simetria lateral. O entrelace unificador, portanto, permanece. Seria interessante, finaliza Ratzel, observar em quantas novas paisagens esse "motivo do caminho" constitui o cerne intelectual e a chave, cuja simetria procede das primeiras escolas pictóricas da paisagem mencionadas anteriormente.

---

<sup>21</sup> *Ibid.*; p.234.

<sup>22</sup> *Die blaue Blume*, expressão característica dos poemas românticos alemães.

<sup>23</sup> Em Helmolt, *op. cit.*; p.236.



Fig. 8. Camille  
Corot: *Vista  
nas  
proximidades  
de Epermon.*  
Cerca de 1850-  
60.  
Washington,  
*National  
Gallery of Art.*



GOMBRICH, 1986, *op. cit.*, p. 42.

### *Olhos ilustrados*

É interessante observar como Ratzel aplica, em suas próprias "narrações" da natureza, os princípios que formula em seus textos teóricos, dos quais já foram apresentados alguns fragmentos. Convida-se o leitor, a partir de agora, para uma incursão pelas frases do mestre; espera-se que, com os elementos fornecidos, seja possível uma averiguação menos solitária da proposição acima lançada.

Ratzel inicia o ensaio *Arte na natureza*<sup>24</sup> situando o leitor geograficamente:

A porção mais ao sul do mar Lígure, abaixo do arco costeiro do oeste italiano, entre Spezia e Livorno, causou-me especial impressão. Apenas vendo-a no mapa já soa, ao meu encontro, uma suave melodia, pela regularidade e tamanha brandura com que se distendem, de vez em vez, suas elevações e depressões.

<sup>24</sup> *Ibid.*; pp.361-70.

Pois -conforme li no mapa- mar e montanha, que na *Riviera di Levante* confrontam-se bruscamente, afastam-se, aqui, pouco a pouco, e uma planície baixa, que aumenta do norte para o sul, intercala-se entre elas.<sup>25</sup>

A linguagem poética, devidamente dosada, corresponde aos preceitos ratzelianos anteriormente mencionados. Tem-se, assim, uma primeira visão panorâmica do recorte da natureza a que o geógrafo vai dedicar sua atenção. Cumpre prosseguir.

Assim, deve haver aqui belas paisagens. Por toda a Terra predomina a tripartição da beleza na natureza, como as bordas laterais de um caminho, riacho, estrada, etc., que conduzem para dentro da profundidade da imagem. Aqui, a grandeza do mar, acolá, a grandeza da montanha e, no meio, uma planície, rica em campos, jardins, riachos, canais, cidades e aldeias; para ambos, um umbral e, para nós, um palco, do qual escolhemos o melhor ponto de vista para um ou para outro lado. Deve ser bom caminhar aqui, deve valer olhar ao redor! Na fonte da natureza, descansados, saborearemos então, talvez com duas vezes mais prazer, um gole das bacias marmóreas da arte que, no vale do Arno, de Pisa acima, situam-se densamente uma sobre a outra.<sup>26</sup>

Está presente, nesse trecho, a tripartição da imagem na natureza, a que Ratzel faz alusão tão enfática no texto estudado anteriormente. O sentimento pelo belo na natureza, o prazer em vê-la, é manifestado com clareza pelo geógrafo, que continua sua peregrinação, agora introduzindo o leitor pelos caminhos percorridos:

É verdade, as estradas italianas são poeirentas, muito poeirentas, podendo-se, às vezes, perder a vontade de caminhar, quando, ao estreitarem-se os muros de ambos os lados, não há escolha senão vadear pelo meio do alvo rio. Mas apenas às vezes! Ao aproximar-se uma risca de relva, ou um córrego ao longo da estrada, como na embocadura do Arno, quase tão freqüentes quanto na Holanda, manando de modo igualmente agradável, ou mesmo ainda um jardim de oliveiras que, por via de regra, não é cercado e acompanha a estrada, a natureza amigável do sul, tão rica e magnânima, atrai-nos, então, de imediato, esquecendo-se, livremente, o cansaço. Exatamente agora, a plenitude de formas e cores lhe é característica, mais do que em outras estações do ano. O sol, que resseca a poeira, é o mesmo que, no entanto, dá vida a essas belas flores, com cuja plenitude somos cobertos. Seria como se o mundo vegetal da primavera sulista mostrasse, diretamente nas bordas da estrada, o que tem e o que pode.<sup>27</sup>

<sup>25</sup> *Ibid.*; p.361.

<sup>26</sup> *Idem.*

<sup>27</sup> *Ibid.*; p.362.

Formas e cores. Não são os elementos com que o geógrafo se preocupa, quando trata das palavras? Tem-se de concordar que se compartilha, ao ler as linhas do mestre, do passeio que realiza. Quase sem querer, se está imerso no mundo vegetal, em plena primavera. Mais alguns passos, portanto!

[...] Perto de Pietrasanta a montanha de mármore de Carrara aproxima-se do mar, e a estrada dobra-se ao longo das rochas, cuja superfície é coberta com um tom cáqui. As plantas nos muros, que saem enroladas sob as pedras, não nos são desconhecidas; encontramos novamente margaridas e dentes-de-leão, que também bordam, com suas cores simples, a curta relva de uma praça em frente da igreja; encontramos mostardas com folhas cruciformes, urtigas com suas folhas afiadas um pouco mais agudamente denteadas e ardentes. Bem diferente parece a parte superior desse muro que cerca o caminho, que este, de uma maneira involuntária, deixa ver. Aí acenam, das fendas, gerânios de um vermelho flamejante e róseos, que não devem ter emigrado há muito do jardim, verbenas, e uma íris azul e branca assentou-se mais acima, durante muito tempo. Sobre a borda quente do muro, opúncias penduram seus fantásticos ramos e suas folhas carnudas e, em cima, agaves estendem suas folhas espinhentas denteadas para o céu<sup>28</sup>.

Ratzel prossegue seu passeio descrevendo minuciosamente todas as flores que vê pelo caminho, comparando-as com similares de sua terra, fornecendo detalhes de seus matizes. A forma de descrição que emprega baseia-se no mestre Adalbert Stifter, cujos textos são ricos em detalhes e, como visto anteriormente, muito admirados pelo geógrafo. Como uma idéia da forma discursiva ratzeliana já foi obtida pelos parágrafos supracitados, acredita-se não ser necessário, para os fins do presente trabalho, reproduzir por completo o passeio pelos jardins toscanos que o mestre realiza. Cumpre que se detenha apenas numa interessante passagem, em que Ratzel refere-se à geologia, ao comentar sobre a inflorescência da cavalinha, dotando seu texto de profundidade temporal, uma das vantagens apontadas pelo mestre do uso das palavras em relação às representações desenhadas ou pintadas:

---

<sup>28</sup> Ratzel emprega a forma poética em alemão "*gen Himmel*", ao invés de "*gegen Himmel*", que seria mais corriqueira (*Idem*).

[...] Tão estranhas nos parecem essas "florações clandestinas" por entre as alegres, coloridas e fragrantas flores exóticas, quanto mudos em meio a falantes e cantores. São de aparência externa e de porte tão diferentes, como se distassem dessas na idade. A filifolha e a cavalinha são naturais de um dos mais antigos períodos geológicos por nós conhecido, enquanto as famílias, às quais pertencem as anêmonas, primulas, narcisos e orquídeas, apareceram muito mais tarde [...].<sup>29</sup>

O geógrafo começa a dissertar então sobre o surgimento das flores na vida da Terra, voltando a descrevê-las, até chegar aos pinheiros, carvalhos e ciprestes. Ratzel detém-se na paisagem formada por ciprestes que circundam um pequeno cemitério<sup>30</sup>; por detrás das sombrias nuvens a que se assemelham as copas dos pinheiros, esses ciprestes, como que inflamados, estremeçam no ar, perfazendo uma imagem de suprema solenidade, que pouco lembra as reminiscências setentrionais. Mesmo a pálida folhagem seca dos carvalhos, queda no solo, tem algo de monumental, observa o geógrafo, que completa: "O brilho dessas folhas é como um reflexo do brilho que jaz lá fora sobre o mar; sua bordadura afinada expressa um determinado caráter, que é condizente com sua solidez"<sup>31</sup>.

Mais uma vez vê-se Ratzel seguindo seus princípios. Do olhar próximo, que descreve o que está a sua volta, passa para a lonjura do mar. Com palavras, o geógrafo organiza o quadro da natureza, associando os elementos de modo que o leitor possa acompanhar o seu percurso, refazendo, em sua mente, a imagem narrada, e, assim, sendo capaz de fruir também dessa paisagem. Nesse movimento, acompanhando as indicações do mestre, focaliza-se, à distância, a linha do horizonte, que separa nitidamente o mar escuro do céu claro. Mas a fronteira entre as duas grandes faixas de cada paisagem -a de cima e a de baixo, a do céu e

<sup>29</sup> *Ibid.*; p.364.

<sup>30</sup> O cemitério é tema caro ao romantismo, que vê nele uma ponte para ligá-lo à memória, um centro de lembrança. Ruisdael, pintor que Ratzel menciona no subcapítulo anterior, tem um quadro intitulado *O cemitério* (Le Goff, 1984; p.37 ).

<sup>31</sup> Em Helmolt, *op. cit.*; p.365.

a da Terra, a clara e a escura- não é sempre tão demarcada, não é sempre uma simples linha, lembra Ratzel:

Conforme a luz e o embate das ondas, ardem faixas de nuvens argêntas ou uma faixa azul-escura e, muito freqüentemente, repetem-se em listras paralelas à água e refletem-se, por assim dizer, nas nuvens que, do mesmo modo situadas na horizontal, desmembram o firmamento horizontal com listras brancas ou cinzas, e todas têm alguma coisa embaixo da nítida demarcação do horizonte, crescendo, para cima, porém, no céu, como névoas abobadadas, ondulantes, jorrantes.<sup>32</sup>

O geógrafo refere-se a estratos, pintados com comovente preferência pelos antigos mestres, Leonardo e Michelangelo. A freqüência com que aparecem nas obras dos artistas faz Ratzel perguntar-se, se não seria prova de uma conscientização da predominância da horizontalidade nas cenas da natureza; as nuvens longas e paralelas, que repetem a linha do horizonte, fortalecem a impressão de grandeza da superfície celeste. Além disso, acrescenta o geógrafo, transmitem a calma, almejada pela maioria dos pintores daquela época. Embates das ondas, torrentes, quedas d'água, furtam-se a uma arte onde não se aprendeu ainda a captar o movimento corretamente. A paz era a norma. Mantegna, por exemplo, conhecia o encanto da forma dos estratos que pairam, sossegados, sobre a Terra, aponta Ratzel.

Sossego! Como está sossegado ao meu redor! -exclama Ratzel- O sossego mais profundo está sempre, porém, na natureza viva. Precisamente por não ser morte, nem mesmo sono, mas sim infatigável vida, cai tão consoladora sobre nós. [...] O sossego de uma estrada afastada ou do último patiozinho de uma casa isolamos. Mas nesse sossego da natureza jaz uma amplidão colossal. [...] Penso na tranquilidade das grandes obras de arte, que também é envolvida por tão profundo sossego ou muito mais sombreada por poderosa grandeza. Não age sobre nós o relevo da Sagrada Família de Michelangelo, em Florença, como o cume de uma montanha, ou o interior de uma floresta?<sup>33</sup>

Ratzel passa então a discursar sobre o interior das galerias florentinas, cujas paredes, abarrotadas de quadros, não transmitem a plenitude da calma que se encontra lá fora, sob o firmamento azul do céu de abril. A coleção de quadros, diferentemente das inúmeras imagens

<sup>32</sup> *Ibid.*; p.366.

<sup>33</sup> *Ibid.*; p.367.

na natureza, não permite que se construam pontes para transitar de uns aos outros, carece do imperceptível desenvolvimento que conduz de um quadro a outro. No entanto, diz o geógrafo, cada vista que se descortina nesse país é um convite à comparação da arte com a natureza. Após comparar várias imagens da natureza com quadros de grande mestres, como Ticiano, Perugino e Guido Reni, e reconhecer neles representações louváveis dessa mesma natureza, Ratzel questiona:

Por que se regressa, então, de tão grandes obras, para a natureza, novamente? Não nos satisfaz por completo sua cópia sobre a tela? [...] Que tenha sido um homem a realizar essa obra, deveria provocar-nos uma espécie de sentimento de afinidade, uma simpatia profundamente humana. Poderíamos, no fundo, estar todo orgulhosos do que realizaram os maiores de nós. Somo-os também. Mas ficamos ainda em meio à natureza, cujas impressões nos cercam por todos os lados e por todos os tempos.<sup>34</sup>

O geógrafo reconhece que, com o desenvolvimento, houve um deslocamento do próprio lugar do homem na natureza. Da visão da natureza como a verdadeira e completa beleza divina, como acreditava Friedrich Th. Vischer, passou-se para a noção de natureza tão bem expressa por Goethe, conforme cita Ratzel:

Natureza! Somos por ela envolvidos e abraçados -sem meios de livrar-mo-nos dela... Ela cria novas formas eternamente: o que existe agora, não havia ainda; o que era, não volta a ser... Fala ininterruptamente conosco, mas não revela seus segredos.<sup>35</sup>

O sentimento de intimidade com a natureza que Goethe transmite é admirável. Entretanto, se se diz que na beleza da natureza falta a alma humana e que, na arte, a natureza é explicada e interpretada humanamente, Ratzel sente-se impelido a encerrar o texto compartilhando uma de suas experiências:

Dentre todas as obras de arte, sob as quais andei na bela e antiga cidade do Arno, causaram-me impressão mais profunda aquelas que não revelam absolutamente nada da vontade do artista, em serena tranquilidade, sem

---

<sup>34</sup> *Ibid.*; p.369.

<sup>35</sup> *Ibid.*; p.370.



intenção, despreocupadas se nos agradam ou não; tão legítima e naturalmente despropositadas, como flores ou lípidos cristais que se contemplam no mundo.<sup>36</sup>

**"Tinha uma pedra no meio do caminho..."**

"Mas, no entanto, eis como se viaja: pensava, justamente, e não sem estupor, como se pode andar pelo mundo e não ver nada senão a ponta do próprio nariz."

J.W. Goethe, *Italienische Reise*

Ao ler as palavras de Ratzel, tão medidas, tão cuidadas, tão instruídas, ocorre uma sensação estranha. Estaria o geógrafo descrevendo mesmo a natureza "nos pormenores de seu ser"? Trata-se de uma questão delicada, pois ramifica-se numa enxurrada de outras dúvidas: A que "ser" da natureza refere-se o geógrafo? O que significam "pormenores"? Qual a imagem do homem portador da pena que se encontra subentendida na figura do "descriptor da natureza"?

Mas cumpre avançar passo a passo. O que levou, após a leitura dos textos ratzelianos, ao surgimento da sensação de desconforto? Ora, o passeio que o geógrafo realiza é num trecho da Toscana. Há vestígios de ocupação pré-histórica nessa região, a partir da qual os homens nunca mais abandonaram-na<sup>37</sup>. O que será que se passa com o olhar de Ratzel que faz com que, numa paisagem, pode-se dizer, completamente antrópica, ele veja apenas flores, árvores, nuvens? Não ocorreria ao mestre que a beleza das flores, que exalta com tanta veemência,

<sup>36</sup> *Idem.*

<sup>37</sup> Ver o interessante livro de Léon Homo (1925), *L'Italie primitive et les débuts de l'impérialisme romain*, para um aprofundamento no tema.



destaca-se por existirem muros, por entre os quais embrenham-se essas formosuras da natureza? E o que dizer dos caminhos, que permitem acesso ao palco, "do qual escolhemos o melhor ponto de vista"?

Ratzel prescreve que a natureza seja descrita fielmente. O problema é que a noção de natureza, ela própria, já é um filtro do olhar, que compromete a almejada fidelidade. Tudo leva a crer que um quadro realizado a partir das descrições do geógrafo, por alguém que nunca tenha ido à região toscana, dificilmente teria alguma semelhança com a própria região. O que contrariaria seu propósito. Afinal de contas, não é do mestre o lamento de que bom seria, se o autor nos deixasse saber como era o trecho pelo qual passou?

Para a descrição da paisagem bastaria, segundo Ratzel, que o autor fornecesse, além do *reflexo* das impressões que o quadro da natureza despertara em sua alma, palavras, formas e cores correspondentes ao léxico dos museus e herbários. Mas identifica-se, nesse esquema, uma falta reveladora<sup>38</sup>. Onde está o autor que projeta a sua visão de mundo, a sua "*Weltanschauung*", sobre o "quadro da natureza"? Onde se encontra, senão empunhando a pena para escrever tão belas palavras?

A Toscana de Ratzel não estaria sendo, assim, idealizada, tanto quanto o Montblanc de Chateaubriand, ou mesmo o de Quinet? O geógrafo admira Goethe. Mas a leitura que faz de seu trabalho é, também, muito sintomática. Pois o poeta, quando vai à Itália, admira-se, sobretudo, com as obras dos homens, e não com as flores pelo meio do caminho, chegando a afirmar que "a arte arquitetônica dos antigos é, verdadeiramente, uma segunda natureza"<sup>39</sup>.

Outro ponto que merece atenção é a preferência pela palavra escrita em detrimento dos demais modos de expressão. O motivo que o geógrafo alega -possibilidade de expressar o

---

<sup>38</sup> Seguindo os rastros do "paradigma indiciário", de Carlo Ginzburg (1990; pp.143-79).

<sup>39</sup> Mesmo quando Goethe refere-se aos campos, descreve principalmente como a terra é arada, o sistema de drenagem do solo, etc. (1981; pp.112-25).

mutável e o desenvolvimento na imagem da paisagem- não tem muita aderência à realidade. O problema da representação, seja ela escrita, desenhada, pintada, ou mesmo falada, sempre foi uma questão fundamental na filosofia ocidental. Por ser representação, nunca substituirá a própria coisa representada, independente do meio que se utilize para tanto. Poderá, apenas, aproximar-se dela mais ou menos. É como na anedota que conta Gombrich, de uma senhora que visita o atelier de Matisse e que exclama: "Mas certamente o braço dessa mulher está comprido demais!", ao que o artista, polido, responde: "A senhora está enganada. Isto não é uma mulher, é um quadro"<sup>40</sup>.

Brincadeiras à parte, o fato é que há algo mais nessa preferência. Por acreditar ser a palavra um veículo mais capaz de depurar as emoções que a natureza suscita no descritor, o que acontece acaba sendo o inverso: as palavras tornam-se o veículo para o descritor se projetar sobre a natureza, acreditando-se completamente isento. As almas não refletem as imagens da natureza, como diz Ratzel; em seu caso, as almas projetam as imagens na natureza.

A rigidez do pensamento do geógrafo transparece ainda mais na análise das obras de arte que apresenta, denotando até uma certa ingenuidade. No caso de Ruisdael, por exemplo. Ratzel diz que o pintor retratava bosques sombrosos, uma questão de moda. Será que não lhe passou pela mente, em momento algum, que não se tratava apenas de uma preferência do pintor pelas paisagens tenebrosas, mas que talvez tenebroso fosse o estado de espírito com que pintara tais paisagens? Ou mesmo quando refere-se a mestres como Leonardo e Michelangelo, dizer que não pintavam embates das ondas, torrentes, quedas d'água, por não terem aprendido a captar o movimento corretamente, não soa um pouco simplório?

---

<sup>40</sup> Gombrich, 1986; p.102.

É difícil crer que um intelectual com o preparo e a formação de Ratzel não se apercebesse de tamanha superficialidade desse tipo de raciocínio. Tampouco pode-se afirmar que estivesse agindo de má fé. Tudo indica que o geógrafo seja apenas um dos primeiros praticantes, em seu campo disciplinar, de uma deformação mais profunda do conhecimento, oriunda da intrincada rede que se forma na modernidade, onde saber e ordem econômica, como Terra e Céu, realizaram uma união não muito feliz, de cujos rebentos não se está livre, infelizmente, até hoje. A visão romântica da natureza, antes que oposta ao positivismo, lhe é complementar. Positivismo não como escola filosófica nem como método, mas como esquema de pensamento. Disso tratar-se-á a seguir.

## CAPÍTULO 4

### DAS PAISAGENS E DAS JANELAS

#### *A aproximação da realidade*

"Dizes [...] que em Deus só se pode *crer*, eu, por minha parte, dou grande importância ao *intuir*, e as palavras de Espinoza quando fala de *scientia intuitiva* [...] me animam a consagrar toda minha vida à contemplação das coisas, de cuja *essentia formali* confio em poder chegar a formar para mim uma idéia adequada, sem preocupar-me com os detalhes de saber até onde poderei chegar nem com o que me está destinado".

J.W.Goethe, *Carta a Jacobi, 5 de Maio de 1786*

Os fragmentos estudados deixam a suspeita de que o espírito científico de Ratzel teria renegado a capacidade de se fixar na coisa que está sendo observada, por paradoxal que possa soar. A que se deveria tal desvio? O abandono à contemplação, almejado por Goethe, em busca confiante da formação de uma idéia adequada da *essentia formali* das coisas, Ratzel parece transformar em abandono para dentro de si, onde a realidade que lhe é exterior, contrariamente ao que proclama, não é espelhada pela consciência; a realidade serviria apenas como tela onde o geógrafo projeta essa mesma consciência.

Mas por que a insistência nesse detalhe? Fala-se da crise do positivismo no final do século XIX. Positivismo que se supõe reativo às idéias românticas e idealistas dominantes no primeiro terço do século<sup>1</sup>. A obra de Friedrich Ratzel é apresentada por Capel, dentre outros, como exemplo do impacto do positivismo e do evolucionismo na geografia universitária. Lendo alguns textos do geógrafo, no entanto, vê-se quão impregnados de idéias românticas se mostram. Ora, diriam os mais simplistas, então Ratzel não era tão positivista assim!

---

<sup>1</sup> Capel, *op. cit.*, p.278.

Infelizmente o pensamento dicotômico não ajuda a entender o problema. O positivismo que se fareja nos textos ratzelianos é de fundo, sendo indiferente à forma com que as idéias são expressas. A poesia é ornamento. Ratzel não conta com a arte de Goethe, poeta exatamente por não se deixar levar por sua grande imaginação poética. Este soube, como aponta Cassirer<sup>2</sup>, encontrar uma *forma conceitual* própria para a forma de contemplação da natureza que cria adequada, sendo capaz inclusive de estabelecer sobre novas bases, com uma metodologia própria, a biologia como ciência. A assunção da distância entre o pensamento e a realidade -que, segundo Adorno<sup>3</sup>, nada mais é senão aquilo que a história depositou nos conceitos- é que possibilita o desenvolvimento da vida do pensamento que realmente atinge a vida empírica. Se, ao contrário, o pensamento abandona o meio do virtual, se "renega sua distância ineliminável e tenta por mil argumentos sutis pretextar sua retidão literal", se "ao invés de interpretação ele procura tornar-se simples enunciado, então tudo o que ele enuncia torna-se, de fato, falso"<sup>4</sup>.

Ratzel fala de almas que *refletem* as imagens da natureza. Não seriam, esses reflexos, simples enunciados? O geógrafo coloca-se, em meio à natureza, como um espectador situado em "um palco, do qual escolhemos o melhor ponto de vista ...". Há indícios de um modo positivista de pensar, como bem expressa Gusdorf<sup>5</sup>:

A consciência não é somente um espelho do mundo exterior, à maneira do ocular de uma máquina filmadora; ela própria propõe uma emergência dessa natureza viva que seu olhar interroga. Ao fazer abstração do sujeito que, no ato do conhecimento, vem ao mundo, o positivismo neutraliza a especificidade do ser humano; no mesmo lance, anula a realidade, reduzida a coordenadas geométricas desprovidas dessa densidade carnal na qual se enuncia para nós a presença do mundo.

---

<sup>2</sup> 1986; p.176.

<sup>3</sup> 1992; p.111.

<sup>4</sup> *Idem*.

<sup>5</sup> 1985; p.341.

Vê-se, assim, na descrição da paisagem toscana, Ratzel totalmente embriagado pela "natureza amigável do sul, tão rica e magnânima" e, ao mesmo tempo, tão idealizada! Nesse ponto romantismo e positivismo parecem estar em sintonia, ao invés de constituírem pólos opostos. No afã de buscar esquemas para descrever a natureza, Ratzel dá a impressão de cair num problema semelhante ao que Cassirer aponta na obra de Taine:

Em rigor, o "naturalista" Taine, para quem, ao que parece, tudo depende de conseguir uma simples descrição da realidade dada, atenta geralmente [por acreditar ser possível explicar toda a existência e o desenvolvimento particulares através de três "fundamentos" gerais: a raça, o meio e o momento] contra o respeito à realidade muito mais que um Humboldt ou um Ranke<sup>6</sup>.

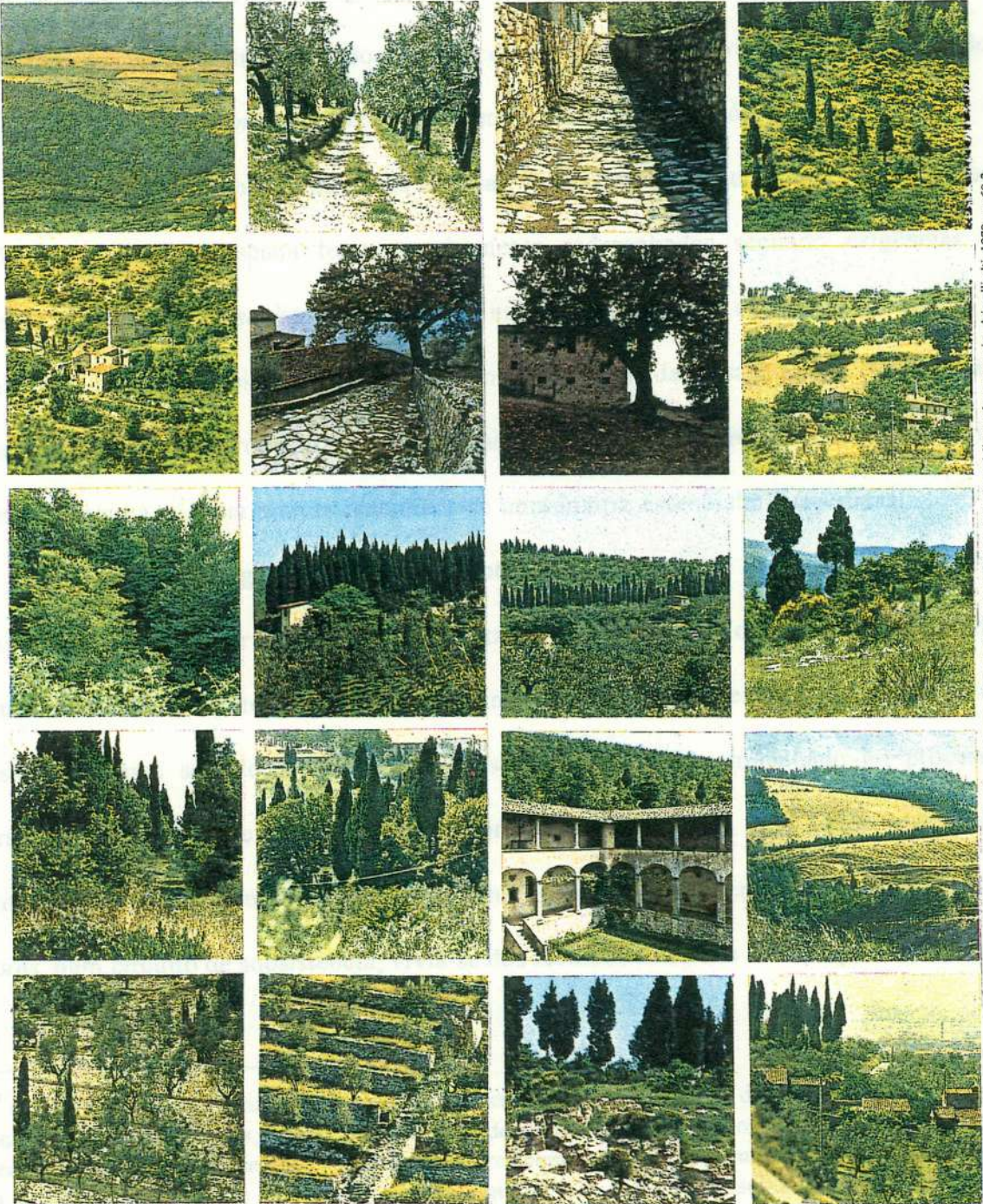
Cumprido ressaltar que, na aparência, o esquematismo que se percebe nos ensaios de Ratzel não é tão evidente quanto o de Taine. No entanto, examinando as descrições do geógrafo, vê-se quão imerso na crença de estar sendo fiel à realidade, e, paradoxalmente, quão distante dessa mesma realidade Ratzel se encontra. Para dar concretude às idéias expostas, deter-se-á, a seguir, na paisagem toscana, na *natureza* da região. Espera-se, assim, dotar o leitor de ferramentas empíricas a partir das quais possa julgar a pertinência ou não do raciocínio apresentado.

---

<sup>6</sup> Cassirer faz referência a Wilhelm von Humboldt e Leopold von Ranke, historiadores para quem - segundo o autor - a descrição pura e simples dos fatos não basta para se compreender o que acontece; para tanto, são necessárias as idéias, que não devem se sobrepor à história como um emplastro, mas sim apresentar-se em seu entrelace natural com a mesma (*Op. cit.*; pp.290-1, 301).



*Paisagem plural*



DI PIETRO, Gian Franco et al. *Il parco territoriale di Monte Morello*. Firenze: Consorzio per la sistemazione e la manutenzione della strada panoramica dei colli alti, 1979, pp.60-3.



É difícil separar arte de natureza na Região Toscana. A *paisagem* que nela pode ser apreciada resulta sobretudo de modificações do *ambiente* operadas em função do uso dos recursos do *território*. Entende-se aqui *paisagem* como a bem define o geógrafo italiano Claudio Greppi<sup>7</sup>, ou seja, como uma *qualidade* do espaço que o torna digno de apreciação estética. Diferencia-se, assim, tanto do conceito de *território* -onde prevalece o significado produtivo- quanto do de *ambiente* -onde prevalece o significado ecológico.

A montanha, a colina, as planícies internas, as maremas, em suma, os elementos que compõem a paisagem toscana foram inteiramente redesenhados segundo exigências e momentos diversos. *Redesenhados* na medida em que as culturas cultivadas -o abeto, a castanheira, a oliveira, os pinheiros-, que definem a fisionomia da paisagem, não foram senão mais algumas *culturas*<sup>8</sup> introduzidas na região dada a progressiva especialização do território em função de uma economia onde reconhece-se uma matriz essencialmente urbana.

Até mesmo a paisagem da porção aparentemente mais natural da região -a montanha dos Apeninos-, célebre por seus recursos florestais e não por seus monumentos, é resultado do constante trabalho de interação do homem com seu ambiente, com exceção de poucas áreas inacessíveis. Nesse sentido, é interessante observar o papel desempenhado no processo histórico pelas cidades de Lucca, Pistoia, Florença e Arezzo. Na Alta Idade Média, os produtos provenientes da montanha não diferiam dos da colina. Os rendimentos eram apenas menores, num circuito de subsistência; vivia-se dos recursos extraídos dos bosques e daqueles

---

<sup>7</sup> (1991) Embora seja uma conceituação atual, acredita-se que a clareza daí advinda supera o risco de incorrer em anacronismos; apesar de ainda não devidamente formalizados, os fundamentos dessa conceituação já estavam presentes em obras de autores contemporâneos ou mesmo anteriores a Ratzel. Além disso, é exatamente a diferença conceitual que revela a ideologia subjacente ao romantismo ratzeliano.

<sup>8</sup> *Cultura* enquanto desenvolvimento de atividade intelectual necessária para a adaptação dos recursos naturais.

advindos da cultura diversificada. A diferença entre montanha e colina resultou de uma política de integração das bacias intermontanas na economia das cidades em crescimento que, no final da Idade Média, condicionou o desenvolvimento do cultivo da castanha e da ovinocultura na montanha. Os castanheiros, não sendo naturais da região, demandavam um manejo especial para o devido rendimento de seus frutos, além de um plantio sistemático. Como esclarece Wickham<sup>9</sup>, os castanheiros são criação *humana*, do mesmo modo que a vinha ou o olivedo. Concomitantemente, a introdução da castanha na região contribuiu para reforçar a coesão comunitária que permitiu aos camponeses sobreviverem ao poder senhorial dos aristocratas, construindo um mundo social autônomo; o consumo da farinha de castanha substituiu o de grãos, comercializados nas cidades.

Outra paisagem histórica decisiva para o tipo de paisagem dos Apeninos é mais uma vez de matriz urbana, e diz respeito à silvicultura de base industrial, em função das obras públicas e das manufaturas. Entre os séculos XVIII e XIX a montanha é vista como área a ser recolonizada. A comunidade é excluída do uso do bosque como recurso local, para reservá-lo às grandes propriedades grão-ducais e capitalistas. Nasceram, assim, as grandes extensões florestais da Garfagnana, da Montanha Pistoiese e do Casentino, célebres pelas *fustaie*<sup>10</sup> de abetos-brancos e de faias. No período de um milênio sucederam-se ou integraram-se, desse modo, pelo menos três modelos de uso dos recursos na montanha toscana: o do bosque e das culturas diversificadas da Alta Idade Média, o dos castanheiros e o da grande silvicultura<sup>11</sup>.

De acordo com a combinação dos tipos de propriedade da terra -comunitária, pequena propriedade ou grande empresa- cada bacia da região toscana adquiriu característica própria,

---

<sup>9</sup> 1990; p.20.

<sup>10</sup> Em italiano, refere-se especificamente ao bosque característico do agrupamento de árvores de troncos longos.

<sup>11</sup> Greppi, *op. cit.*; p.18.

uma fisionomia particular. Além disso, as bacias distinguem-se também pela morfologia original, ligada às mudanças paleogeográficas e aos processos orogênicos. Os resíduos da paisagem natural -os botânicos, em particular-, como enfatiza Greppi<sup>12</sup>, se inseridos nesse contexto de mutações radicais, tornam-se mais apreciáveis: endemismos e restos vegetais são importantes enquanto achados arqueológicos.

Da montanha para o vasto território da Toscana interna o quadro paisagístico muda sensivelmente, e apresenta-se bastante variado: do ponto de vista físico, as colinas entrecortam-se, formando uma série de pequenos vales, planícies mais ou menos amplas, que costeiam a densa retícula de rios e torrentes, compondo o que Muzzi<sup>13</sup> denomina *la sinfonia discorde*. Do ponto de vista antrópico, tem-se a paisagem dos arrendamentos, da cultura diversificada e de ocupação esparsa, característica da Toscana das parcerias do vale do Arno até o vale do Orcia; há a paisagem agrária da periferia urbana de culturas intensivas, além da paisagem da ordenação dos fundos de vale e das benfeitorias do século XIX (Fig.9). A *sinfonia armoniosissima*, resultante dessa ocupação, é um produto exclusivamente humano<sup>14</sup>. Nesse sentido, é interessante assinalar a propriedade do olhar de alguns viajantes que estiveram então na Toscana. Arthur Young, em sua viagem de 1789, conscientiza-se da fertilidade *aparente* da região, que nada mais é senão fruto de trabalho duro e intensivo de camponeses sobre um solo desfavorável à agricultura, composto de tufo, argila e greda<sup>15</sup>.

Diante da austeridade da natureza da região, a tarefa de *observá-la* torna-se dever comum. Os agrônomos do início do século XIX desenvolvem, destarte, essa competência específica, conforme relata Bossi<sup>16</sup>:

---

<sup>12</sup> *Idem.*

<sup>13</sup> 1991; p.17.

<sup>14</sup> *Idem.*

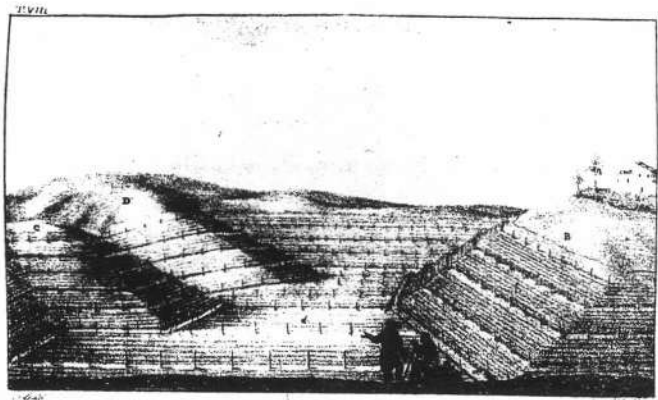
<sup>15</sup> Bossi, 1991; p.54.

<sup>16</sup> *Ibid.*; p.59.

Fig.9. Cosimo  
Ridolfi: "Delle  
colmate di  
Monte.  
Introduzione",  
in: *Giornale  
Agrario Toscano*,  
II (1828).



BOSSI, 1991, *op. cit.*, p. 65



Na diferença entre ver e observar está a chave para conseguir uma vantagem real da contemplação da natureza, e é somente se se apropria intimamente de um fato ou de um objeto que "se abre aos olhos um novo mundo", e se pode começar a entender a "língua da natureza, que nos fala, ao mesmo tempo, de nossas necessidades materiais e das necessidades do nosso coração", diz Lambruschini no primeiro volume do *Giornale Agrario*. O mesmo *Giornale Agrario* citava o apelo de Luigi Arduino aos agricultores para servirem-se de teorias nascidas da experiência, da observação, da contemplação dos efeitos naturais, únicas capazes de propiciar o "conhecimento das causas de tais efeitos, a natureza dessas mesmas causas e de seus resultados; suas leis, e as regras para fazer com que se reproduzam seus análogos ou contrários."

A natureza severa, que exige a adequação dos desejos e destinos dos homens às próprias regras, é considerada sobretudo, por esses toscanos, como uma *casa*, e não como um

calvário. Uma casa para ser cuidada e controlada em suas infinitas variações, com um empenho comum e solidário que procura *responder*, atento ao equilíbrio e à medida das intervenções, *a um estado de necessidade*. É o que resulta na imagem de uma terra *penteadada*, antes que trabalhada<sup>17</sup>. Longe de formar um quadro homogêneo, a diversidade da paisagem da colina toscana resulta da conjugação de múltiplos fatores: a composição dos solos, o tipo de ordenação artificial e de benfeitorias, os diferentes modos de delimitar os terrenos, enfim, as formas de propriedade e a relação com a cultura e a economia urbanas.

A *sinfonia armoniosíssima*, que propicia o deleite daquele que se detém na paisagem toscana, interessa principalmente por resultar dos *processos históricos* de adaptação aos recursos naturais, e não enquanto resíduo de um hipotético ambiente original. O gozo estético perante uma paisagem pode também provir, assim, da observação crítica e da conscientização das modificações operadas pelo homem nesse ambiente no decurso dos séculos. Gozo que nasce de uma certa disposição e disponibilidade de observação, em que o observador tem faculdade de juízo<sup>18</sup>. Ressoam, dessa forma, as palavras do jovem Marx<sup>19</sup>, quando afirma que

conhecemos uma única ciência, a ciência da história. A história pode ser considerada de dois lados, pode ser subdividida em história da natureza e em história da humanidade. Os dois lados não devem, porém, ser separados: desde que existem homens, história da natureza e história dos homens condicionam-se mutuamente.

Contrariamente às aspirações ratzelianas, não é apenas no interior das galerias florentinas que está presente a alma humana. Se a paisagem toscana é bela, é porque nela pouco se encontra de *legítimo* e de *naturalmente despropositado*; quase tudo resulta do trabalho secular de laboriosos artesãos.

---

<sup>17</sup> *Ibid.*; pp.61-62.

<sup>18</sup> Greppi, *op.cit.*; p.18.

<sup>19</sup> Citado por Adorno, 1975; p.323.



## As aporias do olhar

"Considerar-se-ia a natureza bela por parecer arte, e a arte somente pode ser denominada bela se temos consciência de que ela é arte, e de que ela apesar disso nos parece ser natureza."

I.Kant, *Kritik der Urteilskraft*

O que emerge, então, do olhar de Ratzel para a paisagem? Trata-se de uma questão de saber o que o geógrafo entende por *sentimento pelo belo na natureza* e por *gozo estético*. Para tanto, devem-se separar os fios trançados nesses conceitos, ainda que em linhas muito gerais. Cumpre iniciar com o problema da relação entre arte e natureza. Na superfície, pode-se supor que Ratzel conceba a arte como imitação, subordinando-a à natureza. Como esclarece Abbagnano<sup>20</sup>, é a mais antiga definição da arte na filosofia ocidental, que remonta a Platão. No entanto, o geógrafo faz referência à lei fundamental da estética de Fechner, que compreende a arte como criação, na medida em que o gozo estético advém de uma satisfação psicológica do sujeito. Liga-se, assim, à concepção da estética de Hegel<sup>21</sup>, que diz:

A obra de arte alcança só na superfície a aparência da vida, já que no seu fundo ela é pedra, madeira, tela, ou, no caso da poesia, letras e palavras. Mas este aspecto da existência externa não é o que constitui a obra de arte; esta origina-se do espírito, pertence ao domínio do espírito, recebeu o batismo do espírito e exprime *tão somente* a inspiração do espírito.

O que se depreende do texto ratzeliano é ainda uma exacerbação dessa concepção, conduzindo a uma questão dialética: Ratzel prefere ficar em meio à natureza, onde, diferentemente da arte, não há vestígios da alma humana. No entanto, como transparece na descrição da paisagem toscana do geógrafo comparada à descrição do subcapítulo anterior, a natureza de Ratzel é pura inspiração do espírito, pura alma humana. Convém esclarecer.

<sup>20</sup> 1982; p.349.

<sup>21</sup> Citado por Abbagnano, *ibid.*; p.351 (grifo da autora).

Não se pretende dizer aqui que a descrição da paisagem da Toscana do subcapítulo anterior seja verídica e a de Ratzel seja falsa. A diferença é de atitude. Os estudiosos que realizaram a pesquisa de onde foram extraídas as informações para o texto acima detiveram-se na objetividade de um conjunto de formas de representações cujos suportes as trouxeram intactas até hoje. Um mesmo trecho do ambiente visível pode corresponder a infinitas paisagens, pelo menos tantas quantos são os pontos de vista possíveis, tantas quantas são as janelas de onde olhá-lo. O que não impede, como adverte Franco<sup>22</sup>, a certeza de que o trecho de território tenha, em cada momento de sua incessante transformação, uma forma geral unívoca, estável e indiferente ao olhar que o reflete. No entanto, esse mesmo trecho do ambiente visível, do mesmo ponto de vista e da mesma janela, pode também corresponder a infinitas paisagens, na medida em que

cada janela não dá vista só para a paisagem. É possível um debruçar indiscreto no interior de onde se deu o descortino. Nesse interior, o curioso depara com o espaço de uma subjetividade. A mesma que decompõe em partes o que vê e recompõe segundo uma imagem pensada ou simplesmente percebida. Esta é intangível. Tangível é seu resíduo, aquilo em que ela se recompõe e se deposita no vidro da tela, na página de uma crônica.<sup>23</sup>

Fica a impressão de que o que os olhos de Ratzel puderam ou decidiram ver na paisagem toscana seja pura subjetividade, por mais objetivos que se acreditem. O vidro da janela em que o geógrafo se debruça parece ser opaco; a natureza magnânima, o mundo vegetal que brota como que por milagre, os "jardins de oliveiras", o sossego que emana desse hipotético ambiente original perfazem um quadro paradisíaco, com pouca aderência aos testemunhos documentais que se tem hoje da paisagem narrada. É uma questão delicada e sutil: Ratzel declara que a arte da descrição da natureza deve basear-se, sobretudo, na "competência da observação da natureza *exata e ininterrupta*". Se levada ao pé da letra, essa

---

<sup>22</sup> 1993; p.5.

<sup>23</sup> *Idem*.

afirmação poderia conduzir a equiparar o geógrafo ao viajante Arthur Young, ou mesmo aos agrônomos da Toscana, citados anteriormente. No entanto, vê-se quão dispar é o olhar ratzeliano dos demais.

Ratzel é de outra geração. Por mais que o geógrafo admire Humboldt, por exemplo, não é fácil identificar correspondência entre seu interesse e o do viajante naturalista no estudo da natureza. Quando se lê no *Cosmos*<sup>24</sup>:

Se me encontro ainda a evocar a atração que representam as regiões montanhosas abaixo da zona equatorial, justifica-me a constatação, já feita algures, de que os habitantes desse lugar sejam os únicos aos quais seja dado contemplar todos os astros do firmamento e quase todas as famílias do mundo vegetal; mas contemplar não é observar, isto é, comparar e combinar.

Humboldt exprime, nessas linhas, a condição necessária de forasteiro, ponto de partida de qualquer observação. Como diz Greppi<sup>25</sup>, não se observa o que é muito óbvio, familiar, se observa aquilo que está longe, seja no tempo ou no espaço. Ser capaz de sentir-se estrangeiro, ou porque se está realmente fora do país natal, ou porque se olha ao redor com olhos maravilhados, é a condição do gozo estético. Quando se falou acima que o gozo estético perante uma paisagem pode também provir de uma observação crítica, é porque o sentimento de prazer advém da conscientização da libertação de uma necessidade, ou, como formula Kant<sup>26</sup>, quando a natureza se mostra capaz ao homem de servir aos fins humanos. O "sentimento pela natureza" experimentado por Humboldt tem afinidades com a concepção kantiana. O filósofo, que se detém no problema estético, afirma que

A comunicabilidade universal de um prazer contém, no âmago de seu conceito, que o prazer não tem de ser um prazer do gozo a partir de simples sensação, mas um prazer da reflexão; e assim a arte estética, enquanto arte bela, tem por medida a faculdade de juízo reflexiva e não a sensação sensorial<sup>27</sup>.

<sup>24</sup> Citado por Greppi, *op.cit.*; p.21.

<sup>25</sup> *Idem.*

<sup>26</sup> 1951; pp.24-6.

<sup>27</sup> Kant, *op.cit.*; pp.148-9.

Nas descrições ratzelianas, o geógrafo parece exatamente esgueirar-se tanto do juízo reflexivo como da preocupação com a comunicabilidade universal, característicos do pensamento iluminista, afastando-o tanto de Kant quanto de Humboldt. Antes que se sentir estrangeiro constrói-se, a partir de suas palavras, a imagem de um Ratzel que busca o aconchego do que já conhece; que se maravilha por ver, no vidro fosco da janela, a imagem da projeção do clichê romântico que está em sua mente. O olhar de Ratzel faz lembrar o da figura do Super-Homem dos quadrinhos, onde os raios de luz, ao invés de impressionarem sua retina, são projetados por ela. Olhar que renega a distância existente entre a subjetividade daquele que manipula a imagem das formas que se lhe apresentam e essas próprias formas, dotadas de existência objetiva, indiferente a quem as vê. Olhar narciso que, exatamente por só ver a própria imagem no vidro opaco da janela é incapaz de enxergá-la.

Mas a valorização da contemplação na concepção "psicologista", ou melhor, como aquele que, tal qual um buda, queda-se a admirar o próprio umbigo, não é mérito exclusivo de Ratzel. Trata-se de uma combinação não apenas de elementos psíquicos<sup>28</sup>, como também dos provenientes do lugar que o indivíduo Ratzel ocupa no tempo, no espaço e na sociedade. Conforme ilustra tão bem Gusdorf<sup>29</sup>, o movimento do ensinamento científico para o metafísico, com forte interesse estético foi comum no universo que está sendo estudado, fenômeno eminentemente alemão. Da peculiaridade dessa manifestação falar-se-á a seguir.

---

<sup>28</sup> Como na abordagem de Meder (*op. cit.*).

<sup>29</sup> Ver capítulo "*La biologie romantique après le romantisme*", do livro de Gusdorf (*op. cit.*; pp.300-45). Embora fundamente o subcapítulo adiante, não se compartilha do mesmo ponto de vista do autor, que coloca a permanência e o desenvolvimento de noções caras ao romantismo no ambiente científico alemão, acima de tudo, como uma reação ao positivismo.

## A Alemanha e a "*Naturphilosophie*"

No final do século XIX o ambiente científico-cultural da jovem Alemanha está efervescente: os laboratórios se multiplicam, o progresso das técnicas experimentais dão novo impulso aos domínios da física, da química mineral e orgânica, da biologia, da neurofisiologia. A especulação perde terreno diante da aplicação de metodologias novas para a investigação precisa dos fatos. A ciência se anuncia como o único discurso de verdade susceptível ao homem, a realidade material é analisada como série de dados brutos encadeados segundo as leis do determinismo científico. Dessa forma subtraem-se ao homem as pretensões de não ser, no seio da natureza, nada mais senão natureza. Doravante, o destino da humanidade parece confundir-se com o futuro da ciência.

Apesar do divulgado desaparecimento da *Naturphilosophie* na Alemanha, desacreditada por seus excessos e sua ineficácia no âmbito da pesquisa positiva, não se deve deixar levar pela idéia de que o animismo e o finalismo românticos desapareceram sem vestígios perante o advento do materialismo moderno. Na universidade alemã é grande a presença dos *Naturphilosophen*; os alunos, mesmo que contra as idéias de seus mestres, não deixam de ser influenciados por eles. Gustav Theodor Fechner (1801-1887), tributário da *Naturphilosophie*, é um exemplo que interessa particularmente, pela já mencionada vinculação de Ratzel com o Círculo de Leipzig.

Juntamente com E.H.Weber (1795-1878), Fechner formula a primeira lei do funcionamento psíquico, que expõe em seu livro *Elemente der Psychophysik*, de 1860. Essa lei determina os princípios diferenciais entre estímulo e reação: a sensação aumenta em progressão aritmética, enquanto a excitação segue uma projeção geométrica. A objetividade da formulação faz com que se pense em Fechner como um cientista imbuído única e

exclusivamente de sua ciência, o que não corresponde exatamente à sua história.

Doutor em medicina em 1822, Fechner dedica-se de imediato à física e à química, traduzindo os manuais científicos franceses. Suas pesquisas no campo da eletricidade são notórias, após as quais, seguindo a tradição da *Farbenlehre* goetheana, desenvolve o estudo da percepção das cores, dos fenômenos relativos às cores complementares e às imagens consecutivas. Nessa época, por volta dos anos de 1840, acomete-o uma grave crise de depressão melancólica. A orientação espiritualista de seu pensamento será então reforçada; sob um pseudônimo, escreve poemas e vai sendo absorvido, paulatinamente, pelas preocupações religiosas. A partir daí Fechner advogará, contra o materialismo ameaçador, um monismo animista que identifica espírito e matéria, reafirmando os princípios diretores da *Naturphilosophie* romântica.

No entanto, a orientação espiritualista do cientista já havia sido manifestada anteriormente, independente da crise depressiva. Em 1825, Fechner publicara, também sob um pseudônimo, uma *Anatomia comparada dos Anjos*, onde estes seriam seres esféricos que se comunicavam entre si por sinais luminosos e percebiam diretamente a harmonia universal sob sua forma musical. Mesmo a lei de Weber-Fechner, que aparentemente seria uma relação matemática de observação estrita, inscreve-se na perspectiva de uma mística de números. Após três anos de cegueira psicossomática, o deslumbramento ao ver a beleza das flores leva-o a crer na espiritualidade de um mundo feito para a felicidade dos homens. No livro *Nanna oder über das Seelenleben der Pflanzen* (Nanna ou a vida espiritual das plantas), de 1848, Fechner trata da existência de uma comunidade de destino; as flores teriam uma alma que se referiria à dos seres humanos. Mas, segundo o filósofo, o reino vegetal seria apenas uma parte da realidade cósmica, e desenvolve esse tema em *Zend Avesta oder über die Dinge des Himmels und des Jenseits* (Zend Avesta ou sobre as coisas do Céu e do Além), de 1851. Nesse livro



Fechner afirma que não apenas as plantas seriam seres animados, como também os astros; as plantas seriam seres inferiores aos homens, os astros superiores.

Assim, para o filósofo, os domínios do espírito e da matéria formariam conjuntos coerentes, que recobririam a totalidade. A inteligibilidade biológica não é proposta apenas como um olhar debruçado sobre o mundo; seria a manifestação da essência mesma do mundo em sua divina realidade. Em 1879, aos 78 anos de idade, Fechner publica ainda um ensaio *Die Tagesansicht gegenüber der Nachtansicht* (A maneira de ver diurna contra a noturna), onde opõe à obscura visão do mundo materialista a clara transparência do universo em sua divindade. No artigo "*Die Tagesansicht Gustav Theodor Fechners*" (A maneira de ver diurna de Gustav Theodor Fechner), publicado no *Grenzboten*, em 1901, Ratzel<sup>30</sup> demonstra toda sua admiração pela obra do filósofo.

No mesmo ano de 1879 é fundado, por Wilhelm Wundt (1832-1920), o laboratório de psicologia de Leipzig. A metodologia experimental aplicada ao fenômeno humano total, desenvolvida por Wundt, estuda a sensação, a percepção, o raciocínio, o sentimento, a imaginação, etc., visando a constituição de uma ciência do homem privilegiada entre as demais, pois ocupa uma posição central da qual as outras são tributárias. No entanto, o psicólogo não encerra no laboratório o campo de suas atividades. A psicologia individual, consagrada ao estudo do desenvolvimento das funções psíquicas, é completada por uma *Völkerpsychologie*<sup>31</sup>, ou psicologia coletiva, onde o instrumento essencial será o método comparativo, que se empregará no estudo da língua, dos mitos e religiões, das instituições.

Nesse trabalho, Wundt leva adiante um tema proposto pelo mestre Fechner no *Zend Avesta*, ou seja, a questão de saber se existem níveis intermediários entre o espírito do homem

---

<sup>30</sup> 1911, *op. cit.*; pp.497-509.

<sup>31</sup> A grande obra de Wundt, *Völkerpsychologie*, será publicada em dez volumes, de 1900 a 1920.

e o espírito da Terra (*Geist der Erde*):

Fala-se, de fato, de espíritos superiores àquele do homem isolado e inferiores àquele da Terra inteira. Em cada família, cada corporação, cada associação, cada comunidade, cada povo, afirma-se, como se diz, um espírito particular e, abaixo de todos esses espíritos particulares, o espírito de humanidade.<sup>32</sup>

Os espíritos intermediários deveriam ser considerados como componentes do animismo social global, embora não contem com a unidade e a consistência dos espíritos do homem e da Terra, por não corresponderem a uma individualidade orgânica claramente determinada. Categorias como comunidade, e povo, em particular, são por excelência categorias próprias do romantismo ocidental, que inventou o tema das nacionalidades. *Volksgeist* (espírito nacional) e *Zeitgeist* (espírito da época) são os alicerces do pensamento romântico. A *Völkerpsychologie* de Wundt insere-se, assim, no projeto romântico de uma compreensão do *Zeitgeist*, na medida em que estuda sua manifestação na vida dos povos e comunidades humanas.

O historiador Karl Lamprecht (1856-1915), também membro do Círculo de Leipzig, vai ser ainda mais enfático no estudo da psicologia dos povos. Sem renunciar ao sentido "organicista" da história próprio do romantismo, tenta transformar o conceito de *Volksgeist*, para compatibilizá-lo com as exigências da ciência moderna da natureza. Como esclarece Cassirer<sup>33</sup>, estão presentes na obra do historiador não apenas princípios da filosofia hegeliana da história, bem como a adoção da concepção entusiástica do elemento psicossocial da história de Herder.

A teoria da história de Lamprecht tem pontos intrínsecos de contato com a teoria de Comte. A ênfase na psicologia, entretanto, estabelece uma linha divisória entre os dois pensadores. Enquanto Comte nem admite que esta pertença ao sistema das ciências, Lamprecht não apenas vê a psicologia como uma ciência auxiliar da história, como a considera sua única

<sup>32</sup> Fechner citado por Gusdorf, *op. cit.*; p.319.

<sup>33</sup> *Op.cit.*; pp.336-7.

base científica possível. Essa diferença deve-se, segundo Cassirer<sup>34</sup>, ao fato de que, na Alemanha, a psicologia científica já encontra-se muito avançada, o que não ocorre na França. Lamprecht, a par dos estudos de Fechner e de Wundt, busca uma tipificação psicológica da história.

O historiador desloca o problema da identidade entre o espiritual e o material; postula que a ciência não deve impô-la à força, mas limitar-se a estudar a contínua gradação que conduz de um a outro terreno. Para Lamprecht, a mecânica dos grandes movimentos psicossociais da história seria governada pelas mesmas leis reveladas pela moderna psicologia do indivíduo.

Este é -diz Lamprecht- o postulado que começa a orientar cada vez mais, a cada dia que passa, o cultivo das ciências do espírito; ao final de sua realização se vê brilhar uma nova síntese, que contrasta com o trabalho fragmentário desenvolvido nos últimos tempos.<sup>35</sup>

Assim como Taine, Lamprecht coloca a história na categoria de ciência natural, ao convertê-la de uma disciplina puramente descritiva a uma disciplina científica explicativa. Assim como os propósitos de Taine, os do historiador alemão permanecem além da teoria que formula. Lamprecht estabelece uma sucessão de épocas que se repetiriam, em linhas gerais e de modo uniforme, em todos os processos históricos: a um período primitivo, que nomeia "simbolista", seguiriam os períodos "tipicista", "convencionalista", "individualista", "subjetivista" e, por último, a era da "irritabilidade", que seria a que se encontrava. Claro está que nenhum desses conceitos pode ter a pretensão de ser definido com todo o rigor de uma ciência natural, e muito menos de ser determinado de um modo unívoco. Evidentemente, trata-se de uma rede muito ampla, de uma primeira tentativa de ordenação provisória de fenômenos extraordinariamente heterogêneos.

---

<sup>34</sup> *Ibid.*; p.340-1.

<sup>35</sup> Citado por Cassirer, *Idem.*

Não é intenção aqui aprofundar a teoria de Lamprecht. As pinceladas sobre a obra do historiador, bem como as apresentadas anteriormente, das obras de Fechner e de Wundt, buscam apenas ilustrar o ambiente científico do qual Ratzel participava. Interessa mostrar como o espírito científico, permeado por resíduos da *Naturphilosophie*, confere aos estudiosos alemães traços peculiares, que particularizaram sua produção científica.

## CAPÍTULO FINAL

### *RATZELS RÄTSEL*<sup>1</sup>

O mundo em que vive Friedrich Ratzel não é o mesmo de Goethe, não é o mesmo de Humboldt. Embora possam ser identificadas continuidades, o universalismo iluminista do poeta, bem como o do naturalista, já não encontra adeptos na Alemanha, cerca de meio século depois. Preocupada em demarcar bem seus limites, em criar suas tradições, a Alemanha do final do século XIX segue preferencialmente os passos de Herder, que insiste na diferenciação dos povos, no sentimento de pertinência ao território, no confinamento ao quadro nacional. Conceitos como natureza, povo, nação, língua são tratados como se tivessem uma existência autônoma. Obnubila-se sua origem -o fato de que advêm de uma matriz romântica, que são criação de homens- anulando-se os sujeitos.

Nessa faceta do modernismo, de promover vínculos entre o lugar e o sentido social de identidade pessoal e comunitária, a geografia, em sua busca de legitimidade científica, recorre aos valores estéticos, em vez de aos sociais<sup>2</sup>. O *Volksgeist*, que liga o *Raum* à cultura e ao povo alemães, transforma a nacionalidade filiativa e não territorial do Antigo Regime numa pertinência cultural e limitação físico-geográfica<sup>3</sup>. No mundo que se unifica, na consolidação do mercado mundial, por paradoxal que pareça, atomizam-se os nacionalismos. A forma com que se manifesta o interesse no saber já é toda instrumentalizada, tem um fim preciso, muito longe do abandono contemplativo a que se refere o poeta Goethe. O que faz com que as

---

<sup>1</sup> Trata-se apenas de um trocadilho, que quer dizer "o enigma de Ratzel", em alemão.

<sup>2</sup> Harvey, 1992; p.248.

<sup>3</sup> Escolar, *op. cit.*; p.16.

palavras de Lichtemberg adquiram tom profético quando, no final do século XVIII, indagava: "Hoje, procura-se difundir por toda a parte o saber, quem sabe se em alguns séculos não existirão universidades para restabelecer a antiga ignorância?"<sup>4</sup>

Tomando por base os textos estudados e os dados biográficos, não se pode dizer que Ratzel seja um revolucionário. Dedicou metade de sua vida à geografia, tem uma produção bastante significativa, como se viu no decorrer do trabalho. Ao mesmo tempo, trata-se de um estudioso engajado no processo de unificação nacional. É difícil imaginar Goethe, ou mesmo Humboldt, portando armas para lutar pela *pátria*. Mas a figura de Ratzel fazendo o mesmo não é contraditória.

Muitos podem ser os interesses em estudar a obra ratzeliana. O que moveu particularmente o desenvolvimento dessa dissertação não foi a verificação de sua boa ou má qualidade, a pertinência ou não dos conceitos que cunha, mas o fato de que, nela, condensa-se toda uma ideologia burguesa, satisfeita em refletir no mundo sua auto-imagem. Nesse sentido, sua obra é uma mina.

Tem-se consciência de que apenas indícios dessa mina foram apresentados; esperam-se outras mãos engenhosas e curiosas para ajudar a explorá-la! Após essa pesquisa, resta uma forte suspeita: de que o Ratzel romântico, narrador da natureza, o Ratzel "antropogeógrafo", o Ratzel geopolítico, o Ratzel religioso e, talvez, os que porventura vierem a ser descobertos não sejam senão um único Ratzel. Se não fosse o raio branco, de onde então dispersar-se-ia o espectro visível?

Um Ratzel que leciona livremente nas universidades, que tem todo o apoio das editoras alemãs para publicar suas obras, que é muito homenageado; em suma, um peixe dentro d'água. Nenhum mal nisso, se a fonte dessa água não fosse já a da razão *reificada*. O romantismo

---

<sup>4</sup> Citado por Finkielkraut, 1989; p.99.



ratzeliano é apenas uma ramificação desse desvio do saber. Se o geógrafo depois teve ou não seguidores, se fundou ou não uma "escola", isso não depende apenas da receptibilidade de sua obra, mas do contexto mais amplo em que essa obra se insere, somada à autonomia que adquire enquanto suporte material das idéias daquele que as formalizou.

Em um artigo provocador, Bourdieu<sup>5</sup> estuda o que denomina "efeito Montesquieu", ou seja, o conjunto de comentários suscitados pela teoria dos climas do escritor francês. O sociólogo mostra que o cosmopolitismo dessa teoria deveu-se ao *efeito de verdade* que adviria da lógica do modo de argumentação empregada por Montesquieu; de certa forma, o escritor formalizara o que *todos pensavam*, o inconsciente social que, além de informar o escritor, legitimou como objeto científico o que era, na verdade, objeto de culto e sujeito da ciência<sup>6</sup>. Bourdieu apresenta o caso como paradigma da *mitologia científica*, de um discurso fundado em uma crença (ou em um preconceito) que flerta com a ciência e se caracteriza pela coexistência de duas coerências: uma coerência proclamada, de base científica, e uma coerência dissimulada, mítica em seu princípio. A existência e a eficácia social desse discurso duplo são tributárias do fato de que, na idade da ciência,

a pulsão inconsciente que leva a dar a um problema socialmente importante uma resposta unitária e total, à maneira do mito e da religião, não pode satisfazer-se senão pelo empréstimo dos modos de pensamento ou de expressão que são os da ciência.<sup>7</sup>

Tudo leva a crer que, no final do século XIX, a mitologia científica esteja no auge. As notações ratzelianas, aqui seguidas como partitura musical<sup>8</sup>, conduzem a essa conclusão. Uma pesquisa que poderia ser rica nesse sentido seria comparar os textos de Ratzel sobre os Estados Unidos, quando era apenas jornalista, com suas descrições posteriores, de geógrafo.

<sup>5</sup> 1980.

<sup>6</sup> *Ibid.*; p.25.

<sup>7</sup> *Ibid.*; p.21.

<sup>8</sup> Empregando a metáfora de Ricoeur (1987; p.87).

Suspeita-se que os olhos ingênuos do jovem Ratzel enxergavam mais do que os olhos instruídos do respeitável catedrático. Mas essa suspeita ainda está para ser comprovada...

\*\*\*

Lidar com idéias não é tarefa simples. Aquele que se aventura por esses caminhos torna tudo mais difícil, porém, se, antes de se ater às linhas, busca desesperadamente as entrelinhas. Partindo desse princípio, o presente trabalho espera ter contribuído com mais algumas linhas; ao leitor cabe ler as entrelinhas. O prazer dessa viagem encontra-se, assim, não na solução do *enigma de Ratzel*, mas em ser capaz de passear, com olhos maravilhados, pela obra do geógrafo.

## BIBLIOGRAFIA

Principais trabalhos de Ratzel (foram assinalados com asterisco os que foram mencionados no decorrer da dissertação):

- RATZEL, Friedrich. **Sein und Werden der organischen Welt**. Eine populäre Schöpfungsgeschichte. Leipzig: Gebhardt & Reisland, 1869.\*
- . **Wandertage eines Naturforschers**. Leipzig: Brockhaus, 1873-74, 2v.\*
- . **Die Vorgeschichte des europäischen Menschen**. München: Oldenbourg, 1874.
- . **Sketches of urban and cultural life in North America**. New Brunswick: Rutgers University Press, 1988 (**Städte - und Culturbilder aus Nordamerika**, Leipzig: Brockhaus, 1876, trad. Stewart A. Stehlin).\*
- . **Die chinesische Auswanderung**. Ein Beitr. z. Cultur- u. Handelsgeographie. Breslau: Kern, 1876.
- . **Die Vereinigten Staaten von Nord-Amerika**. München: Oldenbourg, 1878-80, 2 v.
- . **Aus Mexico**. Reiseskizzen a. d. Jahren 1874 u. 1875. Breslau: Kern, 1878.\*
- . **Die Erde**. Ein geogr. Lesebuch. Stuttgart: Engelhorn, 1881.
- . **Anthropogeographie**. Stuttgart: Engelhorn, 1882 e 1891, 2 v (trad. italiana do I v: **Geografia dell'uomo**. Torino: Bocca, 1914).\*
- . **Wider die Reichsnörgler**. Ein Wortz z. Kolonialfrage aus Wählerkreisen. München: Oldenbourg, 1884.

- . **Völkerkunde**. Leipzig: Bibliogr. Inst. 1885-88, 3 v.\*
- . **Las razas humanas**. Barcelona: Montaner y Simon, 1888 (Tradução de obras escritas em alemão).\*
- . **Die Schneedecke**, besonders in deutschen Gebirgen. Stuttgart: Engelhorn, 1889.
- . **Politische Geographie**. München, Leipzig: Oldenbourg, 1897.\*
- . **Deutschland**. Einführung in die Heimatkunde. Leipzig: Grunow, 1898.\*
- . **Das Meer als Quelle der Völkergrösse**. Eine polit.-geogr. Studie. München: Oldenbourg, 1900.
- . **Der Lebensraum**. Tübingen: Verlag der H.Laupp'schen Buchhandlung, 1901.
- . **Die Erde und das Leben**. Eine vergleichende Erdkunde. Leipzig: Bibliogr. Inst., 1901-02, 2 v.\*
- . Weltentwicklung und Welterschöpfung. In: **Die Grenzboten**, 61. Jahrgang, n. 24, 12/06/1902, S. 569-585.\*
- . **Über Naturschilderung**. München: Oldenbourg, 1904 (edição consultada: 1906).\*
- . **Glücksinseln und Träume**. Gesammelte Aufsätze aus d. Grenzboten. Leipzig: Grunow, 1905 (edição consultada: 1911).\*

Demais obras consultadas:

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1982. (**Dizionario di Filosofia**, 1960, trad. Alfredo Bosi).

ADORNO, Theodor. **Dialettica negativa**. Torino: Einaudi, 1975 (**Negative Dialektik**, 1966, trad. Carlo Alberto Donolo).

----. **Mínima Moralía**. São Paulo: Ática, 1992. (**Minima Moralia**, 1951, trad. Luiz Eduardo Bicca).

BASSIN, Mark. Friedrich Ratzel; 1844-1904. **Geographers: Bibliographical Studies**, v. 11, p. 123-132, 1987.

BERDOULAY, Vincent. **Des mots et des lieux**; la dynamique du discours géographique. Paris: Editions du CNRS, 1988.

----. The contextual approach. In: STODDART, D.R. **Geography, ideology and social concern**. New Jersey: Barnes & Noble Books, 1981.

BOSSI, Maurizio. Il laboratorio della misura. Osservazioni ed esperienze sulle colline toscane. in: GREPPI, Claudio. **Paesaggi delle Colline Toscane**. Venezia: Marsilio Editori, 1991, p. 52-69.

BOURDIEU, Pierre. Le Nord et le Midi: contribution à une analyse de l'effect Montesquieu. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, 35, 1980, p. 21-27.

BROC, Numa. La géographie française face à la science allemande (1870-1914). **Annales de Géographie**, v. 86, n. 473, 1977, p. 71-94.

BUTTMANN, Günther. **Friedrich Ratzel**; Leben und Werk eines deutschen Geographen. Stuttgart: Wissenschaftliche Verlagsgesellschaft, 1977.

- CAPEL, Horacio. **Filosofia y ciencia en la Geografía contemporánea**. Barcelona: Barcanova, 1983.
- CASSIRER, Ernst. **El problema del conocimiento en la filosofía y en la ciencia modernas**. V. IV, México: Fondo de Cultura Económica, 1986. (**Das Erkenntnisproblem in der Philosophie und Wissenschaft der neueren Zeit**, IV, trad. Wenceslao Roces).
- DEMATTEIS, Giuseppe. **Le metafore della Terra**; La geografia umana tra mito e scienza. Milano: Feltrinelli, 1991.
- EISEL, Ulrich. Die Entwicklung der Anthropogeographie von einer "Raumwissenschaft" zur Gesellschafts - wissenschaft. **Urbs et Regio**. n. 17, 1980.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990 (**Über den Prozess der Zivilisation**, 1939, trad. Ruy Jungmann).
- ESCOLAR, Marcelo. **Un discurso "legítimo" sobre el territorio**: geografía y ciencias sociales. Buenos Aires, Universidad de Buenos Aires, 1990 (inédito).
- FEBVRE, Lucien. **La terre et l'évolution humaine**. Paris: La Renaissance du Livre, 1922.
- FINKIELKRAUT, Alain. **A derrota do pensamento**. São Paulo: Paz e Terra, 1989 (**La défaite de la pensée**, 1987. Trad. Mônica Campos de Almeida).
- FINLEY, Moses I. **Uso e abuso da história**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. (**The use and abuse of history**, 1975. Trad. Marylene Pinto Michael).
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**; Uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1987. (**Les mots et les choses**. Une archéologie des sciences humaines, 1966, trad. Salma Tarrus Muchail).
- FRANCO, Luiz Fernando. **Apologia para o desenho**. Rio de Janeiro, 1991 (inédito).
- . **O Castelo de Cartas**. Rio de Janeiro, 1993 (inédito).



- GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais**. Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1990 (**Miti Emblemi Spie**: Morfologia e storia, 1986, trad. Federico Carotti).
- GOETHE, Johann W. **Viaggio in Italia**. Firenze: Sansoni Editore, 1981 (**Italienische Reise**, trad. Eugenio Zaniboni).
- . **Fausto**. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1987 (**Faust**, trad. Agostinho d'Ornellas).
- GOMBRICH, E.H. **Arte e ilusão**. Um estudo da psicologia da representação pictórica. São Paulo: Martins Fontes, 1986 (**Art and illusion-** a study in the psychology of pictorial representation, 1959, trad. Raul de Sá Barbosa).
- GÓMEZ MENDOZA, Josefina et al. **El pensamiento geográfico**. Madrid: Alianza Editorial, 1982.
- GÓMEZ, Alberto Luis. La geografia humana; De ciencia de los lugares a ciencia social?. **Geocrítica**, n. 48, nov. 1983.
- GREPPI, Claudio. Guardare con meraviglia. **Casabella**, jan/fev, p. 18-21, v. 55, n. 575/576, 1991.
- (a cura di). **Paesaggi dell'Appennino toscano**. Venezia: Marsilio Editori, 1990.
- (a cura di). **Paesaggi delle colline toscane**. Venezia: Marsilio Editore, 1991.
- GUSDORF, G. **Le savoir romantique de la nature**. Paris: Payot, 1985.
- HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992. (**The Condition of Postmodernity**, 1989, trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Estela Gonçalves).

- HELMOLT, Hans (org). **Kleine Schriften von Friedrich Ratzel**. München, Oldenbourg, 1906, 2 v. (Com a bibliografia levantada por Viktor Hantzsch).
- HOBBSAWM, Eric J. e RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HOMO, Léon. **L'Italie Primitive** et les débuts de L'impérialisme romain. Paris: Renaissance du Livre, 1925.
- HULL, David. L. **Science as a Process**. Chicago: The University of Chicago Press, 1990.
- HUMBOLDT, Alexander von. **Cosmos**; Essai d'une description physique du monde. Milan: Charles Turati Imprimeur-Libraire, 1850, 3v.
- HUNTER, James M. **Perspectives on Ratzel's political geography**. New York: University Press of America, 1983.
- JACOB, François. **A lógica da vida**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1985 (**La logique du vivant**, 1970, trad. J.J. Serrano e M.J. Palmeirim).
- KANT, Immanuel. **Critique of judgment**. New York: Hafner Press, 1951 (**Kritik der Urteilskraft**, 1790, trad. J.H. Bernard).
- KORINMAN, Michel. **Quand l'Allemagne pensait le monde**; Grandeur et décadence d'une géopolitique. Saint-Amand-Montrond: Fayard, 1990.
- KOST, Klaus. **Die Einflüsse der Geopolitik auf Forschung und Theorie der politischen Geographie von ihren Anfängen bis 1945**. Bonn: Ferd. Dümmlers Verlag, 1988.
- LE GOFF, Jacques. Ruína/Restauro. **Enciclopédia Einaudi**, V.1, p.107-129.
- L'Esposizione Universale del 1867 Illustrata**. Pubblicazione internazionale autorizzata dalla Commissione Imperiale. Milano-Firenze-Venezia: Stabilimento dell'editore Edoardo Sonzogno, 1867.

- LIVINGSTONE, David N. **The geographical tradition.** Episodes in the history of a contested enterprise. Cambridge: Mass., Blackwell, 1993.
- LOWENTHAL, David. **The past is a foreign country.** Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- MARX, Karl. **Le Capital.** Livre Premier. in: **Oeuvres.** Tours: Gallimard, v.1, 1965 (**Das Kapital,** Kritik der politischen Ökonomie, 1867, trad. Joseph Roy).
- MAY, J.A. **Kant's concept of geography** and its relation to recent geographical thought. Toronto: University of Toronto Press, 1970.
- MEDER, Oskar. Die Geographen - Forschungsreisende in eigener Sache. **Urbs et Regio,** n. 36, 1985.
- MORAES, Antonio Carlos Robert (org.). **Ratzel.** São Paulo: Ática, 1990.
- . **A gênese da geografia moderna.** São Paulo: Hucitec/Edusp, 1989.
- MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia.** 10ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MUNZI, Ulderico. Aos 85, Lévi-Strauss diz que está em outro mundo. **Folha de São Paulo,** 23/05/93, p.6-7.
- MUZZI, Oretta. Le colline toscane nel tardo medioevo. Il preludio di una "sinfonia disorde e armoniosissima". in: GREPPI, Claudio. **Paesaggi delle colline toscane.** Venezia: Marsilio Editori, 1991, p. 16-35.
- OVERBECK, Hermann. Das politischgeographische Lehrgebäude von Friedrich Ratzel in der Sicht unserer Zeit. **Die Erde,** Heft, 3-4, 1957, p. 169-192.

- . Ritter - Riehl - Ratzel. Die grossen Anreger zu einer historischen Landschafts - und Länderkunde Deutschlands im 19 Jahrhundert. **Die Erde**, Heft 3-4, 1951/52, p. 197-210.
- PALMER, Richard E. **Hermenêutica**. Lisboa: Edições 70, 1986. (**Hermeneutics** - Interpretation theory in Schleiermacher, Dilthey, Heidegger and Gadamer, 1969, trad. Maria Luísa Ribeiro Ferreira).
- QUAINI, Massimo. **A construção da geografia humana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983 (**La costruzione della geografia umana**, 1975, trad. Liliana Laganá Fernandes).
- RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação**. Lisboa: Edições 70, 1987.
- RODRIGUES, José Honório. **Correspondência de Capistrano de Abreu**. Brasília: Civilização Brasileira, 1977, 3v.
- SANGUIN, André-Louis. En relisant Ratzel. **Annales de Géographie**, n. 555, 1990, p. 579-594.
- SAUER, C. O. The formative years of Ratzel in the United States. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 61, n. 2, 1971, p. 245-54.
- SCHULTZ, Hans - Dietrich. **Die deutschsprachige Geographie von 1800 bis 1970**. Ein Beitrag zur Geschichte ihrer Methodologie. Berlin: Selbstverlag des geographischen Instituts der Freien Universität Berlin, 1980.
- SEMPLE, Ellen C. **Influences of geographic environment**. New York: Henry Holt and Company, 1947.
- SOARES, Luiz Eduardo. **Drummond e Cummings: Modelos dialógicos e experiências da sociabilidade remota**. Rio da Janeiro, 1992, (inédito).
- . Hermenêutica e ciências humanas. **Estudos Históricos**, n. 1, 1988, p. 100-142.

----. Luz baixa sob neblina: relativismo, interpretação, antropologia. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 33, n.1, 1990, p. 5-29.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Introdução à Geografia: Geografia e ideologia**. 7<sup>a</sup>ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

STOCKING Jr, George W. **Race, cultur and evolution**. Essays in the history of anthropology. Chicago: The Univ. of Chicago Press, 1982.

TATHAM, George. A geografia do século XIX. **Boletim Geográfico**, v. 17, n. 150, 1959, p. 198-226. (Geography in the twentieth century, 1951, trad. Celma Santos).

TODOROV, Tzvetan. **Les morales de l'histoire**. Paris: Bernard Grasset, 1991.

TURNER, Bertran. **Kritische Überprüfung des ethnographischen Quellenwerts von Photographien am Beispiel des Orients**. ZfK 1990/3, p. 440-459.

VIDAL DE LA BLACHE, Paul. La géographie politique; à propos des écrits de M. Frederich Ratzel. **Annales de Géographie**, v. 7, n. 32, 1898, p. 171-173.

WANKLYN, Harriet. **Friedrich Ratzel; A biographical memoir and bibliography**. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1961.

WHITE, Hayden. **Meta-história**. A imaginação histórica do século XIX. São Paulo: EDUSP, 1992 (**Metahistory: The Historical Imagination in Nineteenth-Century Europe**, 1973, trad. José Laurênio de Melo).

WICKHAM, Chris. La montagna e la città. L'Appennino toscano nel medioevo. in: GREPPI, Claudio. **Paesaggi dell'Appennino**. Venezia: Marsilio Editori, 1990, p.14-31.

**Zu Friedrich Ratzels Gedächtnis**. Leipzig: Seele & Co., 1904.

# APÊNDICE I

## Sumário dos **Kleine Schriften**

### Volume 1

1. Escritos zoológicos sobre a ciência da paisagem e filosofia da natureza. ( <i>Zoologisches, Schriften zur Landschaftskunde und Naturphilosophisches</i> )	XXXVII
Contribuições para o estudo da anatomia do <i>Enchytraeus vermicularis</i> (1867). ( <i>Beiträge zur Anatomie von Enchytraeus vermicularis Henle</i> ).	1
Uma cidade esquecida no Sul da França (1869). ( <i>Eine vergessene Stadt in Südfrankreich</i> )	10
O homem do Terciário (1870). ( <i>Der tertiäre Menschen</i> )	16
No mar (1872). ( <i>Am Meer</i> )	20
A viagem a St. Gotthard no inverno (1874). ( <i>Gotthardreise im Winter</i> )	26
Através do Albis em direção a Zug. ( <i>Über den Albis nach Zug</i> )	26
De Zug a Brunnen. ( <i>Von Zug nach Brunnen</i> )	32
De Brunnen a Altdorf. ( <i>Von Brunnen nach Altdorf</i> )	38
Subindo o Vale de Reuss. ( <i>Das Reusstal hinauf</i> )	45
Através do desfiladeiro e do Fibbia. ( <i>Auf der Passhöhe und der Fibbia</i> )	52
Descendo o Vale do Ticino. ( <i>Das Tessintal hinab</i> )	59
Lake Colden (s.d.). ( <i>Lake Colden</i> )	66
Algumas observações sobre as características da natureza dos Trópicos (1878). ( <i>Einige Bemerkungen Über tropischen Naturcharakter</i> )	67



As quedas-d'água (1880). ( <i>Die Wasserfälle</i> )	84
Sobre a arte de descrever a natureza (1888). ( <i>Zur Kunst der Naturschilderung</i> )	111
A paisagem alemã (1896). ( <i>Die deutsche Landschaft</i> )	127
Ciência e educação pública na Alemanha (1896). ( <i>Wissenschaft und Volksbildung in Deutschland</i> )	151
Parecer. ( <i>Gutachten</i> )	167
A montanha. Um estudo da morfologia da paisagem (1898). ( <i>Der Berg. Eine landschaftlich - morphologische Betrachtung</i> )	170
Paisagens lombardas (1898). ( <i>Lombardische Landschaften</i> )	179
Ajaccio: Uma página do diário córsico (1898). ( <i>Nach Ajaccio</i> )	185
A vida de um vendedor ambulante da Floresta Negra (1898). ( <i>Das Leben eines Schwarzwälder Hausierers</i> )	192
Aléria. Paisagem histórica (1899). ( <i>Aleria Historische Landschaft</i> )	196
A primavera no norte da Itália e na Córsega. Estudo da paisagem (1899). ( <i>Der Frühling in Oberitalien und Korsika. Landschafts studien</i> )	204
Cidades da Córsega (1899). ( <i>Korsische Städte</i> )	212
Sobre uma lei de criação e reprodução da paisagem (1900). ( <i>Über ein Gesetz landschaftlicher Bildung und Nachbildung</i> )	228
O espírito que paira sobre as águas (1901). ( <i>Der Geist, der über den Wassern schwebt</i> )	237
Nas montanhas Fichtel (1901). ( <i>Aus dem Fichtelgebirge</i> )	250
A água na paisagem (1901). ( <i>Das Wasser in der Landschaft</i> )	257

Terra e paisagem na alma do povo norte-americano (1902). ( <i>Land und Landschaft in der nordamerikanischen Volksseele</i> )	277
Amigos, o sublime não mora no espaço! (1902). ( <i>Freunde, im Raum wohnt das Erhabene nicht!</i> )	293
O panorama (1903). ( <i>Der Fernblick</i> )	298
I. O prazer da natureza e da arte. O panorama na pintura da paisagem. O primeiro plano. O sentimento da natureza no panorama. ( <i>Natur und Kunstgenuss. Der Fernblick in der Landschaftsmalerei. Der Vordergrund. Das Naturgefühl im Fernblick</i> )	298
II. O panorama de uma emoção e uma revelação. O singular e o todo, o sublime e o belo no panorama. A serra, um lugar em ruínas ou um mar? A beleza do panorama. ( <i>Der Fernblick ein Erlebnis und eine Entwicklung. Das Einzelne und das Ganze, das Erhabene und das Schöne im Fernblick. Das Gebirge eine Trümmerstätte oder ein Meer? Die Schönheit des Fernblicks</i> )	305
Lenau e a natureza (1903). ( <i>Lenau und die Natur</i> )	319
Num cristal de rocha (1903). ( <i>In einem Bergkristall</i> )	341
Uma visão geográfica da América do Norte. A nacionalidade alemã ( <i>Deutschtum</i> ) na América do Norte (1904). ( <i>Das Deutschtum in Nordamerika</i> )	358
Arte na natureza (1904). ( <i>Kunst in Natur</i> ). ( <i>Frühlingsblumen. - Stratuswolken. - Bildergalerien.</i> )	361
2. Escritos biográficos. ( <i>Biographisches</i> )	371
Ernst Hæckel (1872).	373
Para o centenário de nascimento de Karl Ritter (1879). ( <i>Zu Karl Ritters hundertjährigem Geburtstag</i> )	377
Oskar Peschel (1887).	429

<i>Eduard Pöppig</i> (1888). . . . .	449
<i>Moritz Wagner</i> (1895). . . . .	461
Sobre a morte de Eduard Vogels em Wadai (1896). ( <i>Über den Tod Eduard Vogels in Wadai</i> ) . . . . .	476
<i>Gerhard Rohlfs</i> (1897). . . . .	481
Em memória de Heinrich Noé (1898). ( <i>Zur Erinnerung an Heinrich Noé</i> ) . . . . .	490
Para a revelação da obra de Heinrich Noé em Bozano (1899). ( <i>Zur Enthüllung des Heinrich Noé - Denkmals in Bozen</i> ) . . . . .	497
<i>Bruno Hassenstein</i> (1902). . . . .	500
<i>Emin Pascha</i> (1903). . . . .	510
Memorial sobre a função de chanceler do império no caso de Emin Pascha (1891). ( <i>Eingabe an das Reichskanzleramt in Sachen Emin Pascha</i> ) . . . . .	519
Réplica (1891). ( <i>Antwort</i> ) . . . . .	521
Heinrich Schurtz. Nascido em 11 de dezembro de 1863, falecido em 2 de maio de 1903 (1903). ( <i>Heinrich Schurtz. Geboren am 11. Dezember 1863, gestorben am 2. Mai 1903</i> ) . . . . .	522
Desdobramentos internos (1873). ( <i>Inneres Entfalten</i> ) . . . . .	531

Volume 2

3. Contribuições para a geografia física, a etnografia e a antropogeografia ( <i>Beiträge zur physischen Erdkunde, Ethnographie und Anthropogeographie</i> ) . . . . .	XI
Sobre a Califórnia (1875). ( <i>Über Kalifornien</i> ) . . . . .	I
Introdução ao quadro geral das ciências naturais e da medicina em Munique (1877). ( <i>Zur Einleitung in die allgemeinen Verhältnisse Münchens in naturwissenschaftlicher und medizinischer Beziehung</i> ) . . . . .	19

A fisionomia da lua (1879). ( <i>Die Physognomie des Mondes</i> )	24
Apontamento histórico sobre o conceito de "Mediterrâneo" (1880). ( <i>Historische Notiz zu dem Begriff "Mittelmeer"</i> )	31
Sobre as condições geográficas e as consequências etnográficas das migrações dos povos (1880). ( <i>Über geographische Bedingungen und ethnographische Folgen der Völkerwanderungen</i> )	35
Sobre a formação de fiordes em lagos internos. ( <i>Über Fjordbildungen an Binnenseen. Nebst allgemeinen Bemerkungen über die Begriffe Fjord und Fjordstrasse und die nordamerikanischen Küstenfjorde</i> )	66
Sobre a origem das bonecas (1880). ( <i>Über die Entstehung der Erdpyramiden</i> )	82
Sobre a fotografia das paisagens alpinas (1885). ( <i>Über Photographien alpiner Landschaften</i> )	93
Para uma crítica dos pretensos limites das neves eternas (1886). ( <i>Zur Kritik der sogenannten "Schneegrenze"</i> )	94
A identificação dos limites das neves eternas (1886). ( <i>Die Bestimmung der Schneegrenze</i> )	110
O quadro geográfico da humanidade (1886). Nota sobre o Centenário dessa formação. ( <i>Das geographische Bild der Menschheit. Eine Zentennialbetrachtung</i> )	116
A influência das neves geladas no depósito de cascalhos e na formação de húmus (1887). ( <i>Der Einfluss des Firnes auf Schuttlagerung und Humusbildung</i> )	142
Para uma apreciação da antropofagia (1887). ( <i>Zur Beurteilung der Anthropophagie</i> )	150
Sobre as relações políticas no interior da África (1888). ( <i>Über politische Verhältnisse in Innerafrika</i> )	158

Fronteiras e zonas alpinas (1889). ( <i>Höhengrenzen und Höhengürtel</i> ) .....	173
1. A natureza das curvas de nível. ( <i>Die Natur der Höhenlinien</i> ) .....	173
2. As idéias de fronteiras alpinas. ( <i>Die Vorstellungen von den Höhengrenzen</i> ) .....	183
3. Os métodos de identificação. ( <i>Die Methoden der Bestimmung</i> ) .....	195
Sobre a medição da densidade das neves (1889). ( <i>Über Messung der Dichtigkeit des Schnees</i> ) .....	205
Nota sobre geadas (1889) ( <i>Notiz über Bodenreif</i> ) .....	209
<i>Fimflecken</i> [Manchas das neves geladas no topo das montanhas, sem tradução para o português] (1889) .....	210
Sobre o conceito "antropogeográfico" de profundidade histórica e gradação cultural da humanidade (1890). ( <i>Über die anthropogeographischen Begriffe Geschichtliche Tiefe und Tiefe der Menschheit</i> ) .....	215
Avalanchas nas montanhas Riseses (1890). ( <i>Lawinen im Riesengebirge</i> ) .....	235
Sobre algum ponto obscuro na glaciologia (1890). ( <i>Über einige dunkle Punkte der Gletscherkunde</i> ) .....	237
Breve relatório sobre a conferência acadêmica: Arcos africanos. ( <i>Kurzes Referat über den akademischen Vortrag: Bogen in Afrika</i> ) .....	246
Prefácio para as publicações científicas da Sociedade Geográfica de Leipzig (1891). ( <i>Vorwort zu den Wissenschaftlichen des Vereins für Erdkunde zu Leipzig</i> ) .....	248
A respeito das caneluras em Jura e áreas afins (1892). ( <i>Über Karrenfelder im Jura und Verwandtes</i> ) .....	250
A paisagem das caneluras. ( <i>Die Karrenlandschaft</i> ) .....	250
Caneluras em Jura. ( <i>Karren im Jura</i> ) .....	251

O significado dos casos de Jura e a propagação das caneluras. ( <i>Bedeutung der jurassischen Vorkommnisse und Verbreitung der Karren</i> )	254
Caneluras e húmus. Pedras de caneluras. ( <i>Karren und Humuserde. Karrensteine</i> )	255
A origem das caneluras. ( <i>Die Entstehung der Karren</i> )	257
Campos de caneluras e geleira. ( <i>Karrenfelder und Gletscher</i> )	261
O que fala contra a teoria das geleiras e das neves geladas? ( <i>Was spricht gegen die Gletscher und Firmitheorie?</i> )	263
Investigações de Lewis Morgan sobre o desenvolvimento do Estado (1894). ( <i>Lewis Morgans Forschungen über die Entwicklung des Staates</i> )	269
Sobre a posição geográfica. Uma consideração político-geográfica (1894). ( <i>Über die geographische Lage. Eine politisch-geographische Betrachtung</i> )	284
O ser da posição político-geográfica. ( <i>Das Wesen der politisch-geographischen Lage</i> )	284
Posição e espaço. ( <i>Lage und Raum</i> )	286
A identificação da posição político-geográfica. ( <i>Die Bestimmung der politisch-geographischen Lage</i> )	288
Ásia Oriental e os Estados Unidos (1895). ( <i>Ostasien und die Vereinigten Staaten</i> )	291
Povos e estados insulares (1895). ( <i>Inselvölker und Inselstaaten. Eine politisch-geographische Studie</i> )	294
Os Alpes e sua participação nos movimentos históricos (1896). ( <i>Die Alpen inmitten der geschichtlichen Bewegungen</i> )	311



O quadro político-geográfico dos países alpinos. ( <i>Das politisch-geographische Bild des Alpenlandes</i> )	311
A barreira dos movimentos históricos. ( <i>Die Hemmung geschichtlicher Bewegungen</i> )	316
A influência dos Alpes sobre a constituição dos Estados. ( <i>Der Einfluss der Alpen auf die Staatenbildung</i> )	318
A passividade política dos Alpes. ( <i>Politische Passivität der Alpen</i> )	321
Proteção e amparo. ( <i>Schutz und Rückhalt</i> )	324
A particularidade territorial da história alpina. ( <i>Die territoriale Eigenart der alpinen Geschichte</i> )	329
As grandes influências da construção serrana na formação dos estados. ( <i>Die grossen Züge des Gebirgsbaues in der Staatenbildung</i> )	331
Vales e suas paisagens. ( <i>Täler und Tallandschaften</i> )	335
Ligações transversais e desfiladeiros. ( <i>Querverbindungen u. Pässe</i> )	339
Etnografia e ciência histórica na América (1897). ( <i>Ethnographie und Geschichtswissenschaft in Amerika</i> )	347
As questões orientais (1897). ( <i>Die orientalischen Fragen</i> )	355
Questão naval e situação mundial (1897). ( <i>Flottenfrage und Weltlage</i> )	375
A expedição alemã ao Tiefsee (1898). ( <i>Die deutsche Tiefsee-Expedition</i> )	382
A origem do povo ariano do ponto de vista geográfico (1899). ( <i>Der Ursprung der Arier in geographischen Licht</i> )	391
Algumas tarefas de uma etnografia política (1899). ( <i>Einige Aufgaben einer politischen Ethnographie</i> )	402

I. Etnografia pura e aplicada. ( <i>Reine und angewandte Ethnographie</i> )	402
II. Terra e povo. ( <i>Land und Volk</i> )	404
III. A unidade do gênero humano na etnografia política. ( <i>Die Einheit des Menschengeschlechts in der politischen Ethnographie</i> )	409
IV. O julgamento dos povos. ( <i>Die Beurteilung der Völker</i> )	413
V. A sociologia e a etnografia política. ( <i>Die Soziologie und die politische Ethnographie</i> )	418
A hipótese de Kant-Laplace e a geografia (1900). ( <i>Die Kant-Laplacesche Hypothese und die Geographie</i> )	420
A posição geográfica das grandes cidades (1902). ( <i>Die geographische Lage der grossen Städte</i> )	437
Moradia, terra natal, protetorado e solo cultivável. ( <i>Wohnstätte, Heimat, Schutzgebiet und Nährboden</i> )	437
O conceito geográfico de "cidade". ( <i>Der geographische Begriff "Stadt"</i> )	438
Proteção da cidade. A muralha. ( <i>Die Umgebung der Stadt. Die Stadtmauer</i> )	440
A relação da cidade com as vias públicas afluentes. ( <i>Das Verhältnis der Stadt zu den einmündenden Verkehrswegen</i> )	441
O crescimento e a transformação internos das cidades. ( <i>Inneres Wachsen und Umgestalten der Städte</i> )	443
A cidade como fenômeno de represamento. ( <i>Die Stadt als Stauungserscheinung</i> )	446
As posições geográficas gerais e as particulares. ( <i>Die allgemeine und die besondere geographische Lage</i> )	450

A Hinterlândia da cidade. <i>Das Hinterland der Stadt</i> .....	452
A inter-relação entre as cidades. <i>(Die Lage der Städte zueinander)</i> .....	454
Divisão funcional das cidades. <i>(Teilung der Arbeit der Städte)</i> .....	456
Densidade populacional e grandes cidades. <i>(Volksdichte u. grosse Städte)</i> .....	457
A posição no crescimento das cidades. <i>(Die Lage im Wachstum der Stadt)</i> .....	459
Nacionalidades e raças (1903). <i>(Nationalitäten und Rassen)</i> .....	462
A antiguidade e a universalidade dos movimentos nacionalistas. <i>(Das Alter und die Allgemeinheit der Nationalitätenbewegungen)</i> .....	462
A questão racial na questão da nacionalidade. <i>(Die Rassenfrage in der Nationalitätenfrage)</i> .....	465
Incorporação e separação. <i>(Einverleibung und Absonderung)</i> .....	469
Raça e língua. <i>(Rasse und Sprache)</i> .....	470
Povos homogêneos e miscigenados. <i>(Einheitliche und gemischte Völker)</i> .....	472
A contradição e a transitoriedade nos movimentos nacionalistas. <i>(Die Widersprüche und das Vergängliche in der Nationalitätenbewegung)</i> .....	477
As grandes questões raciais. <i>(Die grossen Rassenfragen)</i> .....	478
História, etnologia e perspectiva histórica (1904). <i>(Geschichte, Völkerkunde und historische Perspektive)</i> .....	488
1. A ciência como região, e não como árvore genealógica. <i>(Die Wissenschaft kein Stammbaum, sondern ein Gebiet)</i> .....	488

2. A unidade do gênero humano ( <i>Die Einheit des Menschengeschlechts</i> )	490
3. Questões de pré-história e de procedência. ( <i>Vorgeschichte und Ursprungsfragen</i> )	492
4. A questão racial. ( <i>Die Rassenfrage</i> )	495
5. A etnologia na história. ( <i>Das Völkerkundliche in der Geschichte</i> )	497
6. A história na etnologia. ( <i>Die Geschichte in der Völkerkunde</i> )	501
7. A interpretação das relações entre história e a etnologia. ( <i>Die Auffassung des Verhältnisses zwischen Geschichte und Völkerkunde</i> )	503
8. Fatos e ordem cronológica. ( <i>Tatsachen und Zeitfolg</i> )	506
9. A cronologia e a história. ( <i>Die allgemeine Zeitlehre und die Geschichte</i> )	509
10. A cronometria histórica, estratigráfica e cosmológica. ( <i>Die historische, stratigraphische und kosmologische Zeitmessung</i> )	510
11. A perspectiva histórica como tarefa da cronologia. ( <i>Die geschichtliche Perspektive als Aufgabe der Zeitlehre</i> )	515
12. Ordenamento especial na história. ( <i>Räumliche Anordnungen in der Geschichte</i> )	521
Conferência de Günther: Objetivos, alvos e métodos da etnologia moderna (1904). ( <i>Besprechung von Günther: Ziele, Richpunkte und Methode der modernen Völkerkunde</i> )	526

O método geográfico aplicado à questão da terra natal original dos povos indo-germânicos (1904). ( <i>Die geographische Methode in der Frage nach der Urheimat der Indogermanen</i> ) .....	528
Sobre a questão da terra natal indo-germânica (1904). ( <i>Zur Frage der Indogermanen - Heimat</i> ) .....	537
Réplica a uma felicitação de aniversário de 30 de agosto de 1903. ( <i>Antwort auf einen poetischen Geburtstagsglückwunsch zum 30. August 1903</i> ) .....	543
Retificações. ( <i>Berichtigungen</i> ) .....	544

## APÊNDICE II

Wanklyn (*op. cit.*; p. 48-9) fornece a lista das aulas ministradas por Ratzel na Politécnica de Munique. Embora não esteja completa (foram excluídas as que apresentavam temas repetidos ou muito parecidos), serve para ilustrar a abrangência dos temas tratados:

1875-76	América Geografia comparada das regiões montanhosas
1876-77	Geografia geral da Europa Geografia comercial As colônias das potências europeias Geografia física
1877-78	Geografia humana As regiões polares América Austrália Ásia e África
1880-81	Grandes viagens de descobrimento
1881-82	Austrália e Polinésia
1883-84	Povos e países da Ásia
1884-85	Os povos americanos "Antropogeografia"
1885-86	A geografia e as viagens de descobrimento na Antártida Geografia e etnografia da África Princípios da geografia política Viajantes alemães e relatores de viagens dos séculos XVI e XVII.

Lista dos cursos ministrados por Ratzel em Leipzig (até 1901-02 WANKLYN, *op. cit.*; p. 49-50, daí em diante BUTTMANN, *op. cit.*; p. 137-8):

1886-87	Antropogeografia Neves, neves geladas e geleiras
1887-88	Tópicos selecionados da geografia alpina com instruções para observação A colonização das terras africanas Introdução à geografia política Geografia política da Europa
1888-89	Antropogeografia com demonstrações no Museu de Etnografia Alemanha e seus vizinhos Estados não europeus e suas colônias Os Alpes
1890-91	Geografia política geral com especial referência aos estados europeus e suas colônias África Alemanha e o território dos alemães
1891-92	Geografia geral, incluindo princípios da biogeografia

- 1892-93 Geografia da Alemanha e França  
Sinopse das condições naturais e demográficas da África
- 1893-94 Terras e povos mediterrâneos  
Geografia física  
Sinopse dos estados mais importantes da Europa
- 1894-95 Morfologia da Terra  
Princípios da etnografia política
- 1896-97 Climatologia e hidrografia  
Sinopse da literatura de viagens  
Paisagem natural e histórica
- 1897-98 A influência do ambiente na história  
Poder mundial da Inglaterra e política  
Paisagens e cidades da Europa Central
- 1898-99 Biogeografia  
Alemanha e Europa Central (ilustrações fotográficas)  
As rotas de transporte mais importantes
- 1899-1900 Introdução à morfologia e hidrologia (ilustrações fotográficas)  
Oceanografia e climatologia  
Principais centros comerciais fora da Europa, a política alemã e as relações comerciais com eles  
Princípios do estudo da paisagem e da natureza (ilustrações fotográficas)
- 1900-01 Alemanha e Europa Central Alemã  
Geografia geral: continentes, ilhas e formas do terreno  
Países e povos europeus
- 1901-02 Geografia dos mares e rios  
Geografia dos transportes  
A ciência do assentamento dos povos  
Biogeografia e introdução à antropogeografia  
Geografia política e econômica dos estados não-europeus
- 1902-03 Introdução à geografia: métodos, história e sinopse  
O império alemão e os vizinhos da Europa Central  
O Oceano Atlântico e a potência atlântica  
Concepção e representação científica da paisagem
- 1903-04 As formas do terreno e sua origem  
O Oceano Índico, suas cercanias e ilhas  
Geografia da hidrosfera da Terra  
Estados e povos europeus  
Espaço e tempo na história da Terra e dos povos
- 1904-05 O Império alemão e a Europa Central: natureza, povos e estados.



100005734

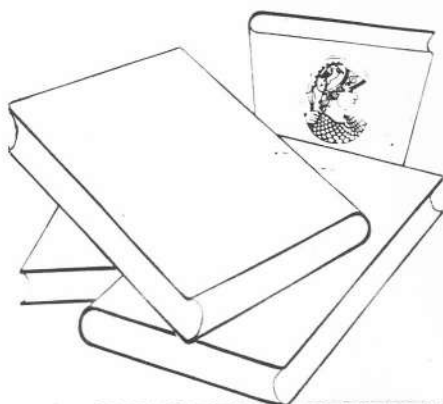


T  
1106  
M386F

MARTINS, LUCIANA DE LIMA.

043107-9  
BC

FRIEDRICH RATZEL ATRAVES DE UM  
PRISMA.



BIBLIOTECA CENTRAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS MATEMÁTICAS E DA NATUREZA